FON FON

ANNO XXVII N. 35
RIO, 2 DE SETEMBRO DE 1933
PREÇO 1$000

INVENTARIO
00.146.000-5

O CONTO BRASILEIRO

O LUDIBRIO

De Gomes Netto

PARA os individuos que habitam longe dos grandes centros populosos, a fascinação que sobre elles exercem as amplas avenidas, de asphalto espelhante e arvores geometricas, esguias e erectas, pincelando de chlorophyla o azul do céo, tem a força absorvente de um iman...

Na imaginação conturbada com o espectaculo deslumbrante das areias da praia, que, num colleio de serpentina, parece affagar a cidade por entre beijos espasmodicos do mar — o velho e indomavel leão que ruge do Flamengo a Copacabana, Fagundes Capella entrevia, na marcha veloz do combolo resfolegante, esse Rio adorado e largo de emoções como o proprio oceano, tão seu familiar através as narrativas coloridas dos novellistas e romanceadores.

Ia elle, emfim corporificando uma chiméra que se renovava todos os annos, como a Primavera, conhecer o cosmorama da "urbs" maravilhosa, um anseio até então louco e inattingivel.

Por isso, quando o joven montanhez se viu atirado á onda humana, que se contorcia, na Avenida Rio Branco, após ter apeado de um "taxi", para seu espirito de insatisfeito constituia uma coisa sublime deixar-se arrastar, ás tontas, e pisar-se barbaramente pela multidão apressada de pedestres.

Como era magnifico casar o sonho á realidade estupenda que lhe entrava pelos olhos a dentro, escancarados de alegria e surpreza!

O tio, que o mandára chamar, para assumir a direcção da fabrica, havia de estar furioso, áquella hora, cansado de esperal-o, mas, pelos calculos feitos, teria de aguardar o trefego sobrinho por muitas horas ainda.

Quasi á rua do Ouvidor, Fagundes atropelou uma dama que sahia, despreoccupada, de uma casa de modas — a tentação feita mulher — e, ao proferir banalissima desculpa, estacou, galvanizado pelo espanto.

— O senhor! Eis que o encontro, depois de tamanha inquietação, e em que circumstancia!... Gratissima para a minha alma...

E num suspiro prolongado:

— Si soubesse o quanto me tem feito soffrer o seu exasperante insito! As vigilias, as noites infindas que tenho passado ao seu lado... Não... ao lado de seus inflammados livros...

— Porém... — arriscou Fagundes.

— Oh! não me diga nada; sei-o extremamente modesto e retrahido. Deixe-me sonhar de olhos abertos, e embriagar-me com o seu encanto de homem e artista... O senhor, desde que escreveu o seu "Amôr occulto", ficou sendo o meu verdadeiro marido. Comprehendeu? O espiritual, aquelle que é meu legitimo senhor e dispõe de minha alma e... de tudo mais!...

A senhora. — Que foi fazer em casa o teu companheiro?
O ajudante. — Foi buscar as peças do xadrez.

Agora, impellidos por uma força instinctiva, caminhavam juntinhos, um apoiado no braço do outro, como dois velhos companheiros...

A' porta do Pathé, ella, sempre loquaz e interessante, entremostrando o fio aperolado dos dentes miudos e muito brancos, manifestou desejo de repousar. Achava-se fatigadissima. Ademais, andára a tarde inteira, fazendo pequenas compras, e se sentia sem animo para caminhar. Preferia tomar um auto e rumar para casa.

* * *

Tudo corria bem, á maravilha, para o afortunado rapaz; porém, a idéa de que estava passando pelo que não era o obrigava ás mais curiosas conjecturas.

Deveria confessar-lhe a verdade?

Naturalmente isso seria o ruir de um bello e promissor romance, e elle não estava disposto a deixar escapar tão fagueira opportunidade.

Mas nas mãos della, frias e nervosas, emquanto o vehiculo deslisava, Fagundes pensava, meio confuso, no estranho escriptor, seu sósia, em nome do qual iria receber excepcionaes homenagens... E chegou a sentir-se infame, porque não tinha coragem para desfazer o equivoco e evitar aquelle ludibrio, já inevitavel...

Chegados á residencia della, um "bungalow" plantado de gardenias e rosas escarlates, o heróe improvizado sentiu-se alvo de novas demonstrações de carinho e, dentro em pouco, ainda que á sua consciencia repugnasse, era obrigado a autographar varias obras "suas"...

Depois... o delirio, o céo que baixa á terra, num repente louco; duas boccas que extertoram e se fundem num longo e impressivo beijo...

No minuto em que o universo perde a sua expressão dynamica, e parece enlanguescer nos braços impalpaveis da volupia, o amante fortuito não poude mais supportar o fardo da grande mentira.

— Que... ri... da... Perdôa-me... Eu não sou o escriptor X... A... mo... te...!

Em vão. Ella não pensava quem pudesse ser aquelle homem, nem os seus sentidos estavam em condições de entendimento. Si havia ludibrio, abençoado ludibrio aquelle, que a fazia, no singular throno, maior que uma rainha e bella como uma divindade grega...

Hypersensibilizada, já agora pouco se lhe dava que o desconhecido fosse Pedro ou Paulo, pois que todo o seu sêr era um violino soluçante, apaixonadamente, no crepusculo manso e subtil, a aria formidavel do Amôr...

A ETERNA JUVENTUDE DO AMOR

Dos acontecimentos do periodo gymnasial o inspector escolar general Ighe tinha guardado na urna da memoria este unico: uma quinta-feira de manhã, durante a lição de philosophia, os seus pensamentos fugiam para longe da aula, e as theorias de Cartesius, que elle ouvia vagamente o professor explicar, não se harmonizavam em nada com o azul do céu primaveril que se entrevia no recorte da janella. O estudante Ighe pensava sómente num alegre acontecimento que o esperava. No domingo proximo estava convidado para ir á casa de certo amigo seu que tinha uma irmã. O nome desta, Helena, se casava maravilhosamente á musicabilidade dos versos que elle compunha em segredo. Finalmente, teria uma occasião para passar um dia inteiro perto della, e tal pensamento lhe dominava a mente. O moço pensava na cabelleira loura da rapariga e tinha a impressão de que a voz dôce dessa creatura lhe resoava aos ouvidos como um cantico luminoso.

Essa Helena de dezeseis annos o tinha conquistado. Não demonstrava nenhuma indisposição para com elle! E Ighe já estava convencido, para ser sincero, de que poderia receber della, si tivesse para isso a audacia necessaria, pelo menos um beijo. Um beijo só ao cabo de um dia inteiro... Realmente, não se podia dizer que suas aspirações fossem exaggeradas. Mas elle sabia que os caçadores de ouro ficam satisfeitos quando numa tonelada de rocha acham uma veia só do nobre metal.

Helena! Como era mais suave pensar nella do que na philosophia! No cerebro do estudante Ighe dançou uma idéa luminosa: abriu o canivete e começou a cortar no banco o nome fascinador. O canivete era afiadissimo e a madeira tenra, mas não mais tenra que o coração daquelle joven artista.

— Ighe, tu não estás atento! Que fazes?

O professor percebêra-lhe a manobra.

— Ah, então é assim, não? — exclamou elle, aproximando-se. (O tom da sua voz não promettia nada de bom.) — E' assim que respeitas a propriedade do Estado? Muito bem! Depois da hora da aula farei a queixa ao senhor director...

A falta era grave e o presidente castigou o philosopho desobediente com um dia inteiro de reclusão. No domingo seguinte, em vez de ir ver Helena e, de accôrdo com o seu plano, beijál-a, o joven Ighe teve de ficar traduzindo cem versos de Virgilio; e, caso estranho, indicaram-lhe um trecho em que se falava de uma certa deusa que estava penteando a cabelleira loura á beira do mar que lhe servia de espelho.

Para vingar-se do dia perdido, ao fazer o castigo, Ighe commetteu voluntariamente erros sobre erros. Que lhe importava aquella deusa? que podia significar para elle a sua cabelleira em confronto com a daquella que elle amava? Uma vulgar estriga de canhamo, nada mais...

Como estavam longinquos aquelles tempos! Entretanto, o inspector Ighe não tinha esquecido a sua aventura, porque naquelles dias soffreram muito. Depois, naturalmente, elle proprio se tinha tornado professor e alto funccionario ministerial... E Helena? Esta era agora sua esposa e com os annos a loura cabelleira de nympha perdêra muito do seu esplendor e tambem um pouco daquella rara coloração.

Elle, entretanto, conservava uma medalha que levava sobre o coração uma madeixa da cabelleira juvenil que tinha o esplendor do ouro. E quando fazia os seus giros de inspecção, nunca deixava de visitar o pequeno gymnasio em que outróra tinha estudado.

Aquella manhã, quando se dispunha a inspeccionar as classes, o sr. Ighe escutava com grande attenção as queixas do director:

— Ah, senhor inspector geral! Em que tempos horriveis vivemos! Os nossos rapazes não sentem a menor attracção pelos livros, como sentiamos nós quando eramos jovens. Para elles os livros não teem mais nenhuma importancia. E se sentem attrahidos pelo foot?

De P. Nezeloff

pelo tennis e pelo box. Os encontros de campeonato não os deixam nem ao menos dormir, e quando dormem, sonham com os campeões. Não falam noutra cousa sinão no sporte. Não sabem de côr uma linha das lições, mas em troca sabem dar as mais detalhadas noticias sobre todos os acontecimentos sportivos do domingo passado. Na nossa mocidade nós seguiamos com interesse as nobres batalhas da sciencia e da intelligencia: a juventude hodierna se enthusiasma somente com as victorias deste ou daquelle "team"... O sporte tornou-se mais importante do que os livros. Que tempos horriveis!

O director suspirou, caminhando na direcção da aula em companhia do sr. Ighe. Para incutir respeito nos alumnos, o director tossiu duas vezes e elevou o tom da voz; mas, apesar disto, a algazarra dos rapazes não cessou. Esconderam apressadamente os jornaes sportivos em torno dos quaes tinham disputado animadamente e depois olharam os professores com ar manso e receioso das lebres recem-sahidas do esconderijo.

O inspector geral entrou na classe bem no momento em que o director se estava dirigindo com ar [illegible] um dos alumnos:

— Arthur, [illegible]e estás fazendo? [illegible] algum nome no [illegible], então, que te pre[illegible] licença... causando damno á propriedade do Estado? Eu te castigarei: ficarás preso todo o domingo traduzindo em versos de Virgilio...

O director estava, evidentemente, satisfeito por ter podido demonstrar o seu zelo na presença do inspector. Este se approximou do accusado e olhou para o banco. Subitamente, teve a impressão de que uma corrente electrica lhe atravessava o corpo. No banco viu gravado o nome "Helena". O nome estava já muito enegrecido; perto delle, talhado de fresco, destacava-se claro o nome "Dinorá".

O estudante Arthur a principio enrubesceu, depois ficou pallido. Olhou nos olhos do inspector-geral Ighe, o qual por sua vez leu no olhar do joven o pensamento terrivel: "Domingo, de castigo... não poderei vêl-a!"

Um facto perfeitamente igual tinha acontecido muitos annos antes ao inspector-geral. Neste pallido joven elle revia a sua pessôa no tempo da longinqua juventude; tambem o seu coração tinha palpitado do mesmo grande amôr e o seu olhar tinha exprimido o mesmo sentimento. "Não poderei vêl-a...!" O inspector-geral sentiu por aquelle joven uma attracção quasi paterna.

Para examinar os deveres, tomou um caderno que estava deante de Arthur, mas a mão deste moveu-se, rapida, como si quizesse impedir o inspector de abril-o.

Já nas primeiras paginas do caderno havia versos: poesias de amôr e sonetos nos quaes apparecia frequentemente o nome "Dinorá".

O joven poeta baixou a cabeça esperando uma aggravação da penna. Mas em vez disso ouviu uma voz affectuosa, tremula:

— Joven, estes versos não são mal feitos... vê-se que sabes usar da lingua com habilidade... Mas não deves estragar os moveis escolares... Si me promettes sinceramente que não farás mais uma tal cousa, pedirei ao senhor director que te perdôe a falta e que annulle o castigo que te conferiu.

— Este sim é que é batata! — murmurou um alumno ao companheiro proximo.

Fingindo não ter ouvido a observação, o inspector geral sahiu da aula. Estava contente comsigo mesmo e sentia irradiar-se de seu coração como que um fulgor de juventude.

— O senhor póde mudar em parte as suas opiniões, senhor director, — disse, quando se acharam ambos no corredor. — Quando o *football* e o tennis estiverem já esquecidos neste mundo, o amôr será ainda, como sempre, joven...

Aquillo succedeu, á como costumam succeder todas as desgraças: inesperadamente, em um dia qualquer. Francisco entrou em sua casa e não encontrou a esposa. Não havia luz nos aposentos. Na cosinha não ardiam as bravas chammazinhas do gaz. E o coração de Francisco começou a pulsar aceleradamente. O bom homem teve primeiro um presentimento trágico: imaginou Cecilia inanimada no asphalto de uma central, coberta de sangue, derrubada por um omnibus... Ligou a luz. Na pequena mesa da cozinha havia um enveloppe. A primeira inquietude foi substituida por outra. Com mãos tremulas rasgou o enveloppe. A carta dizia:

Meu adorado Francisco. — Parto para sempre. Lutei desesperadamente, juro-te, para não ceder. Mas sinto-me vencida. Amo outro homem com todo meu coração. Perdoa-me! E recebe, com esta carta, meu ultimo beijo.— Cecilia.

O RIVAL MORTO

Francisco releu a carta trez ou quatro vezes. Depois, passo vacillante, foi para seu aposento. E verificou que Cecilia só havia deixado nas gavetas o que pertencia ao esposo.

Sentou-se á beira do leito, e procurou comprehender o que significava tudo aquillo, qual era o sentido exacto daquella carta. Uma mulher uma esposa não póde abandonar o lar assim, sem motivo. Ainda aquella manhã, Cecilia lhe havia dito, como tantas outras vezes, que o queria muito, muitissimo. E depois o acompanhára até a porta, dando-lhe um beijo. Que succedêra, durante o dia, que justificasse aquella carta?... Havia quinze dias não tinham uma briga séria...

Não. Não podia ser. Cecilia regressaria, e daria ao esposo todas as explicações necessarias. E Francisco não duvidava que ainda lhe seria possivel comprehender, justificar, perdoar a conducta de Cecilia. Releu a carta mais uma vez. E esperou. Esperou que Cecilia voltasse essa mesma noite.

Mas Cecilia não voltou. O relogio foi dando as horas da noite, essas horas terriveis que se annunciam discretamente, com uma ou duas badaladas, como si temessem despertar as pessoas que dormem. Muitos automoveis atravessaram a rua, mas nenhum se deteve deante da porta daquella casa. E, ao amanhecer, extenuado, Francisco se deixou cahir sobre o leito e rompeu a chorar.

Quando despertou, o sol entrava no aposento. A luz da lampada electrica era ridicula, absurda, naquella claridade. Francisco surprehendeu-se, a principio, vendo-se vestido. Depois recordou o que havia succedido. Desdobrou a carta que conservára amassada na mão, durante o somno, e a leu mais uma vez. Não. Cecilia não regressára. Cecilia não regressaria...

Francisco começou a caminhar pelo apartamento. Foi á cozinha. Esquentou um pouco de café. Ia beber o primeiro gole, quando o ruido da campainha o fez estremecer. A chicara cahiu-lhe das mãos. As pernas se lhe dobraram. Numerosos martelos bateram-lhe no coração, na cabeça, no peito.

— E' ella!...

E elle sentiu, ao ouvir suas proprias palavras, uma alegria immensa, transbordante.

— Cecilia!... Cecilia!... — gritou, emquanto corria para a porta, afim de abril-a.

Nesse momento havia esquecido tudo: a carta, a noite que Cecilia passára, certamente, com outro homem. Cecilia regressava! Cecilia regressava!... Era isso que importava!...

Abriu a porta.

Era a porteira, que trazia a correspondencia. Francisco teve a impressão de que lhe vibravam um murro brutal no peito. Poz-se a chorar como um menino, sem pudor, sorvendo as lagrimas que lhe rolavam, rápidas, pelas faces até a commissura dos lábios.

— Que tem, senhor Fabrier?... Sente-se mal?... Chamarei sua senhora...

Francisco disse que não, com a cabeça. Depois, balbuciou:

— Minha mulher foi embora... Suppuz que era ella quem batia na porta... Entende?...

A porteira murmurou algumas palavras de estranheza e de consolo. Deixou a correspondencia sobre uma cadeira do vestibulo, e retirou-se, cabisbaixa.

Francisco permaneceu um momento apoiado na porta fechada. Por fim, sentindo-se como que ébrio de lagrimas, foi lavar o rosto. Bruscamente, rasgando a toalha com que se preparava para enxugar o rosto, gritou:

— Não!... Quero-a muito!... Cecilia voltará!... Voltará, porque sabe que a quero como ninguém jamais a quererá!

* * *

Passaram-se os dias. O bairro foi amplamente informado, pela porteira, da desgraça que torturava Francisco Fabrier. Mas este não

reparava nos olhares piedosos e trocistas dos vizinhos: adquirira uma serenidade, inexplicavel tão estranha e inexplicavel como a propria fuga de Cecilia.

Francisco não experimentava dôr alguma. Esperava. Cecilia regressaria. E, por isso, o esposo não se sentia irritado. Não pensava siquer no outro homem, nesse desconhecido que beijava e acariciava sua Cecilia.

E a felicidade chegou como chegam todas as felicidades: em um dia qualquer. Francisco sentára-se á mesa para o seu almoço simples, quando bateram á porta.

— E' ella... — pensou.

Correu a abrir. Era Cecilia, effectivamente. Uma Cecilia pállida, medrosa, que se encolhia, friorenta, em seu agazalho: um agazalho que Francisco nunca vira nella.

— Tú ?!... Cecilia!... Até que emfim!...

A emoção de recuperál-a e o orgulho de haver triumphado sobre o rival desconhecido disputavam o espirito de Francisco. Abraçou Cecilia, beijou-a no pescoço, na bocca, nos cabellos. Só se interrompia para olhál-a nos olhos. Cecilia parecia desconcertada. E, afinal, foi ella quem resolveu falar:

— Francisco... Francisco... Perdôas-me ?... E' verdade que me perdôas ?... Que vergonha eu sinto Francisco !...

— Cala-te ! Cala-te !... Voltaste... Isso é o que me interessa... Eu sabia que voltarias para nossa cazinha... Tudo será como dantes... Eu te esperava... Comecei a esperar-te desde o momento em que li tua carta... Vem... Senta-te em teu logar de costume... como si nada, como si absolutamente nada houvesse succedido...

Francisco beijava-lhe as mãos, acariciava-lhe os hombros, a nuca. Dir-se-ia que era ella que perdoava a elle. E o bom homem ria, sentia desejos de saltar, de correr. Aguardára durante tanto tempo esse instante de felicidade e de perdão !...

Cecilia sentou-se á mesa. Francisco estreitou-a nos braços, embalou-a como a uma criança, como a uma boneca.

— Cecilia, minha Cecilia !... Vamos, não chores !... Nunca falaremos do passado... Amo-te muito, muito, e não quero que chores... Foste fraca. Não importa. Todos nós podemos ter, na vida, um momento de fraqueza... Mas agora... ficarás aqui, commigo, para sempre, para sempre!

— Não! — gemeu Cecilia. E' necessario que saibas, Francisco... Tú és muito bom, muito bom... Eu vim, mas não suppunha que me amasses tanto... Perdôa-me... Peço-te, supplico-te que me perdôes...

— Cala-te... Não me digas nada... Não perturbemos com palavras a ventura deste momento.

— Foste vingado, Francisco... Sim; vingado... Foi uma coisa atroz... Elle morreu nos meus braços...

Um blóco de gelo formou-se repentinamente no peito de Francisco. Como ? Que dizia Cecilia ?... Morreu em seus braços ?...

— Não ! Elle nunca poderia imaginar isso. Quando pensava com orgulho no triumpho de seu amor, quando suppunha que Cecilia regressaria ao lar, não suspeitava que obteria essa victoria sobre um rival morto, sobre um cadaver. E agora, ao ouvir a phrase de Cecilia, notava pela primeira vez que fôra trahido, que fôra duplamente enganado em seu amor e em sua fé.

— Morreu ?... Que dizes ?... Morreu ? ..

Cecilia soluçou:

— Sim... Hontem... Foi enterrado esta manhã...

Francisco retrocedeu, mas sem retirar a mão que apoiára no hombro da esposa.

— Então... voltas... porque elle morreu ?.

E Cecilia foi ingenua, como todas as mulheres que soffrem:

— Quando sahi do cemiterio, julguei que ia enlouquecer... Pensei em matar-me .. Fui á beira do rio... Mas o dia era formoso... O sol brilhava nas ruas... Tive medo, muito medo de morrer... E lembrei-me de ti, de tua bondade... Não cheguei porém, a esperar tanto..

Cecilia tomou-lhe as mãoos para beijal-as. Mas Francisco as retirou, rápido, brusco:

— Voltas... porque elle morreu, não é verdade?... Do contrario não estarias aqui, não o terias abandonado... Fala!... Dize a verdade!... Confesas!... Vieste para aqui porque não tinhas para onde ir!...

Cecilia vacillou. E, aterrorizada pela estranha voz de Francisco, por seu olhar acceso e hostil, balbuciou:

— Querido... Não sei... Não sei... Sei apenas que te amo...

— Mentes!... Mentes!... Si me amasses, terias voltado quando elle ainda vivia!... Quando podias escolher entre elle e eu!... E eu,

(*Continúa na pag. 8*)

VOCÊ NÃO QUIZ...

FIQUEI esperando você. Estava perfeitamente compenetrado de que você não viria. Mas não importava esperál-a mais algum tempo. Você me promettêra. E podia ser mesmo que você viesse. Aquelle recado apressado talvez fosse o inicio dum enlevo novo para uma nova conquista quasi inconsciente.

Fiquei esperando ali, olhos fixos num relogio horrivel de uma torre azul. Eu queria você, somente os seus olhos, a sua boquinha, a sua voz, que eu ainda não conhecia. Quem sabe lá si poderiam ser differentes dos que meus olhos cançados reflectiam todos os dias e os meus labios experimentaram tantas vezes... Sei somente que queria tudo o que fosse seu, só muito seu.

Eu havia de ficar com os meus olhos profanos em tudo o que você tivesse para me mostrar.

A todas as garotas que passavam eu tinha a mesma vontade estupida de perguntar si já tinham visto alguma vez o seu sorriso... Mas, desgraçadamente, só lhe sabia o nome. O nome, o vestidinho branco com que você jurou ir a esse encontro e os seus cabellos côr de fogo, que deviam ser como chammas na sua cabecinha louca. Só. E tinha tambem o desejo estupido de gritar. Tinha e não tinha. Sei lá... Aquella gente toda, que passava por mim, dava-me uma raiva damnada, raiva que escondia a minha ansia de vêr você, olhar você, saber quem era você.

Mas, você tardava. Com certeza, — oh! que miseria! Nunca devia ter ido —, você deveria estar rindo da minha ingenuidade de ir esperál-a. Mas, fui... Fui para sentir o desprezo de uns olhos castanhos e o infernal compasso de dois ponteiros. Dois ponteiros que se mexiam de vagar, com todo o indifferentismo das machinas sem compostura e banaes...

Que accesso de idiotice me deu! Que vestido branco, que nada!... Desse eu o fóra dali que era melhor. Quem lá haveria de me querer com aquella cára magra e aquella apparencia indecente! Comtudo, continuei ali. Havia alguma coisa de delicioso naquella espera. E batia o salto na beirinha da calçada. Batia, batia e nada... Foi quando, desesperado, olhei o relogio, os globos opacos se illuminarem, e comprehendi que você não vinha de facto. Tive pena de mim mesmo. Vim caminhando com uma raiva louca

O RIVAL MORTO

(Continuação das pags. 6 e 7)

estupido, acreditei em ti, acreditei em teu amôr, perdidamente... Nunca duvidei de ti nem de teu amôr! Entendes?... E nunca duvidei tambem, que te amava, que te amaria sempre, apesar de tudo!... Mas agora... Basta, basta, basta!...

Sua voz era terrivel. Francisco comprehendeu que nunca conseguiria saber si Cecilia voltaria com o amante vivo. Uma existencia abominavel se perfilou, subito, deante de seus olhos: uma existencia que estaria feita de mentiras, de lagrimas, de astucias, de falsidades. Cecilia se esforçaria para demonstrar a sinceridade de seu arrependimento e de seu amôr. Mas elle já não podia crêr nella. A duvida interpunha-se entre elles para sempre. Quando Cecilia fugiu, deixando-lhe aquella carta, Francisco continuou considerando-a sua esposa, sua esposa querida, sua companheira ausente. Mas agora Cecilia era uma estranha, uma inimiga cujo coração estava carregado de indecifraveis segredos.

— Vae-te!...

O grito foi tão inesperado, que Cecilia elevou para Francisco seus olhos espantados e dolorosos.

de você. Vim sem saber porque. Tambem para que saber? O certo é que qualquer coisa se revoltava dentro de mim. Revolta passiva que péde uma mesa de bar e musica. Entrei para o *cocktail* que você não quiz vir saborear commigo.

Então, comecei a comparar você, que eu nunca conheci pessoalmente, com todas as garotas louras que passavam fingindo sorrir. Rodei a cereja nos bordos do calice, humedecendo-a no *martine*, e amassei-a entre os dentes, como amassaria seus labios carnudos. Que labios você deve ter!... E que perfume bom você deve usar! Como deve ser gostoso cheirar os seus dedos, as suas luvinhas brancas, salpicadas de carmin! Você deve ter as mãosinhas muito brancas, umas unhas alaranjadas que devem espetar duma maneira tão bôa. Já sei. Você deve dizer as palavras como nenhuma outra ainda me disse. Deve suspirar muito e ficar olhando os olhos da gente muito espantada, com as palpebras encolhidas e umas pestanas curtas e cheias de pello, sempre muito bem aparadinhas...

Que vontade me deu agora de ficar esperando você de novo! Estou sentindo os seus olhos nos meus. Parece que ainda estou sentado deante daquelle calice sem saber si engolia o vinho ou si pensava em você. Tenho a impressão nitida de que você esteve a meu lado naquella tarde fria. Sinto eu mim um calor estranho, que está vindo de fóra, de alguma coisa que é o meu desejo insatisfeito, que é a significação da minha espera de todos os dias...

Como devem ser lindos os seus braços, as suas orelhas bem recortadas! Ah, si você tivesse ido! Como teria sido esplendida aquella tarde para nós dois! Mas você não quiz. Preferiu deixar mais essa duvida commigo. Fez com que as tardes nubladas tivessem para mim mais amargura e mais tintas de saudade, saudade do que nunca foi meu...

Ficarei pensando para sempre nesse encontro que você não quiz que se tornasse realidade para o meu gôzo de solitario que faz da vida uma mentira.

Não importa, minha garota: você será como todas as outras que prometteram e não vieram nunca... Sempre com aquelle vestidinho branco, uns cabellos louros e uns olhos arregalados a interrogar os olhos da gente...

De J. M. Brinckmann

— Vae-te, infame! — insistiu Francisco. — Vae-te!... Que pensaste? Que eu podrei recebe-te em minha casa e ter-te a meu lado?... Vae-te, vae-te!...

— Francisco... Perdôa-me!... Tem pena de mim!... Quero ficar comtigo...

— Vae-te!... Agora sim, és livre, definitivamente livre!... Pódes fazer o que bem quizeres!... Pouco me importa que morras de fome! Odeio-te!... Comprehendes?... Odeio-te!...

A voz era implacavel. Voz que vibrava de dôr com a mesma violencia com que pouco antes soluçára de praser.

E Cecilia, comprehendendo que naquella voz havia uma resolução irrevogavel, avançou para a porta. Era já uma mulher vencida: um desses párias que, tarde ou cêdo, procuram o refúgio dos suburbios ou dos cáes. Ao sahir, deixou a porta aberta. Francisco fechou-a com um pontapé. Depois se aproximou da janella e abriu-a.

A rua estava cheia de sol. A temperatura era morna, agradavel. Francisco viu Cecilia afastar-se: pequena, diminuta, como uma formiga cansada. Na esquina, dobrou sem voltar a cabeça. E então Francisco respirou profundamente, com essa especie de embriaguez beatifica que experimentam os homens quando realizam um acto de justiça.

Depois tornei a vêl-a... Infeliz!... Fui ao cinema... Quando a vi duas vezes, quiz têl-a mil... Quiz vêl-a diariamente ao meu lado, a vida toda. Eu me julgo pertencia [illegible] Era inteiramente della... O [illegible] ne não deixava [illegible]... Na [illegible] tremidade do fio que nos prendia, ella estava vigilante, [illegible] ando- [illegible], depenando-[illegible] as [illegible] fantasia, [illegible] capricho, [illegible] da [illegible]. Desse modo, eu passei [illegible] automato ás mãos que me acariciavam, com o pensamento errante como a vontade della."

— E' quasi incrivel tanta perversidade numa alma de mulher.

— Eu tambem cheguei a pensar assim... Mas, a extremidade do amôr tem delirios de loucura, e um escriptor e uma poetisa podem mergulhar nelles...

— O estudo está extremamente forte.

— Não acho. Noto que, ao escrevêl-o, me faltaram as côres verdadeiras, a fôrma exacta, as expressões medidas, as emoções experimentadas, tudo isso que eu e ella nunca dissemos, mas que constituiu a vida da nossa propria vida. Não sei si para fazêl-o mais realista, eu deva, como Bilac, recordar o exemplo de Taís, a divina siciliana, quando, cheia de amôr e de belleza, desafiou o Areopágo!... Sim, meu amigo, eu tambem fui um novo Xenocrates. A differença é que ella me venceu!... Ao primeiro contacto, feito escravo, avisei-a de que o meu amôr era como uma fruta summarenta, muito saborosa, — especie de essencia embriagante, requintada, finissima... Amôr espiritualidade!... Amôr estheta do sentimento, e que, uma vez provado, nunca mais se esquece. E ella combinou em carta:

"Que feliz serei ao teu lado, tão differente dos outros homens... Ahi eu viverei a tua mesma vida... Com o teu amôr eu me plasmarei nos teus poemas e estuarei, soberba, revôlta, como uma caudal

Demonio Loiro

(Continuação do numero anterior)

immensa de luz jorrando incendio dentro do Templo lyrico da idéa de onde nasce a fonte maravilhosa do Amazonas do teu pensamento!... Todas as minhas emanações serão tuas e toda a sensibilidade dessa alma requintadissima de esthéta será para mim o sonho de noivado

— Vim para lhe cobrar a conta. Minha mãe disse que eu não voltasse sem a ter recebido.

— E ella te reconhecerá si te vir com uma barba grande, muito grande?...

que eu agora engrinaldo com as flores virgens de meus versos. Ah! como será eterna a nossa felicidade!... Eu ao teu lado, amada e divina, fremindo ao contacto perfumado de teus beijos!..."

— E hoje, Fernando?

— Ah! continua o mesmo frasco de perfume que ninguém conhece... E tudo está acabado entre nós... Ella acabou tudo... Mandou buscar todas as cartas que escrevera... e mandou dizer-me que tinha odio de mim.

— Por que?

— Porque fui sincero... Porque pensei que ella não me tivesse illudido... Porque não consenti que o meu amôr baixasse. A ultima vez que ella me falou pelo telephone foi terça-feira, advertindo-me com um alcance que eu não percebi:

"— [illegible], escuta: Si até sexta-feira não tiveres noticias minhas, escreve ao papae... Eu soffro immenso por ti... Olha, escuta: toma!... E' toda a essencia de meu amôr... Com isso, eu mando-te todas as minhas saudades... Não me esqueças nunca!...

"E cortou a ligação."

— Que fizeste, depois?!

— Escrevi, — pesaroso, duas cartas, que até hoje ella não me respondeu.

— Deves odial-a.

— E' impossivel! Sinto que a amo cada vez mais. Presentemente o meu affecto se transformou numa especie de germen, cheio de perdão e de bondade, reunindo, no aggregado da tristeza que me enluta, a synthese sombria d'alma que ella me roubou.

Sou um grande triste... Ando aos cambaleios, de topada em topada, arrancando um soluço a cada pedra!... Tudo mudou para mim. Até a belleza do céu já não vibra, aos meus olhos, com a mesma ardencia infinita do éther na brancura translucida em que a vi envolta pela primeira vez. Sinto-me um grande desgraçado, — nova especie de esphinge, — que ninguem conhece nem tem o direito de decifrar. Dentro do meu "eu" ha qualquer coisa que me ficou trancada, e que, lá no fundo de mim mesmo, vive marcando os minutos da minha dôr e a approximação dessa posse aterradora de noite sem estrellas que ella fez baixar, como o corvo de Poe, para sombrear de luto e de pavor o crepusculo da minha ultima primavéra.

— Emfim, como se chama esse demonio loiro?

— Ah! o seu nome é mulher!

O Principe

De Maurice Dekobra

* * *

MEU amigo Hugo Toronghbeau veiu buscar-me aquelle sabbado para que passassemos juntos o fim da semana em sua casa de Mariotte.

Ao chegar á grade, não pude reprimir minha surpreza ao ler o seguinte letreiro:

"Pensão Excelsior

Moradia ideal e bôa cozinha

Preços modicos".

— Celeste tua ... é um hoteleiro? — perguntei.

— Não... O que ha é que me aborreço aqui sózinho e me occorreu collocar este letreiro á porta. Isso fará parar, sem duvida, os automobilistas, que virão quebrar a monotonia de minha existencia. Desempenharei o papel de hoteleiro amador, pedir-lhe-ei um preço irrisorio e as conversas dos viajantes serão uma agradavel distracção.

— Não tens amigos?

— Aborrecem-me e do que necessito é o imprevisto. Ainda não veiu ninguem, porém espero que até á noite entre o meu primeiro cliente.

Como a coisa me divertia, desci ao terraço que dava para a rua. Hugo, sentado sobre a balaustrada de pedra, contemplava os transeuntes, emquanto seu velho mordomo, devidamente uniformizado, esperava na escadaria. Entre as cinco e seis tivemos duas falsas alegrias. Logo depois, um magnifico seis cylindros parou deante da grade. Uma linda mulher appareceu na portinhola.

— Attenção! — murmurou Hugo. Si entrar, cedo-lhe meu lindo aposento Imperio, por oito francos diarios, com champagne!

A bella mulher perguntou:

— Perdão, cavalheiro! A estrada de Sens?... Sempre á direita, não é verdade?

E desappareceu... Hugo olhou-me, desapontado.

A's sete e meia entrou no parque um homem. Vestia com elegancia e trazia uma maleta de couro.

— Deseja um quarto?

— Sim... Um quarto que dê para o jardim.

Hugo chamou o mordomo e fez conduzir o viajante ao quarto azul, um dos mais bonitos da casa. Esfregava as mãos e olhava-me, triumphante, quando um outro viajante appareceu na escada. Cumprimentou, collocou sobre o degrau [illegible] disse, em tom confidencial:

— Sou o inspector da guarda de segurança do principe que acaba de tomar quarto em sua casa.

— Como?... Este senhor é...

— Pschiu!

O policial mostrou sua carteira de identidade, e disse:

— Sua Alteza viaja incognito e adora a simplicidade. Deve ignorar quem elle é, não se admire si elle se encobrir debaixo do simples nome de Lebrun. Peço-lhe somente que me dê um quarto junto ao delle. Emquanto o mordomo acompanhava o inspector, Hugo, louco de alegria, exclamou:

— Viste que sorte? Um principe como estréa!...

E, separando-se de mim, foi recommendar que servissem ao principe os melhores vinhos.

* * *

A refeição foi curiosa. Hugo e eu estavamos sentados á mesa immediata á do principe. O inspector collocára-se no fundo da sala.

— Permitta-me, Alteza, que lhe offereça o vidro de pimenta.

— Muito obrigado.

E isso foi tudo.

Emquanto nos serviam o foie gras, ao champagne, Hugo perguntou:

— Vossa Alteza conhece bem a floresta?

— Perfeitamente!

E nada mais. Deplorámos o mutismo do principe. A' sobremesa, levantou-se e desappareceu da sala. O inspector levantou-se tambem e, ao passar perto de nós, Hugo lhe disse:

— Este personagem não é communicativo.

— Sua Alteza está preoccupado com acontecimentos de Soffia... Recebeu um telegramma que o affectou enormemente... Desculpem-me senhores.

O policial retirou-se e Hugo disse satisfeito:

— Ouviste?... E' um principe bulgaro. Póde ser que tenha vindo para aqui fugindo aos conjurados de seu paiz. Em todo caso, estou favorecido por uma sorte, que nos permittirá observar os actos e gestos deste proscripto...

A's dez horas, fechei-me no quarto. A aventura de meu amigo Hugo interessava-me. Elle daria o impossivel para conhecer o drama intimo do qual o principe expatriado era o heróe.

No dia seguinte, fui acordado pelo mordomo, que me trouxe o café com ar abatido e assustado. Admirado, interroguei-o, e elle suspirou:

— Ah... senhor!... O bulgaro e o inspector de segurança... Dois patifes que se escaparam ao amanhecer... levando a prataria toda, sem contar alguns objectos preciosos da vitrine do salão... Que desastre, meu Deus!

— Mas sabe?...

— S...
tudo!

— ...

— ...
grade

Escriptores e livros

Pedro Calmon — HISTORIA DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 6$

O autor explica-nos a razão do seu livro, que não é um compendio, nem é um tratado. "E' uma nova synthese da historia do Brasil: historia social, economica, administrativa e politica. A historia da civilização brasileira. Destina-se aos estudantes dos cursos superiores. Para os professores são as remissões bibliographicas. Dar-se-ia por feliz o autor se lograsse interessál-os num exame mais detido e útil dos factos do nosso passado — fóra da chronologia e da onomastica, dos syncronismos e das tábuas dos velhos "epitomes", dentro de um espirito scientifico que, nas escolas, já dirige os conhecimentos modernos. Mandava, entretanto, Rousseau: *Ne raisonnez jamais sèchement avec la jeunesse*. Obediente ao preceito, este livro se fez — é para a mocidade. A distribuição da matéria e a sua explanação soffreram duas influencias: a do programma do Collegio Pedro II e a do curso de "extensão universitaria", regido pelo autor no Museu Historico Nacional, em 1933."

Pedro Calmon é um nome que se destaca na geração nova do Brasil. A sua cultura é a de um homem avançado em annos. Entretanto, trata-se de um moço, de um creança quasi. O autor tem merito proprio, patenteado numa serie de trabalhos publicados e festejados pela critica.

Este livro, cuja utilidade é indiscutivel, não destôa dos demais que o autor nos offereceu anteriormente.

Linguagem pura, exposição facil, obra que se recommenda pelo equilibrio e harmonia de um espirito destinado ás maiores victorias no terreno das letras.

Turguenieff — ASSIA — Edições Unitas — São Paulo — 4$

NARRATIVA singela, mas cheia de emoção. Novella de amôr, que encanta pela delicadeza dos sentimentos que inspiraram as suas paginas. O volume contém outro trabalho, *Decadencia*, cujo enredo é digno da penna do grande escriptor russo. A traducção, entretanto, é pessima.

Pirandello — O FALECIDO MATIAS PASCAL — Liv. Globo — P. Alegre — 7$

LUIGI PIRANDELLO põe em todos os trabalhos que lhe sáem da penna a marca da sua inconfundivel personalidade. E' o escriptor que revolucionou certos moldes classicos, estabelecendo panico entre os criticos. Mas a força do talento de Pirandello venceu as primeiras resistencias da massa, tornando-o universalmente conhecido. Agora, já póde ser lido em portuguez, nesta magnifica edição da livraria gaúcha.

Edgar Wallace — A PISTA DA VELA DOBRADA — Liv. Globo — Porto Alegre — 3$5

A novella policial de Wallace — *The clue of the twisted candle* — foi traduzida para a nova *Collecção Globo*. Como todos os livros de Wallace, a sua leitura interessa da primeira á ultima pagina.

Max Beer — KARL MARX, SUA VIDA, SUA OBRA — Edições Unitas — São Paulo — 4$

A explicação da obra de Max Beer, que ora apparece pela primeira vez em lingua portugueza, está nestas palavras dos editores: "A sua importancia para o leitor brasileiro, ainda pouco enfronhado na theoria marxista, reside no caracter eminentemente popular, de vulgarização, que o autor imprimiu ao seu trabalho. A biographia de Max apparece, aqui, estreitamente ligada á elaboração da doutrina que recebeu o seu nome. Em linguagem clara e accessivel, Max Beer faz um estudo vivo da formação do marxismo, historiando as suas origens e o seu desenvolvimento e explicando a sua philosophia, bem como as suas idéas economicas e politicas fundamentaes." Na verdade, é dos trabalhos mais perfeitos de vulgarização do marxismo, que facilita o conhecimento da vida do grande pensador allemão, bem como das suas idéas, que ainda fazem mêdo a muita gente bôa...

Emmanuel Goy — A CONFIDENTE — Liv. Globo — Porto Alegre — 3$5

UMA historia sentimental, para as almas ternas. Um romance de amôr, que encanta pela simplicidade do enredo. Aliás, toda a obra de Emmanuel Goy se reveste de uma doçura amavel, que mantem o leitor em permanente alegria. O volume faz parte da nova *Collecção Globo*.

W. H. G. Kingston — AO LONGO DO AMAZONAS — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 3$

MAIS um magnifico volume da *Collecção Terra-marear* destinada á juventude. E' a historia das aventuras do autor, narrada com o desejo de animar alguns missionarios a tentar a viagem pelo Amazonas maravilhoso, com o fim de diffundir a verdade entre os selvagens, ou, ao menos, para admirar as terras que são as mais bellas, as mais ricas do mundo.

J. Fenimore Cooper — O PILOTO — Liv. Globo — Porto Alegre — 3$5

TRATA-SE de uma novella de aventuras, das melhores, dentro dos rigores da technica deste genero de literatura. O volume pertence á nova *Collecção Globo*, cujo apparecimento constituiu um legitimo successo editorial.

Renato de Alencar — NUPCIAS DE FOGO E SANGUE — Adersen, editores — Rio — 5$

NOVELLA de inquietação social! Novella historica da revolução de 30. Com franqueza, não comprehendemos a finalidade deste trabalho! O autor narra episodios politicos, a seu modo, e d'ahi certos disparates, que apparecem frequentemente nas diversas paginas do livro. Os leitores tiveram um trabalho enorme, escrevendo o prefacio: *Quem é o autor deste livro*. Apesar da biographia, traçada com especial carinho, o publico fica na mesma. Emfim, lançada a novella, os editores "estão certos de que alcançará absoluto exito dada a grande projecção do nome do autor nos meios literarios do paiz e o interesse da narrativa fartamente documentada, em torno do movimento revolucionario de 1930."

Póde ser. O aspecto material do volume é magnifico.

Argeu Guimarães — A SEREIA SCANDINAVA — Liv. Lello — Porto

"DESCOSIDA collecção de estudos e impressões, esta, rabiscada sem arte nem systema, não mereceria, por certo, as honras de uma edição, se não fôra o capricho do autor, de querer fixar a lembrança d'aquelle pequeno mundo scandinavo, cujo sereno e amavel ambiente permitte vantajosamente esquecer inocuas investidas do Mal...." São as palavras de abertura do livro, e que retratam a modestia do autor.

Porém, o sr. Argeu Guimarães é antes um escriptor de grandes recursos, observador seguro, chronista primoroso, qualidades já reveladas em obras anteriormente publicadas.

Como diplomata, certo terá vagares para enriquecer a nossa literatura com alguns volumes interessantes, pois, escreve com elegancia, sem affectação. Os aspectos que a sua penna focaliza neste livro são curiosos, sendo de louvar a preoccupação que teve de estudar coisas ignoradas pelos brasileiros e relacionadas com o nosso paiz. Destacamos os capitulos denominados *Pinturas do Brasil Hollandez*, *Itinerario de Pedro II na Scandinavia*, *Commentario sobre o sabio Lund* e *A noiva dinamarqueza de Pedro I*. Em qualquer delles respira-se um pouco *do que é nosso*, o bastante para interessar o leitor. Nas observações do escriptor o Brasil está quasi sempre presente, e isto, por certo, empresta um suave encanto ás paginas do livro, si outros méritos não ferissem, a cada passo, a nossa attenção.

Prof. Jacques Stephani — GUIA DO TUBERCULOSO E DO PREDISPOSTO — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 8$

NENHUM predisposto e, com mais razão, nenhum tuberculoso, deve ignorar este livro, verdadeiro manual de sciencia, de informações accessiveis e de educação victoriosa da vontade. O seu autor, medico-chefe do sanatorio que lhe tem o nome, occupa uma cadeira na Faculdade de Medicina de Genebra, e é um dos especialistas mais respeitados da Suissa. A traducção é de Ribeiro Couto, dispensando, pois, elogios.

Celestino Silveira — O HOMEM DE CIMENTO ARMADO — Renascença Editora — Rio — 5$

A technica adoptada pelo autor, no segundo romance que escreve, não é inteiramente nova, mas tambem não é a de uso dos nossos rabiscadores de historias de amores corriqueiros. Sente-se que Celestino Silveira teve um objectivo de arte, concentrando a sua attenção no movimento renovador da sociedade brasileira, focalizando nas paginas do seu romance uma serie de problemas da hora que passa. E justamente a vivacidade, a intelligencia do autor, porque escapam á craveira commum, emprestam grande brilho á obra, proporcionando ao leitor uma sadia alegria para o espirito. *O homem de cimento armado*, de facto, encerra uma finalidade constructora. Do principio ao fim, o autor revela-se um profundo analysta de almas e das coisas, fixando com bastante propriedade o panorama sociologico do Brasil. As figuras centraes do romance estão perfeitamente caracterizadas. Carlos Alberto, presidente da *Brasilite*, é um typo interessante, um verdadeiro homem de cimento armado.... E Octavia, essa meiga mulher, vencida pela fatalidade de uma affeição pura, conquista a nossa sympathia pelo stoicismo da sua resignação na maneira de encarar a vida e a dôr. A victoria do escriptor está, precisamente, em ter fugido á banalidade dos motivos literarios geralmente explorados, procurando imprimir um *sentido* novo ao trabalho. Mocidade, coragem, critica, são os traços dominantes da obra.

"Si conservas um ideal, não demores em realizál-o. Mas tem como certo que, triumphando, quem hoje te considera sonhador ha de affirmar não teres feito nada de extraordinario. Qualquer outro faria o mesmo. Si fracassares, todos terão bradado, a pulmões francos, não poder esperar-se grande coisa do teu poder de concepção. Mas não estaciones na indecisão. De qualquer modo, avança sempre. Prosegue. Traça uma recta deante de ti, seja qual fôr o objectivo visado, desde que constructor. Não te preoccupes com o que podem estar dizendo, ou venham a dizer. Nem dês ouvidos aos murmurios alheios, na certeza de nunca poderem ser razoaveis, e muito menos satisfatorios. Mas, no dia em que o teu ideal seja uma realização concréta, não faltará quem te considere um genio. Serão esses, os bajuladores. Ahi, então aprende a sorrir. Si tivéres, além da gloria, o conforto da fortuna, joga-lhes, aos que te bajulam, algumas moedas, não muitas. Alimenta-lhes o fôgo sagrado, o incenso perfumado, a myrra que é uma arte de ser capacho. Has de vêl-os correr, pressurosos, em luta para apanhál-as. Hão de traçar dithyrambos, esfusiantes de graça e louvores, aos teus predicados chegando a descobrir virtudes que nunca sonhaste possuir. Não te envaideças. Faze as tuas conclusões philosophicas e prosegue ainda. Existe sempre caminho a percorrer. Procura construir, não apenas para mostrar que rompeste a massa bruta do anonymato, mas para o proveito da collectividade. Nesse dia, poderás nivelar-te ao *Homem de cimento armado*, terás attingido a perfeição. E' tão facil conquistál-a entre os beócios...."

Estas palavras, que precedem o romance, definem o temperamento do autor, caracterizando tambem a intenção da obra.

CASUALIDADE

Eu sonhava um mundo de delicias,
quando você me despertou...

FATALIDADE

Quando comecei a te namorar
a rua era escura,
sua voz era linda,
meu coração já tremia...

Mas, um dia,
sem ninguém esperar,
chegou um homem com cara de inglez
e mandou fincar um poste na rua.
A Light esclareceu tudo...

SONHO...

Eu a sonhei um dia
dentro do amor e da belleza,
longe da orgia e do peccado...

. . . .

— E, quando, annos depois, nos encontramos,
Ella,
devassa e vadia,
entre taças e guizos,
ria-se de mim perdidamente
por não me haver, um dia, desgraçado...

EVAGRIO RODRIGUES

— Minha mulher póde falar, horas seguidas, sobre um mesmo assumpto.
— Pois a minha nem precisa de assumpto para falar assim...

UM DRAMA SIMPLES

QUANDO a pobre pequena chegou á casa do patrão e teve que se separar de sua mãe, os olhos se lhe encheram de lagrimas e o coração de soffrimento. Uma nova vida começava para sua infancia e o horizonte do futuro era um mysterio. Tinha apenas doze annos, uma escassa instrucção e, no emtanto, sabia notar os dolorosos contratempos do destino. Afastada dos paes, dos irmãos e da escola rural, sua terna felicidade parecia despedaçar-se de amargura. Agora, acabariam os passeios pelo monte, a colheita de fructos sylvestres, o grato banho nos arroios crystalinos. A liberdade pura e formosa dos campos era trocada pela prisão da cidade. O remedio para tanta pena era impossivel e era preciso resignar-se á inesperada obrigação.

Aquelle casarão, de muitos aposentos e pateos conventuaes, representava para a ingenuidade de sua alma um sombrio logar de penitencia. As caras estranhas, o genio dos meninos, a bondade dos patrões eram o triangulo da penosa incerteza. Seria útil na casa e se acostumariam com ella? A verdade da preoccupação se revelaria com o decorrer dos dias. Entretanto, deveria ser docil, fazer-se sympathizar e cumprir as diversas exigencias do serviço. Sem nenhum direito de igualdade, seu destino era uma prolongação das obrigações ruraes. Os patrões eram os donos das terras e assim como exigiam uma gratuita participação das colheitas, dispunham igualmente da vontade do arrendador.

Por isso, quando entrou na enorme casa da cidade com seu pequeno vestido de chita, e lhe indicaram um triste quarto de repouso, a desventurada criança correu a elle e fechou a porta com cuidado. Ali devia descançar um pouco, trocar de roupa e pôr o avental de criada. Só no aposento, longe do rancho familiar e das recordações campestres, a pobre pequena se atirou na cama de lona, soluçando. Parecia ter saudade da paizagem natal, da musica dos pássaros, do bolido constante da fazenda. Quanto tempo ficaria ali, entre aquellas enormes paredes de prisão? Um anno, cinco, dez, talvez até que chegasse á maioridade? O candido coração ignorava por completo as arbitrárias cadeias do mundo.

Fóra, pelo pateo da casa, os meninos dos patrões corriam de um lado para outro. Gritos, prantos, brigas e depois a intervenção da mãe e o resto ás criadas. Todos os dias seria o mesmo: vigiál-os, fazêl-os brincarem, contar-lhes historias e, nas noites de enfermidade, o desvelo forçado e necessario. Que differentes costumes na gente da cidade! Lá, em sua vivenda rural, os irmãos se criaram ao Deus dará, gatinhando sós, brincando com terra, olhando as gallinhas e os cachorros correrem. Nunca encantaram sua infancia com narrativas fantásticas, brinquedos metálicos e bonecas de luxo. Apenas uma canção monótona, um biberão de gênero e o rústico berço feito de lona nas forquilhas de dois páos enterrados dentro do rancho.

Mas agora, no logar desconhecido, as modalidades do serviço tinham que mudar. Já não usaria o que costumava ostentar na roça. Transformar-se-ia na criada de recados, da attenção perenne e da limpeza cuidadosa. Ella levaria o reclinatorio ás igrejas, faria o café em qualquer momento, rezaria orações á hora de deitar. Ao amanhecer, teria que varrer os pateos, vestir os meninos, dar-lhes café e entretêl-os até a hora do almoço. A todo momento, o bom

— Como se abre esta lata?
— Encontrará, dentro, todas as instrucções, senhorita.

humor, o visivel sorriso da conformidade.

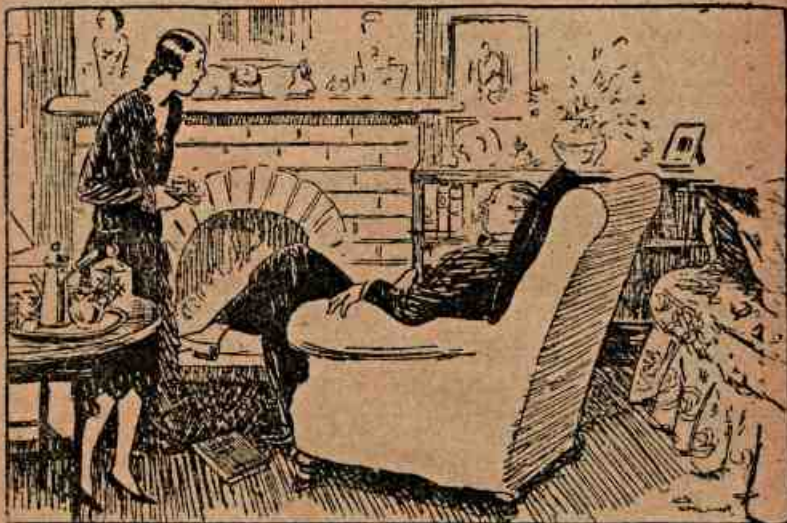
Infortunada criança, era orphã tendo paes vivos, não ganharia um vintem de ordenado, mas, unicamente, a comida e a roupa. Vestidos usados das meninas e sapatos velhos seriam o luxo dominical dos passeios e o privilegio nos dias de tormenta.

Durante mezes e mezes trabalharia sem cessar na enorme casa solarenga. Cresceria ella, cresceriam os meninos e sempre a invariavel tarefa de cuidar de meúdas existencias. O espirito livre, a herança montanheza, tudo se encheria de religiosa mansuetude. Victima calada e taciturna da sorte a toda ordem, dirá que sim e jamais seus labios pronunciariam uma queixa. Acceitaria as injustas admoestações, os nervosos resmungos infantis e seu unico consolo será esquecer a realidade. Da manhã á tarde, sua energia se repartirá nos múltiplos afazeres domesticos. Não terá outra felicidade além do somno fugitivo da noite, já que, com o novo dia, regressará a invariavel escravidão.

A fragil existencia abandonou o lar campestre ainda menina para ficar captiva até mulher. Os donos da propriedade nunca escutam os appellos dos moradores. Conhecem bem a psychologia mansa e resignada do camponez e por isso lhes arrebatam a preciosa herança dos filhos. Alguns arrendatarios pensam que servir aos patrões é uma honra e offerecem espontaneamente os filhos. Outros, mais altivos e conscientes, gritam seu protesto, mas nada conseguem na realidade da demanda. As leis das antigas obrigações pessoaes não têm remedio, sinão com a modificação dos costumes sociaes. Os homens das terras acceitaram tacitamente o tributo dos braços e ninguem se anima a reclamar sua independencia.

De Julio Aramburu

Aquella criança que chegou afflicta e temerosa á vivenda estranha se habituará com assombrosa resignação. Esquecerá os dias felizes da casa natal, a égloga das estradas a fraternidade da natureza para admirar a mudança da civilização. A vida das cidades exerce uma especie de deslumbramento na rusticidade simples do campónio. Apesar da rotunda transformação social, um mysterioso feitiço os seduz na cidade. Eis por que acceitam em silencio as crueis separações e a nostalgia do lar. A planicie e a serra têm um enygma de tragedia, e por isso algumas almas succumbem de tristeza na distancia e outras regressam com amor ao torrão natal.

A criadinha que entrou chorando e confiou ao travesseiro do leito anonymo a primeira angústia de suas recordações intimas supportará em silencio o rigor das veleidades humanas. Assim como amou a infancia serena dos campos, amará a adolescencia agitada das cidades. Soffrerá dias, mezes e annos e sua ansia primitiva de revolta se transformará na obediencia. Tomará amizade pelos meninos estranhos, perdoará a hostilidade dos sermões e no fracasso da sorte só pensará no presente dos trajes velhos e no diario sustento da comida. Ella levará sempre o mesmo destino dos pássaros que, encerrados nas gaiolas, renunciam á ventura da liberdade pelas fataes necessidades da vida.

O marido. — Sonhei, a noite passada, que estava numa grande loja, comprando qualquer coisa para tua mãe.
A esposa. — Alguma joia?
O marido. — Não me lembro bem, mas, si não me engano, estava na secção de explosivos...

POEMAS EM PROSA

TODAS as manhãs, abro os olhos para a luz e sinto, no espelho dos meus olhos, as maravilhas do Infinito. Sob a luz do sol, recito os meus versos deante do teu altar.

Poemas em prosa — humilde oração... Prece humilde que, nas minhas horas suaves de silencio, elevo para a amplidão.

Todas as coisas estão vibrando pantheisticamente. Poemas em prosa... Eu te agradeço, com a alma de joelhos — ó Rei do azul — todos os meus poemas...

* * *

Ella veiu descendo e me falou: "Nossos inimigos são bons. São bons porque nos fazem soffrer. E' o soffrimento que nos leva para longe dos homens ignorantes e rudes. A imagens da dor aponta para os astros".

* * *

Eu te peço — ó mestre! — que os meus poemas sejam simples. Eu quero que elles brotem expontaneamente do meu coração como as aguas crystallinas do coração das rochas.

Na hora matinal, quando a passarada enche o espaço com os seus gorgeios, eu quero ter a felicidade, olhando para o azul, cantar em teu louvor...

* * *

Não sou eu o autor dos poemas que brotam da minha penna como gottas de orvalho do calice dourado de uma flôr.

Não sou eu o autor dos versos que por todos são lidos e que caem sobre a superficie branca do papel como gottas de lagrimas de uns olhos tristes.

Dor! E's tu a dona de todos os meus versos. E's tu que vens, com a tua voz, nas minhas horas de silencio e sombra, ditar-me todas estas coisas lyricas — p emas em prosa.

* * *

Poemas em prosa... Este livro sou eu. E' a minha alma que se volatiliza e que se perde no Infinito como o perfume que se escapa de um vidro de ether.

Poemas em prosa... O sangue é a minha tinta vermelha.

Foi com sangue que Jesus escreveu tambem o seu lindo poema de amôr.

* * *

De Paulo Freitas

Poemas em prosa... Eu vos amo. Fechando os olhos para o mundo, desejo olhar somente para dentro de mim. Quero contemplar as minhas paizagens interiores. Poemas em prosa... Poemas de um cégo. Cégo que tudo vê no Infinito...

* * *

Olha as coisas com os olhos de um poeta e vê como tudo resplandece. Vê como as estrellas fulguram melhor e como ficam mais lindas as rosas do teu jardim.

* * *

Escuta as coisas com os ouvidos de um philosopho e sentirás o ruido de outros mundos. Tua alma viverá na luz dos astros. Teus pensamentos serão altos, puros, serenos, profundos como o Infinito...

* * *

Sente as coisas com o coração de um santo e terás, por fim, o teu altar. Teus pensamentos terão mais belleza. Teus poemas terão o colorido das palavras do convertido na estrada de Damasco.

* * *

Eu me renunciei a mim mesmo. Renunciei a todos os prazeres desta vida. Vivo no silencio. Vivo agora como si fosse uma sombra... Como si fosse alguem que já morreu. Vivo para os meus poemas.

* * *

Os meus poemas são simples como os de Tagore.

Somente os simples e os humildes poderão entender os meus poemas.

* * *

As lagrimas rolam dos meus olhos.

Cada lagrima é um verso.

* * *

Quando eu morrer, não ficarei completamente no pó. Existe um pouco de luz nos meus versos simples.

* * *

Vivo para os meus poemas. Vivo como as cigarras lyricas. Cantando... Cantando sempre.

Um dia, meu coração estalará. Estalará como a corda de uma lyra. Ficará de mim porém, eternamente, um som dentro do Universo.

Ciumes andaluzes

EM tempos que já lá vão, o marquez Alvaro Pedro Fuentes y Alcantara y Bienvenide Gomez Pereira, grande de Hespanha, e Par de Inglaterra pela nobre pureza de um sangue anilado ha mais de seculos, chegado em plena força viril aos sessenta annos de idade, sentiu derreter-se-lhe o coração, envolto em velhos pergaminhos, por Miguelita, a mais formosa donzella da Estremadura.

Casaram! O solenne marquez, embevecido, levára em triumpho a sua linda noiva a tomar conhecimento e fosse das terras infindaveis, dos numerosos castellos medievaes e das riquezas de baxela e de arte que enchiam as salas immensas de suas vetustas casas patricias. A arvore genealogica da illustre familia figurava, imponente e pesada da espessa ramada, presa á parede do salão de honra, entre o retrato a oleo de Don Alonso de Alcantara, camareiro do tenebroso rei Philippe, e o de Don Alexandre Fuentes, encarniçado inquisidor do mesmo rei.

— Aqui tens indicada a tua missão, — dizia o severo marquez com olhar incisivo em direcção ao derradeiro galho da arvore genealogica. Dar um rebento novo á nossa estirpe gloriosa que a ti confia a semente illustre dos antepassados, como a terra fecunda e pura afim de que concorras para lhe eternizar os feitos e as virtudes!

Miguelita olhava estremulada e timida, sem poder ainda formular um juizo certo no turbilhão do destino que a trouxéra de soldão, como num sonho, ao lustre de tão nobre solar. Mas, ao retumbar dos elogios do esposo illustre, á sua propria estirpe, perpassava-lhe, no profundo negrume dos olhos avelludados, uma expressão ironica, pois se lembrava do horror que experimentára ante a miseria em que viviam os camponios a criar touros, nas terras do marido. Mettidos em buracos fundos cavados na encosta dos montes, uns sobre outros, sem ar, sem luz, sujos e mal cobertos, pareciam bichos troglodytas em suas cavernas. Por que tanto soffrimento e abandono ao lado de tanto luxo e riqueza? Assim era que, apesar do deslumbramento de sua nova vida, os dias passavam lerdos e enfadonhos, sem nenhum encanto para o joven marquez na prisão dourada em que a mantinha o ciume feroz do mais virtuoso senhor de toda a Andaluzia. Que fazer para encher as horas daquelles dias interminaveis em que só podia contemplar a paizagem silenciosa e falar com as numerosas aias que a rodeavam sem cessar?

Uma tarde de outomno, chegou o marquez ao solar, após uma viagem pelas suas terras, em que duramente castigára feitores e feudatarios, e encontrou Miguelina sozinha, toda faceira, com uma rosa rubra nos cabellos, a cantar, acompanhando-se de bandurra, junto das grades de ferro do mais alto balcão do castello.

Alguns kilometros de bosques e prados circumdavam a casa do marquez, isolando-a de qualquer povoado, mas lá longe, pela estrada larga, passava, de quando em vez, um vulto que virava o rosto, sorrindo, em direcção da cantora.

Ao se lhe deparar o formoso quadro, Don Alvaro Pedro Fuentes y Alcantara estremeceu de ciumes; arrancou a rosa rubra da cabeça de Miguelita e jogou-a pela janella. Os longos cabellos negros, apenas presos por um tenue laço, desenrolaram-se, sedosos, pelas espaduas abaixo.

— Miseravel! — rosnou don Alvaro, de den-

tes cerrado. — Estas madeixas são bellas demais!

E, tomando de uma podadeira do caseiro, cortou-lhe cerces os cabellos.

Miguelita chorava em silencio, emquanto as suas mãos corriam ainda, num gesto de anseio automatico, sobre as cordas da bandurra, tirando-lhe sons de queixume e de dôr...

— Nunca mais tocarás bandurra! — clamou o tyranno.

E tomando uma navalha afiadissima, decepou-lhe as mãosinhas pallidas, que cahiram ao chão como espigas ceifadas.

— Maldita! — continuou elle. — Poderás ainda assim cantar e dizer palavras de amor a outro homem! Não póde ser!

E, abrindo-lhe a bôcca, cortou-lhe a lingua na garganta.

— E esses alvos dentes poderão ainda sorrir a alguem! Não quero!

E, com a torquez, arrancou-lhe todos os dentes.

— Não basta — berrava o marquez, num crescendo de furia. — Com esses olhos de perdição ainda pódes attrahir os homens.

E, com os dedos aduncos, arrancou-lhe das orbitas os meigos olhos de velludo.

Miguelita não podia nem mais verter lagrimas, mas o algoz não satisfizéra de todo a sua ansia destruidora.

— Infame! — gritou, por fim. Vejo que poderás ainda correr a um convenio de amor!

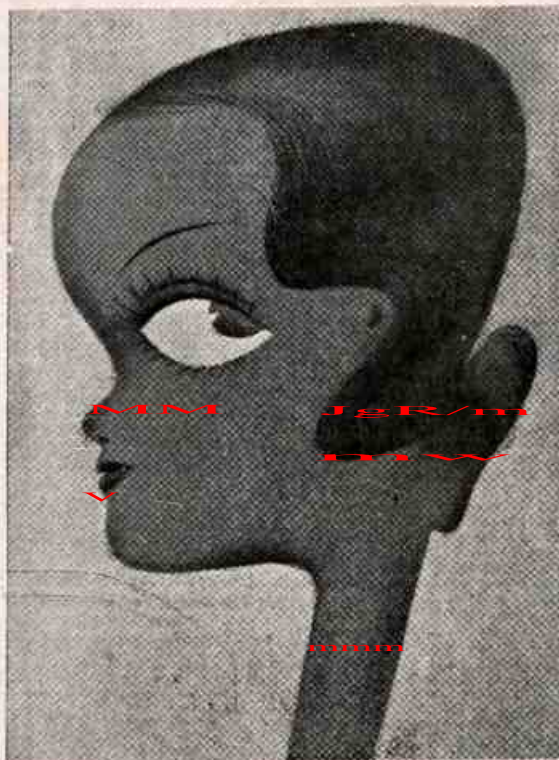
E, cego de ira, serrou-lhe as pernas!

— Agora estou tranquillo, — disse Don Alvaro, com fidalga altivez. — Agora serás sempre e unicamente minha; posso deixar-te só, na certeza de encontrar-te como te deixo.

Desceu ao pateo; encerrado o castello e mandada subir a ponte levadiça, largou a galope para a caçada ao javaly entre seus humildes vassallos.

Quando voltou, noite alta, carregado dos tropheus da jornada, não encontrou Miguelita.

Ella havia fugido com o cigano do fundo de suas terras, proprietario de um circo ambulante onde se exibiam monstros humanos...

ITALA GOMES VAZ DE CARVALHO.

O VENDEDOR DE ECOS

De Mark Twain

POBRE e lamentavel estrangeiro! Havia na sua attitude humilde, no seu olhar cansado, no seu traje bem feito, mas já em ruinas, alguma cousa destinada a sensibilizar o ultimo germen de piedade que dormia ainda, solitario e perdido, na vasta solicitude do meu coração. No emtanto, vi uma pasta sob o seu braço e a mim mesmo me disse: "Contemple. O senhor põe o seu fiel nas mãos de outro caixeiro viajante".

Essas creaturas, aliás, acham sempre maneira de nos interessar. Antes que eu soubesse como se arranjára o homenzinho, estava elle a contar-me a sua historia e eu em attitude curiosa e sympathica. Fez-me a seguinte narrativa:

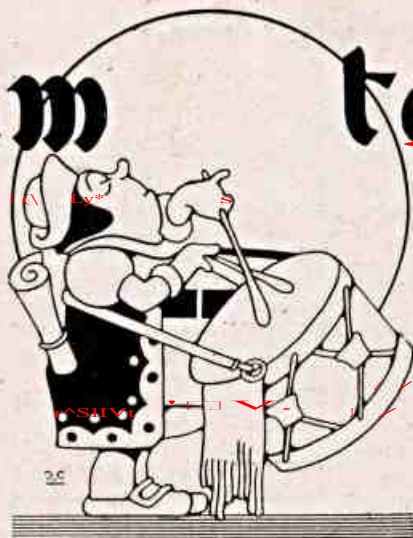
— Era eu ainda pequenino, pobre de mim!, quando perdi meus paes. Meu tio Ithuriel affeiçoou-se a mim e educou-me como seu filho. Era o meu unico parente neste velho mundo, mas era bom, rico e generoso. Creou-me em meio de luxo. Não tive nunca um desejo insatisfeito.

"Quando sahi da Universidade, parti com o meu secretario e dois creados, em viagem para o estrangeiro. Durante quatro annos esvoacei despreoccupadamente através dos jardins maravilhosos daquellas longinquas plagas, si o senhor permitte a expressão a um homem cuja lingua foi sempre inspirada pela poesia. E falo assim confiadamente e sigo o meu pendor natural, porque vejo pelos seus olhos que tambem o senhor é dotado do sopro divino. Nesses paizes distantes saboreei a ambrosia encantadora que fecunda a alma, o pensamento e o coração. Mais que tudo, porém, o que solicitou o meu natural amôr pelo bello foi o costume das pessôas ricas de colleccionar raridades elegantes e caras, preciosos *bibelots*; e, numa maldita hora, procurei arrastar o meu tio Ithuriel pelo declive desse gosto e desse delicado passa-tempo.

"Escrevia-lhe e lhe falava dum fidalgo que possuia uma bella collecção de conchas, de outro e da sua collecção unica de cachimbos de espuma. Contava-lhe como tal cavalheiro havia conseguido uma collecção de autographos indecifraveis, proprios para elevar e formar o espirito; tal outro formára uma collecção de velhas porcelanas e tal outro, emfim, ajuntára toda uma encantadora collecção de sellos do correio. E assim por deante. Dentro em pouco, as minhas cartas fructificavam. Meu tio se pôz a pensar no que poderia colleccionar. O senhor sabe, sem duvida, com que rapidez se desenvolve uma paixão dessas. A sua tornou-se um furor, que eu ainda ignorava. O tio começou a desleixar o seu grande commercio de porcos. Em pouco, abandonou-o, para recolher-se á vida privada e, em vez de gozar de um agradavel repouso, consagrou-se com furia á procura de objectos curiosos. A sua fortuna era consideravel. Elle não a poupou. Procurou, a principio, compainhas de vaccas e obteve uma collecção que enchia cinco enormes salas e que comprehendia todas as differentes especies de sincerros — menos um. Este que faltava, um velho modelo de que apenas existia um exemplar, era propriedade de outro colleccionador. O tio offereceu sommas enormes por elle, mas o outro nunca consentiu em vendêl-o. O resto, o senhor o adivinha. Um verdadeiro colleccionador não liga importancia alguma a uma collecção incompleta. Seu grande coração parte-se, elle vende o seu thesouro e volta o pensamento para outro campo de exploração que lhe pareça ainda virgem.

"Assim fez meu tio. Tentou fazer uma collecção de tijolos. Depois de empilhar um immenso lote delles, apresentou-se a mesma difficuldade anterior. Seu grande coração tornou a partir-se. E elle desfez-se do idolo da sua alma em proveito de um negociante aposentado que possuia o tijolo que faltava.

(Continúa no proximo numero)

saibam todos...

ALVARES DE ABREU (São Paulo) — Muito bem. O sr., afinal, é um poeta alegre. E' brincalhão. E escrevendo as suas coisas engraçadas, consegue defender-se de um possivel ataque ás suas musas... E' que o sr. é o primeiro a zombar das musas, isto é, as bellas filhas de Jupiter e Mnemosyne. Não as leva a sério — como de certo, não levará as filhas de Eva.... Bôa idéa e bôa philosophia...

E como o sr. sabe fazer rir, com o seu bom humor e a sua sátira quero pedir-lhe o favor de consentir que os seus versos appareçam no "Saibam todos"... Explique-se: é que esta pagina anda triste e feia de mais. O sr. virá, com o seu poema humoristico, fazer as nossas leitoras rirem um pouco.

Lá vae o seu poema:

POLA GREI...

O "mármore do vérso é duro e ingrato
e exige a frase no sentid exato.

A's vézes, por um nada, se fracassa...
Uma desgraça!

E, no entretanto,
quanta gente empolgada pelo encanto
duns versos a buril,
de "cousa" tão sutil...

Mas, o que quer?
Como a mulher,
o destino da gente não se escreve,
nem mesmo o do almocreve...

Muito menos, a sorte não se traça
dos vêrsos mais sentidos,
mais comovidos,
pois eles fógem para o azul como fumaça...

Bem sei!
Meus versos, por exemplo, não são "Bastos"
como aqueles do mestre, já nos fastos.
Custósa é a rima, e, muita, "por te-la",
não na deixam passar, tão facil, pela téla...

Um "Ives" nestas plagas, hoje, é bem dificil.
E ao pé do oiro, (dizem!), o chumbo é sempre vil.
Só serve para a Grei...

S. Paulo.

M. ALVARES DE ABREU

VANIA (Capital) — Olá! Aqui está a sua missiva, que é portadora de um bello objectivo: perguntar-me se sairá da moça bonita que é uma poetisa notavel. A carta é a seguinte:

"Caro Sr. Yves. Uma vez ha muito tempo, escrevi-lhe e não obtive resposta; desanimei. Hoje voltou-me a vontade de escrever-lhe novamente talvez tenha mais sorte.

Como venho pedir um favor não quero fazer-lhe elogios, pois seriam sinceros e o sr. não o acretaria. E' porem um prazer para mim poder dizer-lhe que seus dois livros fazem parte de minha bibliotheca; acho um encanto sempre novo na poesia — Suave Enlevo — e a historia triste de Maria Lucia me impressionou fortemente e me ensinou muita coisa. O que desejo de si é a opinião sobre os versos que lhe mando, não tenho a menor pretenção a que prestem, foram feitos rapidamente, quasi que sem pensar, quando apos um chá com algumas amigas, alguem propoz que cada uma de nós escrevesse alguma coisa que tivesse relação com o seguinte pensamento de Paul Raynal que por acaso viera á baila: "Le bonheur n'est pas d'être heureux, mas, au bien de serrer son cœur, comme un avare, de le bien depenser aux appls de la vie. L'Extase n'est pas d'etre en haut, c'est monter!"

E eu escrevi esses versos por brincadeira, sem mesmo saber si estavam certos.

Todas gostaram, *houveram* mesmo elogios certamente exagerados, mas que fizeram nascer em mim uma pontinha de vaidade. Será que serei mesmo capaz de fazer poesia? Só uma pessôa entendida e sem interesse por mim, poderia responder com sinceridade. E' o que espero de você Yves, uma resposta sincera, uma opinião franca. Conto com a sua boa vontade.

Um — merci — bem grande de — Vania."

Respondo:

I — Sou-lhe extremamente grato pelos elogios que teve aos meus dois livros: "O Suave enlevo" e "Uma garçonne carioca". Será que os conhece mesmo?

Não vá fazer como aquella senhorita que tendo lido a noticia do meu proximo livro "Azul e rosa", (poema que ainda está no editor, M. Sobrinho, Livraria Moriza) me escreveu, affirmando com essa mentirinha muito feminina: "Gostei immenso do seu "Azul e rosa", pois nada difére d'"O Suave enlevo". As mulheres! Não ha duvida: em materia de mentira...

II — Os versos (?) que escreveu, ás pressas, representam um crime tão grande quanto aquelle *houveram* que tive a idéa de griphar.

Não commetta mais outro crime igual. Trate dos seus *rouges*, do seu pó de arroz, do seu *lulú*, do seu cinema, do seu football, dos seus *flirts*, dos seus vestidos, da sua grammatica... Uff! Mas, por Nosso Senhor Jesus Christo! deixe a poesia em paz.

III — Si *houveram* elogios ao seu poema (?) conforme escreve, é que elles não foram nada sinceros. O que se deu foi o seguinte: naturalmente v. ex. é joven e bonita. (Julgo-o pela letra) Então, as suas amigas — umas por cortezia, outras, por perversidade — entraram a elogiar a sua tentativa de soneto.

— Que maravilha, Vaninha!
— Que gracinha, belleza!
— Que portento, querida!
— Que versos deliciosos, amorzinho!

(Continúa na pag. seguinte)

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO
Rua Republica do Perú, 62
Caixa Postal 97
Telephone: 2-4136

FON-FON — 2-9-933

Data da consulta...........
Nome da consulente..........
....

— Que obra prima, santinha!

E uma dellas, de certo, a mais ironica:

— Manda-os ao Yves. Aquelle idiota é um babão por saais! (Como sou calumniado!) E basta ver letra de moça para te chamar genio, portento, maravilha!

Engano, Vaninha! Em arte, triumpha quem possue aquella chispa sagrada que incendeia a alma dos

SAIBAM TODOS...

(Continuação)

eleitos dos deuses. Não é com um palmo de carinha bonita, uns 18 annos empacados no tempo e attitudes de Greta Garbo que se ha de vencer aos olhos do grande publico. Este é exigente e justo.

Quando se tem valor, elle sabe premiar e reconhecer esse valor; quando não se o tem — é inutil o applauso camarada daquelles, que nos rodeiam.

Por isso que respeito o meu publico: ouço e acato com sympathia o que elle me diz e aconselha.

IV — V. ex. nota na sua missiva: "Só uma pessôa entendida e sem interesse por mim poderia responder com sinceridade. E' o que espero de você, Yves, uma resposta sincera, uma opinião franca. Conto com a sua bôa vontade".

Como vê: *a*) não sei si sou entendido... *b*) interesse eu só o tenho pelas pessôas de minhas relações e que testemunham interesse pela minha pessôa; *c*) quanto a responder com sinceridade, creio que não deixo nada a desejar.

DESCONHECIDA (Capital) — Desconhecida... Desconhecido... Illustre desconhecida... Illustre desconhecido... Soldado desconhecido... Vê v. ex. que analogia de idéas?

Fica-se a fluctuar num oceano de desconhecidos e desconhecidas, porque é essa a suggestão que aquella palavra nos traz.

Mas, afinal, que quer dizer o sr. Yves com isso? — indagarão os leitores. Respondo: — a bem dizer, eu não sei... Quem sabe de tudo é a sra. *Desconhecida*, que assigna a missiva abaixo.

Leiamol-a:

"Yves, confidente de centenas de creaturas que procuram expandir suas maguas atravez das paginas do *Fon-Fon*, tambem tu és triste intimamente, embora procures desdenhar sempre, e rir com ironia daquelles que te escrevem anciosos por uma resposta consoladora.

Com toda sinceridade, no *Fon-Fon* de 12 deste mez, respondestes a uma menina, sim porque semelhante pergunta "Qual o homem que ama com mais ardor o loiro, ou o moreno" só póde provir de uma ingenua menina que começa a sonhar, e fizestes tambem as tuas confidencias. Oh! os corações, eternas victimas e algozes.

Paginas adeante no mesmo *Fon-Fon*, sob o titulo "Rendas de Espuma" escreves carinhosamente. Tenho um pouco de inveja desta Isa tua querida amiga, eu que não tenho amigos e que não terei mais amores... Um coração amigo vale mil vezes mais do que um coração que ama de amor, este sentimento irreflectido que vem com as emoções da vida e que se vae da mesma forma inconsciente. (Este raciocinio é teu e o confirmo).

Meu caro poeta, me és desconhecido pessoalmente, e não obstante as tuas ironias literarias, me és extremamente sympathico porque tambem tens visto de perto a desillusão. Dizem que os poetas não exprimem o que sentem, mas que têm o dom de se fazerem sentimentaes. Não creio. Os poetas tambem tem coração... e mais sujeitos á paixões do que qualquer outro. Por força tambem soffrem.

Faço votos sinceros para que um dia sejas comprehendido, o bastante para seres feliz, e que a creatura que te amar nos primeiros instantes de illusão, se transforme após os fugitivos ar-

roubos de felicidade, em uma companheira dedicada, compenetrada e confiante tambem de ti. — Tua leitora e admira. — *Desconhecida.*"

Pois sim...

MARIASINHA (Capital) — Sim. "Azul e rosa" ainda não appareceu. E' um novo poema que escrevi no estilo d'*O Suave enlevo*... Está sendo editado pela casa *Marisa*, de M. Sobrinho e possivelmente, em setembro vindouro estará exposto nas livrarias desta e da capital dos Estados.

MOEMA (Bahia) — Desculpe. Mas lamento muito não poder attender o seu pedido. Quem tem boca não manda soprar.

LYGIA (Capital) — Ahi está uma surpreza para mim! Nunca suppuz que, velho e feio como sou, pobre de ouro e de talento, chegasse um dia a inspirar versos candentes (e na lingua de Cervantes) embora, de quando em vez, ferindo a grammatica de Affonso XIII.

Sim. Agradeço, com os olhos inundados, — inundados de pranto e de encanto — a homenagem dos versos que me dirige; mas não lhe perdôo as cincadas no hespanhol de que se utilisou.

Como não sou ingrato, vou transcrever a carta que me endereça, ou antes, o poema que me offerece:

QUE HACER?

No es mentira, juro!... hasta el momiento
una amistad tan grand yo no senti!
Tiempo siempre, siempre en pensamento
y sin Querer, amór, hablo de ti.

SAIBAM TODOS...

(Continuação)

Hablo de ti, que hacer? — O' que tormento!
No es possible más estar asi!
Quiero olvidarte, quiero... mas me siento
incapaz de vivir, sin hablar en ti!

Yo pido a Dios: Senor, quiero olvidarlo!
No pudo más!... perdón! — no quiero amarlo,
nan más verlo !— Yá tanto yo pedi!

De balde, mi amór!... Él no me atiende
Que vou haver si Dios a ti me priende
Y me obliga a vivir, hablando en ti!

Desta que te ama... sinceramente, — *Lygia.*

Resposta: — Deus lhe pague, irmã, tanto amor consagrado a um pobre mendigo... de corações...

Mas não esqueça que, — quando o pobre vê a esmola grande fica de pé atraz... Que diz?

E *que hacer?*

HELENA (S. Paulo) — O livro a que se refere é *Ilha Maldita* do jornalista carioca Amorim Netto. E' um livro de homem de talento e de visão, como diria Anatole France.

Como num filme a que não falta o pittoresco da natureza cosmica e da humana, nem a tragedia da natureza e a do homem — na sua expressão mais eloquente, mais empolgante, mais viva, mais brutal — *Ilha Maldita* é o reflexo da vida, naquelle accidente oceanographico, que tem o nome de Fernando de Noronha.

E' um trabalho que faz arrepiar. Sacode os nervos. Arranca lagrimas. E, depois de tudo, — graças ao estylo vivido, fascinante, de Amorim Netto — o leitor acaba a leitura desse livro de impressões, com uma grande piedade pelos infelizes, por aquelles que o crime afastou do convivio da sociedade.

Ilha Maldita está prestes a esgotar-se. Entretanto, ainda poderá ser encontrado nas livrarias desta cidade.

YVES

Rio de Janeiro, 2 de Setembro de 1933

Director: SERGIO SILVA

A SÉ DA BAHIA

Sé da Bahia é talvez o mais antigo monumento religioso do Brasil. Enquanto as igrejas de Minas, tão justamente famosas, datam de fins do seculo XVII e começos do seculo XVIII, ela foi construida ao morrer do XVI. Contemporánea do amanhecer do Brasil e testemunha de fátos os mais importantes de nossa história, ela deixou de ser cousa somente local para de verdade se integrar no patrimonio totalitario do Brasil, Brasil-Raça, Brasil-Nação, Brasil-Humanidade. Todos os brasileiros que sentem e comprehendem o que representam para a nossa tradição essas pedras veneraveis teem o dever moral de velar por elas.

Entre aquelas paredes ressoaram os canticos de graças pelos triunfos de nossas armas no mar e em terra, durante mais de tres centenarios; ecoou a palavra de Vieira e brilharam entre os rólos da odorante fumaça dos turibulos as mitras dos primeiros bispos do Brasil.

Velho e sagrado templo dos nossos maiores, batido pelos temporais das lutas na guerra holandêsa, com a fachada que dá para o mar ainda incompleta, apresenta os mais puros caracteristicos do primeiro barrôco português. Na porta lateral sobre a atual rua Chile se sente a suntuosa floração do Renascimento. Como trabalho de pedra de obragem bem lavrada, nêsse estilo, é um dos raros exemplares existentes em toda a America.

Primeira catedral brasileira até 1765, conserva na sua obra de talha, nas suas pinturas e imagens as manifestações artisticas dos primitivos artistas bahianos e guarda no seu chão sagrado os ossos dos antigos bispos e dos altos funccionarios da Colonia.

De ha muito, porem, a municipalidade da capital bahiana encarece o alinhamento e alargamento da rua Chile, querendo para isso demolir a velha Sé, com o aplauso dos utilitaristas que só enchergam nas cousas as aparencias materiais, com o protesto indignado dos que nelas sentem uma alma e procuram impedir a profanação.

Varias fôram as tentativas e varios os recúos deante da grita geral. Agora, porem, a Sé vai mêsmo a baixo. Por traz das cortinas, os americanos da companhia de bondes, tangem os pauzinhos para essa criminosa derribada. Êles não são brasileiros, não sentem o Brasil, nêle só veem os lucros que possam ter e, para desafogar a fachada trivial e moderna do seu palacio da Circular, dão o dinheiro para a demolição da igreja tradicional. A cúria metropolitana, olvidada de seu papel verdadeiro, embolsa trezentos contos, as alfaias e o que render o entulho, além de luz gratis para o seminario ,em paga do consentimento para que se reduza a um montão de caliças o templo mais antigo do Brasil. Prato de lentilhas e trinta dinheiros, dois proveitos num saco, sem o perigo dos caetés de outróra que comiam assados no espeto os arcebispos!...

O povo protesta em vão. Todos os intelectuais gritam. E os poderes discricionarios do Estado que não estão para ser amolados estabelecem a censura sobre tudo o que diga respeito a esse atentado contra a alma do Brasil.

Em 1928, protestei de público pelo *Correio da Manhã* contra o projeto de derrubada; protesto hoje mais veementemente contra esta, sem me importar que seja o resultado duma compra entre o capitalismo internacional, sem moral e sem pátria, a cúria sem ideal e utilitaria, e os interesses imediatos da municipalidade, que o povo bahiano devia repelir até de armas na mão. Porque, demais, o exemplo da destruição da Sé é perigoso. Êle é o primeiro passo para a continuação dêsse fatal alargamento, alinhamento ou o que quer que seja da rua Chile...

GUSTAVO BARROSO

Estrada de Damasco

DESTINOS...

— HA quanto tempo não nos víamos!...

— Tem razão. E, no emtanto, em sentido contrario já ha annos vimos marchando pela mesma estrada...

— Que é tão longa, tão longa...

— Sim. Sempre foi assim a estrada cheia de imprevistos do Destino.

— Da vida, não é?

— E qual a vida que não é marcada por um destino, pelo destino, pelo seu proprio destino?

— Mas, dizem, disseram-me, um dia, que poderiamos alterar um pouco o itinerario do nosso destino.

— Como?

— Um atalho, um desvio, uma encruzilhada a tomar para abreviar, ás vezes, o momento de um encontro como este...

— Ah! Fez isso?

— Sim. Fil-o. Mas em pura perda. Custei mais, desta vez, a encontral-o do que da outra...

— Tambem eu fiz isso. Tambem eu, na ansia de revel-a, procurei diminuir a caminhada e penetrei num atalho, á esquerda da estrada immensa, lá onde os laranjaes floridos e olentes mais convidavam para a marcha nupcial do amôr...

— A' esquerda?

— Sim.

— Ah! E eu que, no mesmo ponto, um pouco abaixo, tomei á direita! Tambem ahi floriam os laranjaes, tecendo guirlandas perfumadas de noivado. E desci, desci até um pequeno valle onde as rosas se entrelaçavam em abraços amorosos, tomada da inquieta esperança de ahi, de novo, encontral-o...

— Vejo, comprehendo agora, amôr, porque suas mãosinhas estão assim feridas e pintalgadas de sangue. Meu pobre amôr! Deixe-me beijal-as... Adoradas mãosinhas, cheias de caricias, que tacteavam minha sombra na estrada longa do Destino...

— E você, meu querido? Ah! Como está machucado! Esse sangue, que lhe desce da cabeça... Sua roupa esfarrapada, rota... Essa perna que falseia...

— Nada. Nada. Um escorrego sem importancia...

— Uma quéda? Como?

— Sim. Uma quéda num precipicio. Como lhe disse, tambem para mais cedo de novo tornar a vêl-a, tomei um atalho á esquerda. Mas tive de subir, subir. Sentia-me já cansado, julgando nunca mais conseguir transpôr aquella montanha...

— Aquella, lá?

— Sim. Aquella mesma. Mas o meu sonho alentava-me de quando em quando e a esperança não me abandonava. Alguma coisa, uma voz mysteriosa, fallava-me, baixinho, ao coração, dizendo-lhe que você estaria ali perto... E continuei... a subir... E, já no cume agudo e pedregoso, deitei-me um pouco para repousar. Estava exhausto. Adormeci. Logo, porém, despertei. Uma voz... Uma voz de infinita doçura trazia a meus ouvidos a divina harmonia de uma canção de amôr. E parecia vir de baixo, do valle florido que eu divisava no outro lado da montanha, aquelle que eu ainda teria de transpôr... E a voz... A voz era a sua, querida!

— Talvez... Porque minha alma estava sempre a cantar, sempre a chamal-o.

— E estavamos tão pertos um do outro! Ahi é que nos desencontrámos, porque, emquanto eu descia você entrava de novo na estrada larga, onde só hoje viemos nos encontrar.

(Continúa na pag. 31).

Robe de mousseline imprimée de plusieurs tons de rose sur fond noir. Ceinture et bretelles de velours rubis.

Caverna de Ali Babá

«Alciône» é o ultimo romance de Rubey Wanderley. Traz elle uma carta-prefacio de Benjamin Lima, critico severo e artista dos melhores. Mas quem escreveu com aquella luminosidade, ostentando a cultura literaria que se nota nas paginas de «Alciône», não necessita de apoio para se apresentar ao publico. Rubey Wanderley, que, já nos deu «A Vida amorosa de Mario Hafner», outro livro magnifico, reaffirma, em «Alcione», as suas brilhantes qualidades de escriptor, que paira muito acima da generalidade de tantos romancistas e «conteurs» que se perdem no «mare magnum» da mediocridade. E' de prever que a nova obra de Rubey Wanderley alcance aquelle mesmo successo anterior.

Armon de Mello é um jornalista moderno, forrado do temperamento de um escriptor interessante e arguto. «S. Paulo venceu!» é o titulo do seu ultimo livro, no qual o espirito curioso e penetrante do repórter faz sobre os mais importantes episodios da revolução paulista uma obra de actualidade e de copioso interesse literario. Jornalista e homem de letras, Armon de Melo fórma entre os destacados valores da nova geração, sendo o seu livro um dos depoimentos mais attrahentes escriptos sobre a revolução de S. Paulo.

AMEMOS A AMERICA!

A vida colonial transmittiu ao espirito dos povos sul-americanos o preconceito da superioridade europea. Tudo, na existencia inicial das actuaes nações do continente, era do Reino, o proprio queijo flamengo e a propria pimenta da India...

As lutas pela independencia e a liberdade definitiva não apagaram essa idéa preconcebida e todos nós, americanos, continuamos a namorar a Europa, que de nós zombava a cada passo, como uma moça bonita da cidade zomba do Jéca que se metter a fazer-lhe a côrte. Nunca para ella passámos de negros, de mestiços, de creoulos, de macacos e de arrasta-couros (rastacueros). E, se alguma cousa nossa a impressionou, foi a abundancia das cobras...

Somente alguns espiritos impávidos e eminentes se conservaram sempre erectos ante a influencia dos povos e dogmas europeus, sobretudo da França, nas roupas e nas idéas, nos corpos e nas almas, porque sentiam que a realidade americana seria em breve muito maior do que a illusão estrangeira. Raros espiritos!

No decorrer dos annos, esses homens crearam escola e, então, certo numero de intellectuaes começou a fazer dentro da America a propaganda da propria America.

Apesar do tempo e das lições dos factos, ainda muitos individuos volvem olhos saudosos para o outro lado do Atlantico, como se unicamente de lá pudesse vir a solução de todos os nossos problemas economicos, financeiros, politicos, sociaes, mentaes e moraes.

Já é tempo de olharmos para nós mesmos...

SÉSAMO

Classificado em primeiro logar, nas provas do concurso realizado perante a Congregação da Escola Polytechnica do Rio de Janeiro, o dr. Jeronymo Monteiro Filho acaba de ser nomeado professor cathedratico de Estradas daquella importante dependencia da Universidade do Rio de Janeiro. O professor Jeronymo Monteiro Filho, que já era livre-docente, por concurso, do mesmo instituto superior de ensino, regendo, desde alguns annos, interinamente, a cadeira que agora conquistou, é um profundo conhecedor da materia, familiarizado, que já se achava, de longa data, com os estudos de estradas de rodagem e de ferrovias. Autor de varias obras sobre a especialidade a que se dedicou, o joven e illustrado engenheiro patricio é um nome que se impõe, na sua classe, pelos meritos incontestaveis da sua prestigiosa figura.

Em solemnidade que se realizou no palacio Itamaraty, sexta-feira da semana passada, foi assignado o Tratado de Commercio e Navegação entre o Brasil e a Republica Oriental do Uruguay, funccionando como plenipotenciarios, respectivamente, do nosso paiz e da nação amiga o ministro das Relações Exteriores, dr. Afranio de Mello Franco, e o embaixador Juan Carlos Blanco.

ESTRADA DE DAMASCO

(Conclusão)

— Ambos tão cansados. Já no outomno da vida...

— Sim, em pleno outomno. Veja como estão os laranjaes. Largando as folhas amarellecidas, que dançam no ar, inquietas...

— Mas ainda alegres...

— Alegres? Quem sabe!

— Sabemol-o nós.

— Nós?

— Sim. Nós que somos tambem duas folhas desgarradas da arvore do Destino e que só hoje nos juntamos para a festa do nosso amôr.

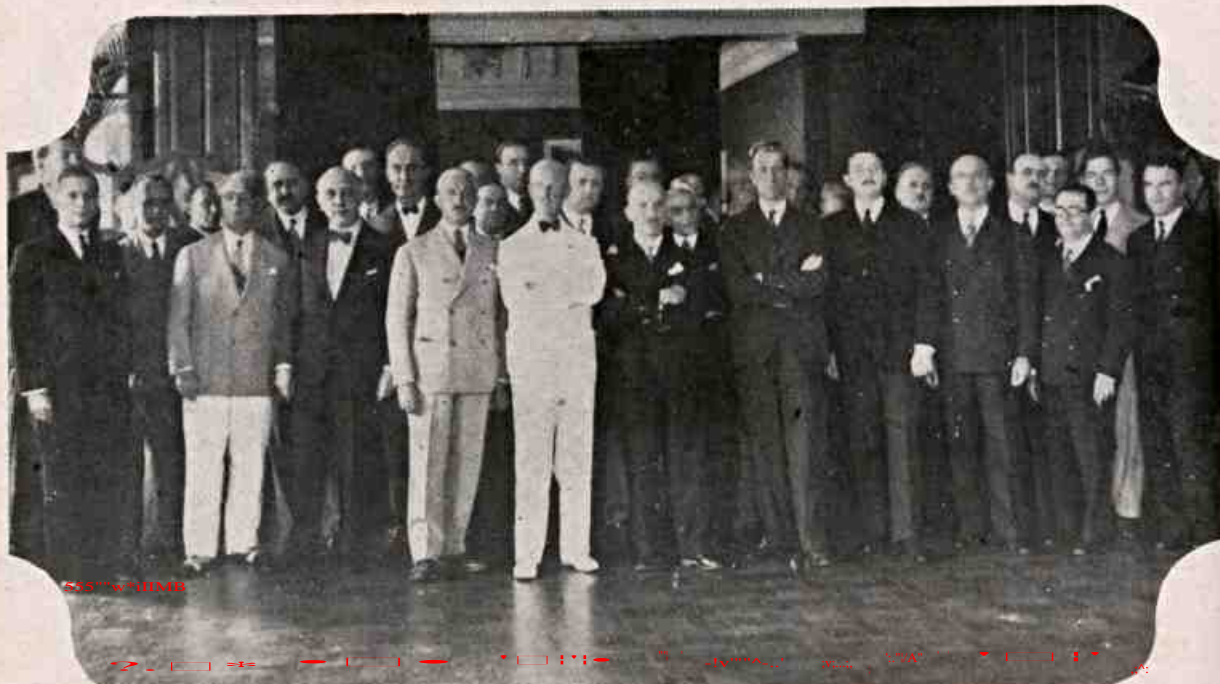
— E quer-me assim, folha esmaecida de outomno?...

— Cheirando ainda á fragrancia fresca de primavera...

— Meu querido!

— Meu suave amôr outomnal...

Sauxo

Ainda no palacio Itamaraty realizou-se a assignatura do Tratado de Commercio entre o Brasil e Portugal. Essa cerimonia teve logar no ultimo sabbado, com a assistencia dos drs. Afranio de Mello Franco e Martinho Nobre de Mello, que representaram, no acto, respectivamente, o Brasil e Portugal.

Compatriotas do embaixador Kammerer reuniram-se terça-feira ultima, no Palace Hotel, para prestar uma homenagem de despedida ao illustre diplomata francez, offerecendo-lhe um cordial almoço, no qual tomaram parte as pessôas que figuram no presente grupo, ladeando o homenageado.

Por iniciativa da Prefeitura do Districto Federal, foi offerecido, segunda-feira á noite, um jantar aos excursionistas francezes ora nesta capital. Essa homenagem official aos nossos amaveis visitantes realizou-se com a presença do dr. Lourival Fontes, director-geral da Secretaria do Gabinete do interventor Pedro Ernesto, e do dr. Berilo Neves, director do Touring Club do Brasil, que representou, no ágape, essa patriotica instituição á qual se deve o expressivo movimento turistico que tem animado, ultimamente, a nossa terra.

"O integralismo em marcha"

Gustavo Barroso, "leader" integralista

GUSTAVO BARROSO, o grande e culto espirito que é, hoje, uma das maiores expressões da mentalidade brasileira, vem de publicar uma nova obra — O Integralismo em Marcha. Obra de acção e de propaganda politico-social, este interessante trabalho do notável escriptor, enfeixa quatro magnificas conferencias realizadas, ainda ha pouco, nesta capital e em Nictheroy, pelo illustre presidente da Academia Brasileira de Letras, hoje um dos mais autorizados leaders e doutrinadores da acção integralista no nosso paiz. Abrindo com uma vibrante carta á mocidade brasileira, que estampamos a seguir, neste seu novo livro Gustavo Barroso estuda e analysa a doutrina integralista sob os seguintes aspectos: **O Integralismo no sentido filosofico; O Integralismo no sentido brasileiro; O Integralismo no sentido concreto e O Integralismo no sentido internacional.**

Neste momento da vida brasileira, esta obra do consagrado escriptor patricio terá, de certo, a mais larga repercussão.

* * *

E' a seguinte a pagina de abertura do novo livro de Gustavo Barroso, a que acima alludimos:

"Moços do meu Brasil,

O crepusculo que Barbusse previu logo depois da grande guerra alastra pelo mundo as suas sombras tristes. O liberalismo impotente e hipócrita agoniza. O credo communista cria duas humanidades, declarando que nem a morte apaga o antagonismo entre o operario e o burguês. Mais horrendo que o fantasma das discórdias civis, se ergue o espectro da guerra das classes. Ao embate das contradicções, o nosso paiz corre para o naufragio. Só a mocidade, que é o futuro, lhe resta como taboa de salvação, sómente ela é capaz de renová-lo, como, ao som da Giovinezza, reformou a Italia, concertou Portugal e redimiu a Alemanha.

Do alto das serranias do meu patrio Ceará, quando o sol inclemente das sêcas combure os esqueletos das caatingas e todo o sertão imenso se alonga nú e preto, as copas verdes dos joazeiros úteis e heroicos, cuja sombra abriga a rez sequiosa e o vaqueiro emagrecido, cuja rama e cujo fruto alimentam o gado e o retirante, pontilham a desolação. Quanto mais a estiagem se prolonga, quanto mais a canicula dos longos dias estivais calcina a terra infeliz, e mais cresce a solidão, e mais aumenta a agonia, mais viçoso, mais belo, mais senhoril e mais verde pompêa o joazeiro como um estandarte de Esperança.

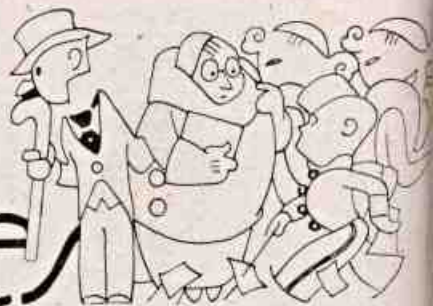
Sêde como o joazeiro, moços do Brasil! Sêde como o joazeiro, erectos, varonis e sempre cheios de fé, tanto mais erectos, mais varonis e mais cheios de fé quanto mais cresçam as dôres, aumentem as provações e se multipliquem as dificuldades!

Meu olhar se espraia pelos largos horizontes da Patria e avista além as negras nuvens que ficaram para trás, e os sombrios escolhos que se adensam á nossa frente. A complexidade dos problemas nacionais desafia o esforço da geração nova. Na vasta planicie lamacenta dos preconceitos e da inercia, das chatices e dos conchavos pessoais, os moços idealistas, ainda não contaminados pelas baixezas do ambiente, são os úteis e heroicos joazeiros verdes em que residem as derradeiras esperanças do Brasil, moços de hoje, homens de amanhã, construtores da futura sociedade.

Unicamente vós podereis opôr barreiras intransponiveis á [illegible] das maiorias incapazes e aos assaltos das minorias estereis que guerreiam a arte e a ciência, que combatem os mais altos, nobres e sagrados ideais humanos, pretendendo reduzir o panorama das patrias a pantanos democraticos ou a monotonas estepas moscovitas. Sómente a mocidade poderá salvar o mundo.

Falo-vos com o coração, do meio do caminho da minha vida em que não pratiquei um áto de que me possa envergonhar. Falo-vos com a convicção duma doutrina e com a força dum idealismo construtor. São já demasiadas as ruinas que enchem a superficie da terra. Antes de descer a ladeira sombria da montanha a que trabalhosamente subi, sorrio de prazer, porque avisto por cima da paisagem causticada de sol, agitados ao vento da manhã radiosa, os verdes e gloriosos estandartes da mocidade!"

GUSTAVO BARROSO

Gustavo Barroso, vestindo a camisa oliva, numa atitude de saudação fascista.

JOCKEY CLUB

EM Paris e Londres, as corridas são um attractivo de tradicional elegancia. Comparecem os chefes do governo e com elles a mais representativa nata official. Aqui, carece de maior importancia a presença das autoridades. Os ares americanos são menos protocollares. Lá, ha um interesse grande em ver e saudar os homens do governo. Por isso mesmo, algumas vezes, o motivo principal de um *footing* passa a segundo plano. Torna-se accessorio...

Fazia estas reflexões do meu logarzinho nas archibancadas do Jockey Club, nas ultimas corridas. E via que o desfile da elegancia carioca era de legitimo sentimento esthetico. O nosso *grand monde* não estava alli para lisonjear os poderosos do dia. Estava por impulso social, com a esthesia de uma gente sensivel ás bellezas da moda e aos afagos da linda tarde esportiva.

* * *

Vejo, de relance: senhor e senhora Linneu de Paula Machado; senhor e senhora Thompson Motta e senhorita Vera Thompson Motta; senhor e senhora Amancio Rodrigues; senhor e senhora Alfredo Pouman; senhoras Irene Rodrigues da Silveira e Candida Silveira Curvello de Mendonça; senhorita Lazinha Luiz Carlos; senhorita Santinha Castello Branco; senhor e senhora José Vicente Payá; senhor e senhora Humberto Cardoso; senhor e senhora Chagas Doria; senhor e senhora Raul Machado; senhor e senhora Jacy Tolentino de Souza; senhor e senhora J. Octaviano; senhora Felix Cavalcante; senhor, senhora e senhorita Fernando Magalhães; senhora e senhorita Adhemar Faria; senhor, senhora e senhorita Aureliano Amaral; senhor, senhora e senhorita Nelson Pinto; senhor, senhora e senhorita Lima Rocha; senhora Luiz Modiano; senhor e senhora Heitor Motta; senhor e senhora Daniel de Carvalho, senhora José Manhães, etc. etc.

* * *

As apostas estavam animadas. Corria o favorito da estação, o vencedor do glorioso domingo do *sweepstake*: Mossoró.

Numa roda de nortistas, a paixão do *turf* remexia com os enthusiasmos regionalistas. Algumas senhoritas mostravam-se indifferentes ao espectaculo esportivo. Mas, apontavam, á distancia, um grupo, onde pontificava uma das mais elegantes damas do *set* carioca. E apontavam para gabar o gosto de sua *toilette*, meia estação, de uma côr irreal.

— A côr não tem nada de extraordinario. E' que a gente enche os olhos da visão da mulher e fica assim com a vista perturbada.

Voltei-me para ouvir melhor. Entre as moças indifferente ao *turf*, a voz de conhecido leão da elegancia do Rio me convenceu de que ainda é o espectaculo puramente humano o que mais interessa á alma da gente...

* * *

O Jockey Club era todo uma festa de côres e de sorrisos. A tarde baixára como um afago da natureza. O espelho da lagôa Rodrigo de Freitas reflectia a sombra dos morros. A *pelouse* enchia-se de pessôas, que formavam grupos, nos intervallos dos pareos.

— Não espera mais uma corrida?

— Já está tarde...

— Então, até logo... não?

— Sim, ás 10, no *Grill-room*. O Casino estará hoje uma maravilha.

— Até lá.

* * *

A' porta do pavilhão dos socios, o senhor e senhora Rodrigo Octavio Filho, o senhor e senhora Marcos de Mendonça, o senhor e senhora Edmundo de M-

DINA THEREZA

O cinema é a maior fonte de consagração publica. Dá fulgor aos artistas. Dá-lhes um prestigio unico. Ha qualquer coisa de privilegiado nas suas creações. Um mysterio qualquer. Deve a esse estranho poder o encanto de sua recepção no Rio a interprete da "Severa", essa bonita e sympathica Dina Thereza, em carne e osso.

Ha mais de um mez, os cariocas travaram conhecimento com ella, através do filme. E viram-na e ouviram-na, deliciados. Mas, a celluloide é infinitamente inferior á imagem viva, ainda hoje com as fitas faladas.

Foi isso que os levou ao cáes para sentir a realidade da presença da protagonista da "Severa", que Julio Dantas escreveu e o cinema consagrou.

Dina Thereza não desilludiu ninguem. Pelo contrario: encantou a todos.

randa Jordão, o senhor e senhora Brito Cunha aguardavam a vez dos seus automoveis.

As primeiras sombras da noite envolviam o dorso das montanhas lá longe, emquanto do outro lado da lagôa scintillavam as luzes do casario novo de Ipanema...

FOOTING

VOU a pé pela Avenida Atlantica. No Lido, a Prefeitura offerece um jantar aos turistas francezes. No O. K. todos os logares estão occupados. A praia se illumina da luz frouxa do quarto crescente de uma lua recatada e fria. No passeio, as pessôas acotovelam-se na marcha elegante do *footing*, um dos muitos attractivos da Avenida Atlantica.

9 horas da noite. As portas do Casino de Copacabana abrem-se a numerosas pessôas, que já se impacientavam de vêl-as fechadas.

Não entro. Volto á praia para fazer hora. E sou levado na onda do *footing*, parando aqui e acolá para um cumprimento e um sorriso.

* * *

Encontro conhecidos. A senhora Armindo Rangel diz-me que o bello livro de versos de seu illustre marido está a sahir. Felicito-a pelos "Outros poemas".

A senhora Miguel Oakim, pelo braço de seu esposo, fala-me da poesia arabe e da saudade de sua irmã, que está em S. Paulo: a senhora Latif Karam.

Nair Werneck Dickens parece que está sentindo a falta de Conceição Adelmar Tavares.

A ronda elegante é interminavel... A senhora Raul Azevedo diz ao seu marido umas coisas da Amazonia. Surprehendo uns fiapos da conversa: victoria regia, ceramica de Marajó, a lenda da mãe-lua...

* * *

Nem de proposito: Passa a pianista Anna Carolina.

— Saudades do Pará?

Quem responde não é ella. E' Iris Pereira, a estylisadora dos motivos amazonicos.

— Este Rio tem sortilegio... Mata todas as saudades!

Nesse momento, a illustre senhora Carlos Veiga Lima pareceu sorrir, assentindo na homenagem á sua linda terra carioca.

E o *footing* continuou. Em grupo mais numeroso, vi as senhoritas Adelaide Martins, Flavita e Rosita Carvalho e Silva, Baby Souza e Silva, Mariana Cavalcanti, Heloysa e Geninha Soares dos Santos, Hilda e Maria Francisca Maciel.

O movimento crescia. E a minha hora chegou. O quarto crescente da lua parecia uma decoração moderna do céo, por detraz do Corcovado, com a cruz do Redemptor illuminada e uma estrella fulgurante de guarda...

UM JANTAR NA PRO'-ARTE

A *Pró-Arte* é um nucleo de intelligencias e de sensibilidades a serviço da Belleza. Sabbado ultimo, realizou-se na sua séde um jantar de grande elegancia espiritual. Um jantar de artistas, offerecido ao Trio Schneider, da Austria, que é composto dos professores barão A. Vietinghoff-Scheel, pianista; Benja Waschitz, violinista, e Wolfgang Schneider, violoncellista. Ao banquete em homenagem aos consagrados artistas estiveram presentes: senhora Rezende Martins, senhor e senhora Rodolfo Josetti, frei Sinzig, senhora Amelia Rezende Martins, senhor e senhora Junck, senhor Renato Almeida, senhor e senhora Becker, senhor e senhora Huymann, senhor e senhora Czierskу, o esculptor Grapmann, o maestro Luiz Heitor, o senhor Helmich, do Instituto de Alta Cultura Teuto-Brasileira e o senhor Theodor Heuberger, secretario da Pró-Arte.

sorrindo como numa passagem do seu filme romantico.

Os jornalistas fizeram-lhe perguntas. Mas, Dina Thereza é uma artista de cinema differente. Não veiu de Hollywood. Está nisso, para mim, aliás, o seu mérito proprio. E' uma estrella isolada. Uma estrella nacional. As outras não têm o seu prestigio, porque se confundem dentro dos studios, sem poder identificar as bellezas de sua terra. Dina Thereza viveu uma interpretação portugueza, sob o céo portuguez e com o amor das lindas coisas portuguesas.

Temol-a ahi, pois, com o melhor dos seus sorrisos e a voz lusitana, que Deus lhe deu, para cantar fados e bolir com a alma dos seus patricios, remexendo no fundo de tantos corações o brazeiro de muitas saudades, que alguns já acreditavam tivesse de todo amortecido...

LUCIANO

TURISTAS FRANCEZES

A cidade está cheia de turistas. O "Massilia" trouxe mais um grupo delles. Encontro-os por toda parte. No Joá, no Casino de Copacabana, nas florestas da Tijuca. O accento parisiense é inconfundivel. Escuto-o com o enlevo, que tem qualquer coisa de primitivo. E embevaço-me com a musica da lingua admiravel, em que Rostand vazou os versos maravilhosos do *Cyrano*.

* * *

Espreito do meu cantinho os confrades parisienses de "Le Temps": M. Favre e M. Delage. A finura gauleza extravasa espirito a proposito de tudo.

E vou travando conhecimento, á distancia, com a senhora Daniel Dreyfus, a senhorita Catherine Dreyfus, a senhora Julien Belleville, a senhora Jeanne Charles Caulobre, a senhora Marie Caulobre, a senhora Edmond Delage, a senhora Eugéne Domange, a senhora Max Domange, a senhorita Marie Odette Faul, a senhora Jules Leboeex, a senhora Louis Loriot, a senhora Louis Lehman, a senhora Louise Santenoise, da melhor sociedade parisiense.

* * *

A Prefeitura reuniu-os num jantar no *Lido*.

A noite transcorreu animada e gentil. Estive de parte, vendo e, ás vezes, ouvindo as amabilidades dos turistas.

No intimo, regosijava-me do espectaculo, porque, pelo menos, desses a poetisa Lucie Delarue Mardrus não terá o gostinho de saber que escaparam de ser tragados pelas famosas folhas carnivoras, que ella conheceu entre as serpentes venenosas e os "pelles vermelhas" do Brasil de seu conto de mil e uma noites...

PONTO DE OMNIBUS

— QUANDO teremos o *metro?*

— Já era tempo do Rio possuir o seu *sub-way*...

— Imagina que em 8 minutos estariamos em Ipanema!

— Sem os incommodos desta espera de todos os dias...

Interrompi o dialogo. E argumentei que a pressa é inimiga da perfeição. Assim, de omnibus, a gente se familiariza com... o destino. Quantos *flirts* deliciosos não têm feito a felicidade de muita gente, que se conheceu assim, num omnibus, ou que, num omnibus, coincidiu viajar sempre junta até que o travesso deus Cupido a alvejou... O ideal era o bonde: moroso, mas conciliador e alcoviteiro...

* * *

O ponto regorgita. A ansia de conseguir um logarzinho faz a minha gentil companheira de bairro murmurar, de máo humor:

— Que falta de modos!

Mas, o importuno não ouviu nada. Sentou-se bem na frente e, puxando a fumaça de um cigarro, foi incommodar outras senhoras...

* * *

A cidade formiga. Cedo meu logar á esculptora Alba de Mello, que não me conhece. Como não me conhece Lázinha Luis Carlos, que entrou pensando numa chronica bonita...

E, anonymo, desappareço na lotação completa!

QUINTA-FEIRA, TARDE ELEGANTE

A rua do Ouvidor formigava de gente. Veiu á cidade a belleza carioca. A belleza multiplicada em centenas de mulheres lindas, mas uma só belleza caracteristica, inconfundivel. Como apontar, entretanto, só as bellas, se ha as que, não sendo bonitas, são, porém, elegantes?

Para não ser injusto, vi todas, menos as mal vestidas. Essas não passaram por mim. Ou ficaram no negativo da minha Kodak, não me interessando revelal-as...

Mas vi: senhora Marques Couto, senhora Marcos Carneiro de Mendonça, senhora Juvenal Murtinho Nobre, senhora Azurem Furtado, senhora Renato Souza Lopes, a esculptora e *diseuse* Margarida Lopes de Almeida, senhora Carlos Cavalcante de Gusmão, senhora Daniel de Carvalho, senhoritas Ildefonso Dutra, senhora Carlos Veiga Lima, senhora Raul Machado, etc., etc.

HYPOCRISIA

O grave senhor Felix le Dantec affirmou, certa vez, no frontispicio de um sombrio livro materialista, que a hypocrisia era a base das sociedades. A legenda ganhou fóros de axioma, della se tendo servido toda uma geração, que considerou o seculo XIX o das supremas verdades... Aqui não cabe discussão philosophica em torno de assumptos assim transcendentaes. A hypocrisia é simplesmente indicio de máo caracter. E, como tal, influe nas relações sociaes, actuando por fórma desagregadora, dissolvente. O numero de hypocritas cresce, dia a dia. Nos circulos intellectuaes, então, a estatistica dos mystificadores é alarmante. Mal do nosso tempo? Não; doença antiga, que se renova e modifica, segundo os climas e as latitudes.

Um destes dias, por exemplo, cortez amigo litterario me cumprimentou pelo exito das minhas chronicas, em certa folha matutina, que elle não deixava de ler. Ainda naquella manhã me tinha achado deliciosa...

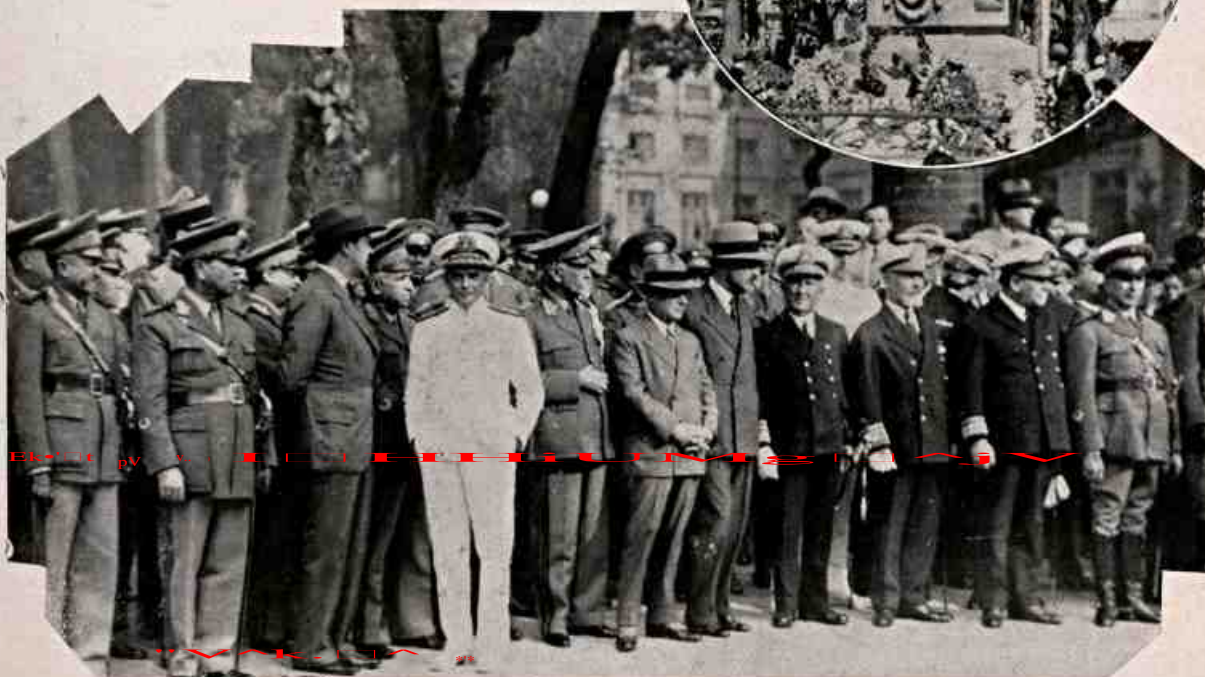
Ora, ha mais de seis mezes que eu não escrevia mais a minha secção diaria no jornal referido!

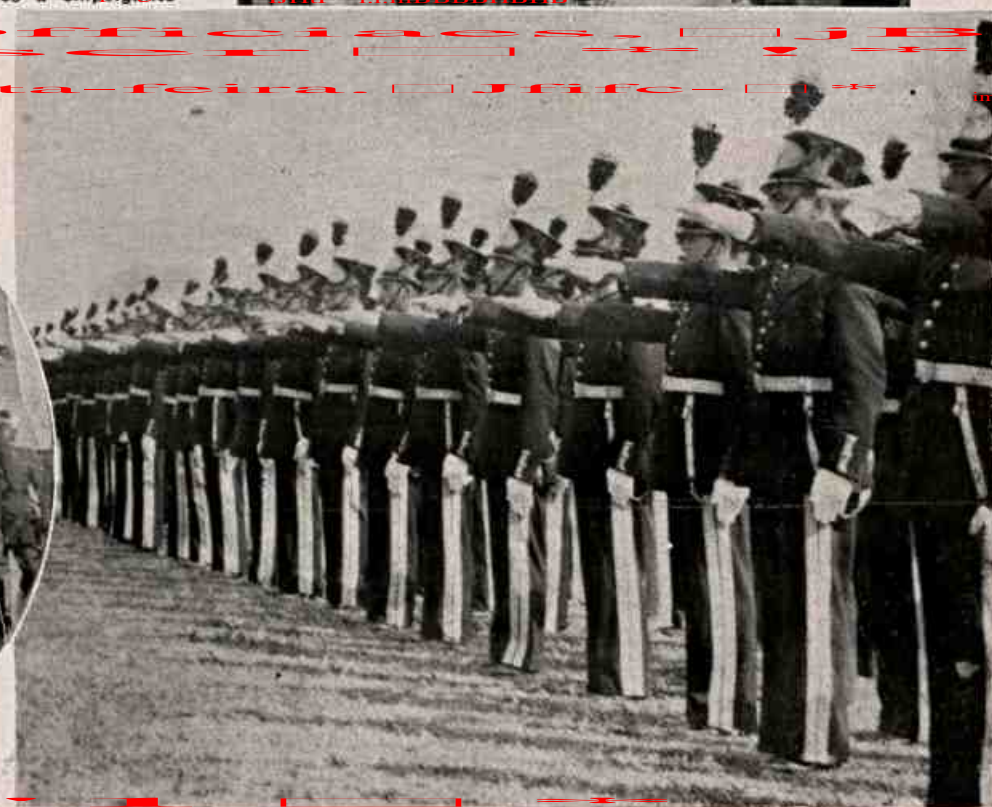
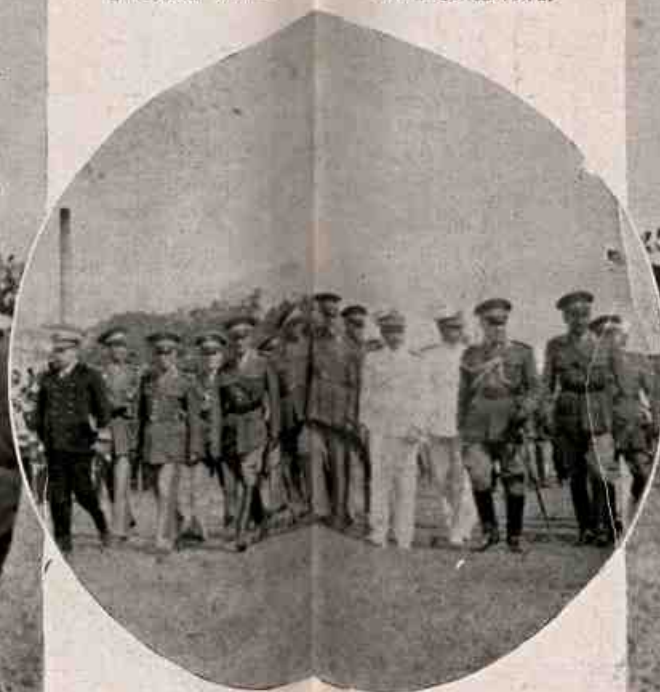
São assim, na sua maioria, os cumprimentos permutados, por mero desencargo de antipathicas convenções sociaes.

Conta-se, aliás, que Sainte-Beuve foi uma vez felicitado pelo Imperador, que lhe disse ser um leitor diario de suas criticas publicadas no Constitutionel. O autor de "Meus Venenos" ha dois annos tinha deixado de escrevel-as...

Será que aquelle confrade quiz elevar-me á situação de Sainte-Beuve para coroal-o e elle a de meu Imperador?...

Luciano

Sexta-feira penultima, 25 de agosto findo, foi o «Dia do Soldado». Varias solennidades civico-militares realizaram-se nesta capital para commemorar a data consagrada ao soldado brasileiro como uma homenagem á gloriosa memória do grande cabo de guerra Luiz Alves de Lima e Silva, duque de Caxias. A primeira dessas solennidades consistiu numa formatura militar levada a effeito junto ao monumento de Caxias, no largo do Machado, onde se reuniram, ás primeiras horas da manhã do dia 25 de agosto, unidades do Exercito, da Marinha e da Policia Militar do Districto Federal, que, sob o commando do coronel Octavio Pires Coelho, commandante do 1.º Regimento de Cavallaria Divisionario, desfilaram em continência á estatua equestre do duque de Caxias. As photographias que aqui estampamos focalizam trez aspectos tomados junto ao monumento do largo do Machado, por occasião da formatura da penultima sexta-feira. O de baixo mostra a commissão do Collegio Militar do Rio de Janeiro depositando flôres no pedestal do monumento.

Os novos alumnos da Escola Militar prestaram o compromisso á Bandeira em solemnidade que se realizou sexta-feira penultima, no Campo de Marte, no Realengo. Jurando fidelidade á Patria, os jovens cadetes receberam, tambem, o espadim symbolico do futuro official.

A cerimonia decorreu brilhantissima na manhã de sol. O general Espirito Santo Cardoso, ministro da Guerra, presidiu-a, passando em revista a tropa de cadetes que formou sob o commando do major Mario Travassos. Estavam presentes, entre outras altas autoridades militares e civis, o general Pantaleão Pessôa, representante do chefe do governo provisorio; o almirante Protogenes Guimarães, ministro da Marinha; os generaes Bordini, Guedes da Fontoura, Almerio de Moura e Xavier de Barros; os almirantes Amphiloquio dos Reis e Raul Tavares; o reitor da Universidade do Rio de Janeiro, professor Fernando Magalhães; os representantes dos ministros da Justiça, do Trabalho e da Educação. Após a empolgante cerimonia do Campo de Marte, os convidados assistiram ao acto inaugural do Casino dos Officiaes, e de outros melhoramentos que acabam de ser introduzidos na Escola. Foi um dia de festas para a Escola Militar a penultima sexta-feira.

MERCURIO, CUPIDO & CIA.

NÃO é intelligente essa idéa de se pagar 400 réis por um telephonema de cinco minutos, — com interrupção obrigatoria para o pagamento da taxa.

O ideal seria não se pagar coisa alguma. A se pagar, porém, o mais acertado seria o pagamento total dos minutos, sem a interrupção indiscreta.

Aliás, ha um erro de psychologia no caso.

Quem inventou aquelle hiato, numa palestra telephonica — seja sobre que assumpto fôr — denota ser muito pouco psychologo.

Mesmo porque, como observa o illustre sr. Maurice Barrès, o segredo de encantar, numa *causerie*, consiste em ouvir o seu interlocutor, sem o interromper.

E isso está ainda nos tratados de civilidade, — desde a condessa Gessé ao *Don't* dos inglezes finos de linhagem.

* * *

E' verdade que se póde argumentar: ha palestras que não devem ser ouvidas. Ao telephone ou fóra deste.

Exemplo: as exigencias de um credor indesejavel; a conversa fiada de um sujeito que nos vem pedir dinheiro emprestado; a descompostura de uma sogra... Sim. Estou de acordo.

Mas não esqueçamos que ha certas palastras que não podemos interromper. Primeiro, porque nos collocaria mal, aos olhos de uma pessôa educada; em segundo logar, porque traria prejuizo certo á Companhia Telephonica.

* * *

Para não ir muito longe, basta citar o caso de dois namorados, que se utilizam, systematicamente, de telephones publicos. E' difficil. Mas não é coisa impossivel.

* * *

O sr. Felix Pacheco é um dos academicos que desenvolvem, actualmente, maior e mais fructuosa actividade. Suas traducções de Charles Baudelaire vieram confirmar-lhe os meritos de artista do verso, que já lhe tinham grangeado tantos triumphos, antes, mesmo, que a Academia de Letras o acolhesse nas suas poltronas de velludo e ouro. «Baudelaire e os milagres do poder da imaginação» e «Paul Valery e o monumento a Baudelaire em Paris» são os novos volumes com que Felix Pacheco acaba de enriquecer a bibliographia do grande poeta das «Flores do mal» e prestar, ao mesmo tempo, á literatura brasileira um serviço de alta valia. O emotivo dessa flôr de perfeição que é o soneto «Estranhas lagrimas» mostra, aqui, a mesma formosa inspiração da mocidade, servida por um estylo que só o muito saber e o muito lidar com as letras podem assegurar em idade ainda tão florida de producções e de bellezas literarias.

* * *

* * *

Romeu discute com Julieta.

— Estou revoltada com você!...

— Por que, meu anjo?

— Porque você gosta de outra.

Romeu, tenha ou não tenha razão, defende-se com ardor.

A conversa se exalta de parte a parte. O desejo de ambos é um só: convencer um ao outro de que está praticando uma injustiça ou labóra n'um erro imperdoavel.

— Erro imperdoavel! Mas, afinal, no amor tudo deve estar errado, para andar certo.

Quem tenta essa *blague* é Romeu.

E' claro que Julieta não gosta.

E a pendencia está entre o "liga e desliga" — justamente quando a telephonista intervem: Mais 400 réis para cinco minutos, faz favor!"

Um delles aproveita o ensejo para desligar. Sem que lhe fique a culpa nem o remorso do gesto pouco amavel.

* * *

Que se viu?

A Light foi inhabil. O seu intervencionismo commercial num caso de coração, não se explicava.

Mercurio prejudicou a Cupido e, ao mesmo tempo, á propria companhia. Quanto mais a discussão proseguisse, melhor seria para ella.

* * *

Seria mais pratico, mais intelligente e mais humano que a telephonista, — em taes circumstancias — representasse o sympathico papel de medianeira na questão. Basta, para isso, muitas vezes, um aparte humoristico, ligeiramente risonho: — "Vocês acabam casando..." — "Não se desavenham por tão pouco! Vamos! Façam as pazes!" — "*Seu Romeu* não brigue com Julieta..."

* * *

A Light deixaria de ser antipathica, e teria, certamente, renda mais vultosa.

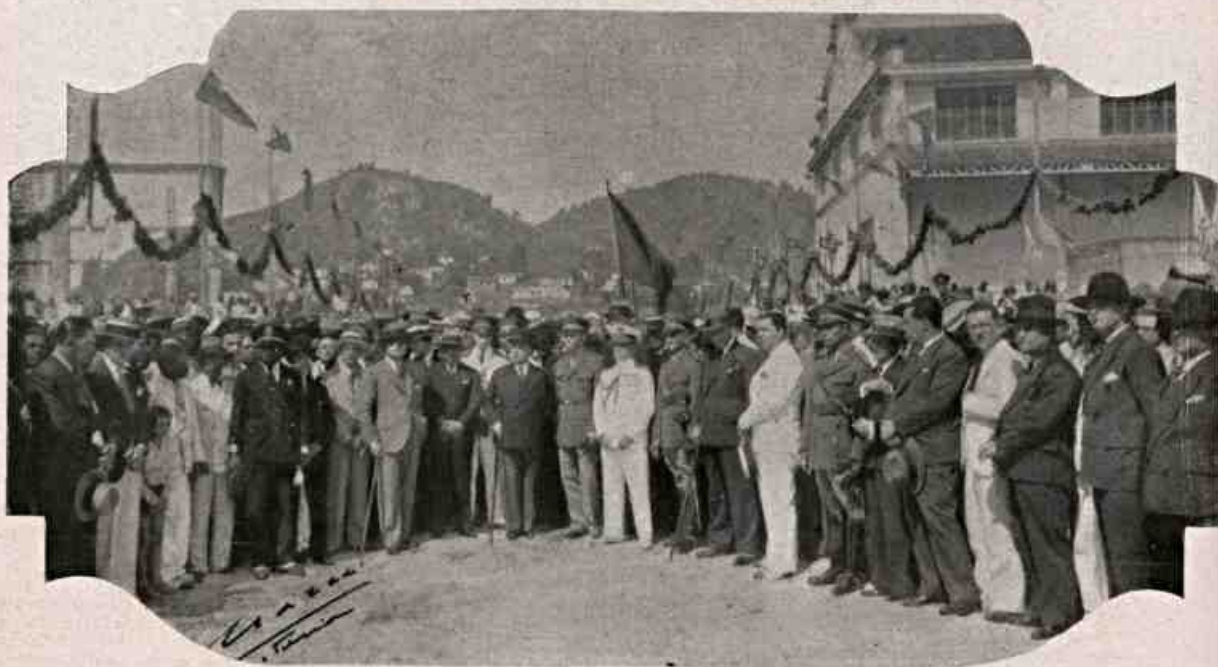
Experimente e verá...

VES

S. ex. o embaixador da Italia, sr. Roberto Cantalupo, prestou, domingo, expressiva homenagem a um grupo de jornalistas cariocas, reunindo-os num almoço de cordialidade e sympathia, realizado no palacio da embaixada, sob a presidencia do illustre diplomata e com a honrosa presença da exma. sra. Roberto Cantalupo. Festa de intelligencia e de approximação intellectual com os jornalistas brasileiros, essa reunião marcou uma hora altamente significativa para o estreitamento cada vez maior das affinidades espirituaes que ligam o Brasil á Italia, fortalecendo os laços de amizade já existentes entre os dois povos irmãos. O embaixador Roberto Cantalupo, que, além de diplomata, é um grande jornalista da Italia, e uma vigorosa expressão de parlamentar, offereceu o almoço em palavras simples, que todos ouviram com emoção. Falou, depois, agradecendo tão alta homenagem á imprensa brasileira, o dr. Herbert Moses, presidente da Associção Brasileira de Imprensa, que accentuou o espirito de sympathia com que os jornalistas do Brasil acolhem todas as manifestações de progresso e de cultura da Italia Nova.

Domingo ultimo, a Irmandade de Nossa Senhora Mãe dos Homens, commemorando, como sempre faz, a passagem da data natalicia do seu illustre e eminente confrade, dr. Octavio Mangabeira, Juiz Graduado daquella associação religiosa, mandou celebrar, por esse motivo, uma missa em acção de graças. A esse acto religioso, celebrado no lindo templo de sua Excelsa e Gloriosa Padroeira, compareceram quasi todos os membros da Irmandade, pessôas da familia do ex-chanceller brasileiro e numerosos amigos e admiradores de s. ex. Na nossa gravura vêem-se o dr. João Mangabeira e outras pessôas da familia do dr. Octavio Mangabeira entre varios membros da Irmandade de N. S. Mãe dos Homens, num grupo colhido no interior daquelle templo, logo após a missa.

A VIAGEM DO CHEFE DO GOVERNO PROVISORIO AO NORTE

NO ESPIRITO SANTO

O dr. Getulio Vargas e sua comitiva, ao desembarcar em Victoria. O instantaneo apresenta s. ex. acompanhado do interventor federal, capitão João Punaro Bley, que recebeu pessoalmente o chefe do governo provisorio.

«CASA DO CABOCLO»

A «Casa do Caboco», a victoriosa creação de Duque, vae commemorar, no proximo dia 8 de setembro, o seu primeiro anniversario, que será brilhantemente festejado com um espectaculo especial organizado pelo creador e director daquella apreciada novidade theatral. Representar-se-á a peça «Promessa», já no cartaz da «Casa do Caboco».

Photographia tomada no palacio do governo, em Victoria, momentos após a chegada ali do presidente Getulio Vargas.

Dois aspectos do grande banquete offerecido, no Club Victoria, na capital espiritosantense, ao dr. Getulio Vargas e aos membros da comitiva de s. ex. Em cima, a mesa do banquete, em cuja cabeceira se vê o chefe do governo provisorio ladeado pelo interventor Punaro Bley e pelo ministro Juarez Tavora. No medalhão, um detalhe photographico da homenagem, fixado no momento em que falava o dr. Getulio Vargas.

Trepações

A senhorita Luiza Lacerda, cujo nome é bastante conhecido nos nossos altos circulos sociaes e artisticos, vae fazer-se ouvir no proximo dia 6 de setembro, no salão nobre do Instituto Nacional de Musica, num magnifico recital de canto, que, de certo, marcará mais um triumpho para a distincta cantora patricia.

ELLA, viuva e moça, elle, moço e viuvo. Não existe nenhum impedimento legal que justifique a situação creada por ambos perante a sociedade, embora supponham que tudo está cercado do mais profundo mysterio. Pois sim... Os filhos da Candinha não dormem e têm o pessimo costume de andar com o olho mettido nos buracos das fechaduras. Mas... o caso. Ella, viuva e moça, gozando de relativa independencia financeira. Elle, viuvo, joven, com rendimentos folgados. São doidos um pelo outro, tanto assim que abandonam tudo para a alegria de algumas horas que passam diariamente juntos. Os encontros são precedidos de umas tantas manobras discrétas, naturalmente para *despistar* os que se preoccupam com a vida alheia. Mas, não é nosso intuito revelar um quasi segredo...

Temos uma finalidade mais bella, que é encorajar duas creaturas independentes á pratica livre de uma acção natural entre pessôas que se gostam, acção que precisa

A senhorita Altair Celina Gomes, filha do casal Luiz Genesio Gomes, concluiu, o anno passado, o seu curso de piano no Instituto Nacional de Musica, e acaba de ser laureada com o primeiro premio Medalha de Oiro daquelle estabelecimnето, nos concursos ultimamente alli realizados. A senhorita Altair fez um brilhante curso no Instituto de Musica.

perder o caracter clandestino, pectual.

Appareçam em publico sem temer a perversidade da lingua da humanidade.

A pequena entrou de caixeira e pelo geito parece que vae sahir como socia.

Antes de tudo, devemos frizar que se trata de uma questão de sorte, pois a menina nunca pensou que o seu destino estava traçado, quando foi trabalhar na casa commercial onde ganha honestamente a vida.

Precisava ajudar a familia, humildemente installada numa casa pobre de arrabalde e procurava emprego sem o auxilio de qualquer pessôa amiga. Lia os annuncios, subia escadas sozinha, e, já desanimada, um dia, foi ter a determinado escriptorio, onde a receberam com grande amabilidade. Depois de uma ligeira prosa de habilitação, arguida por um rapaz sympathico, teve ordem para apresentar-se ao fim do mez. Era o milagre!

Pensou que aquillo não passava de um lindo sonho.

Quando se apresentou, foi recebida gentilmente pelo mesmo rapaz, e entrou a exercer as suas funcções.

Em pouco tempo mandava um *pedaço* na casa commercial e procedia nos ordenados, fazendo inveja ás outras collegas veteranas. Verdadeiro escandalo, boquejaram.

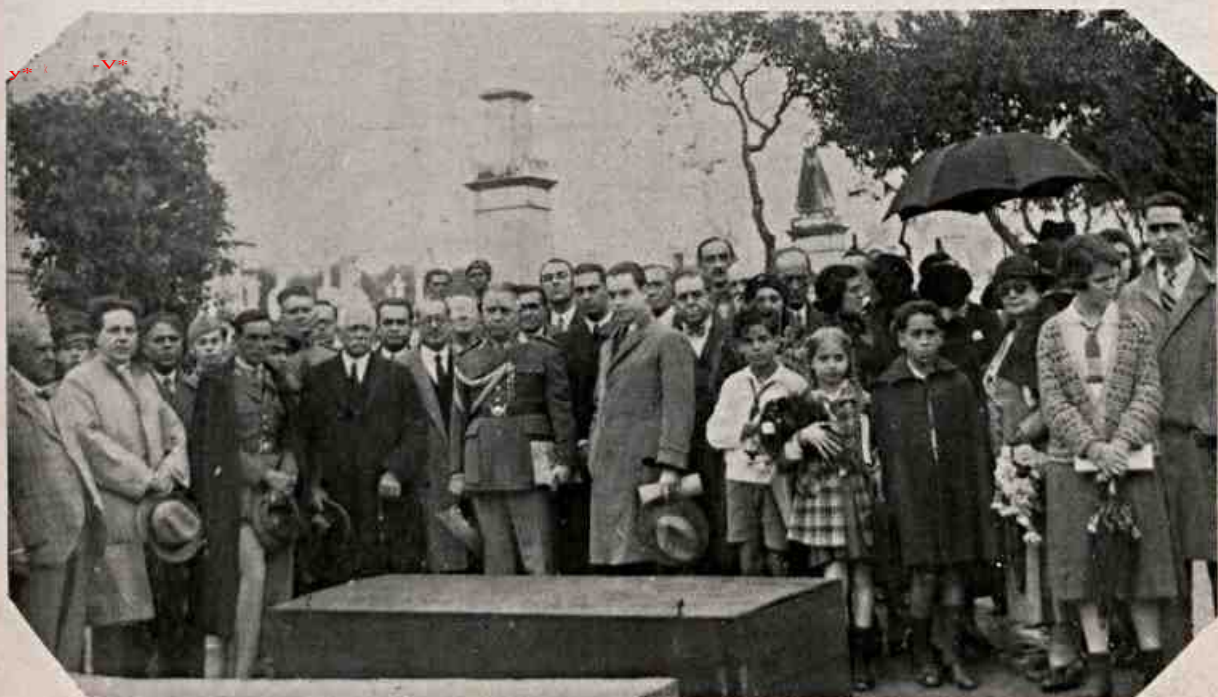
Entretanto, tudo está agora esclarecido.

O rapaz que a recebeu era o filho do patrão, que ficou fortemente impressionado com a belleza da pequena.

E como, além dos dotes physicos, ella possúe virtudes que são preciosas actualmente, ganhou facilmente a partida, dominando o coração do joven negociante.

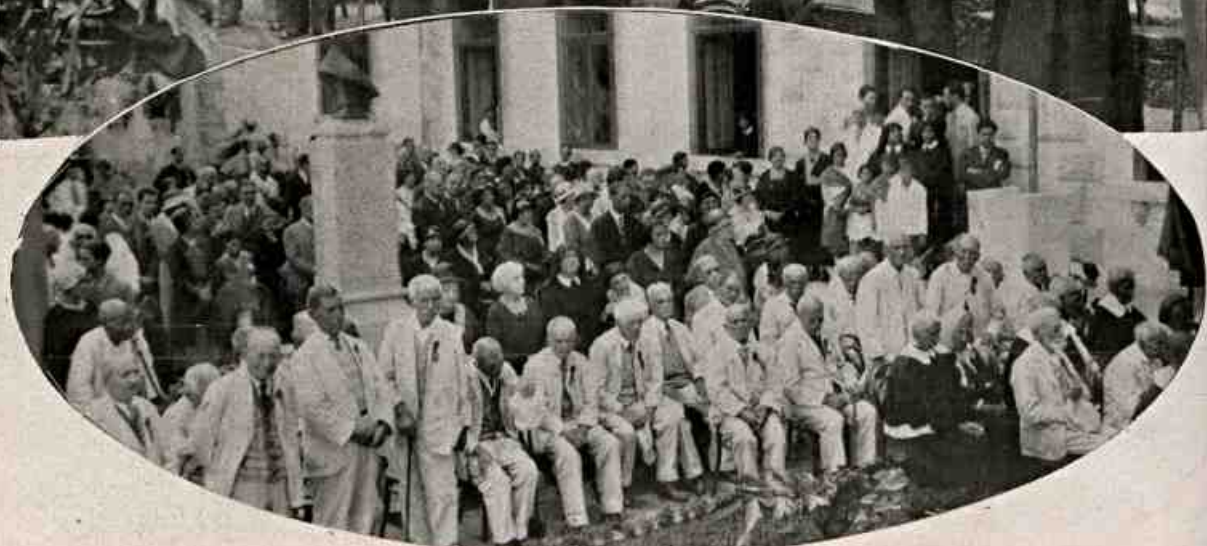
Uma historia simples, traçada pela mão do destino, como tantas outras.

Tambem conquistou o primeiro premio Medalha de Oiro do Instituto Nacional de Musica a senhorita Lucia Tanger, alumna da professora Marietta Campello Barroso e joven cantora de auspiciosos dotes artisticos.

Os amigos de Felippe de Oliveira acabam de fundar a Sociedade Felippe de Oliveira, que teve o seu primeiro dia no dia dos annos do fascinante cantor de «Vida Extincta», a 23 de agosto findo, quando promoveu tocante romaria de saudade aos despojos mortaes do poeta, guardados na capella do cemiterio de S. João Baptista. Junto ao corpo de Felippe de Oliveira, fallou, como orador official, o sr. Tristão da Cunha, que exaltou, em phrases commovidas, a memória do extincto. A commissão da Sociedade Felippe de Oliveira que se encarregou dos convites aos intellectuaes amigos do emotivo de «Lanterna Verde» era composta de Octavio Tarquinio de Souza, Ribeiro Couto e Rodrigo Octavio Filho. O nosso «clichê» focaliza um grupo de pessoas que se associaram á homenagem da Sociedade Felippe de Oliveira a seu illustre patrono.

No cemiterio de São Francisco Xavier foi feita, na semana passada, a exhumação dos ossos do marechal Deodoro da Fonseca para o jazigo perpetuo da familia do eminente fundador da Republica. Assistiram a essa cerimonia, além de pessoas da familia de Deodoro, a directoria do Centro Alagoano e alumnos da Escola Deodoro e do Prytaneu Militar.

O dr. Washington Pires, ministro da Educação, recebeu, no Salão Nacional de Bellas Artes, expressiva manifestação de apreço prestada a s. ex., sabbado ultimo, pelos artistas brasileiros reunidos naquella exposição official.

SABEDORIA

Convém á mulher adaptar, á sua idade, seus gostos e seus trajes. A vaidade na "toilette" póde conduzir uma pessôa de idade ao ridiculo, e a juventude forçada, numa velha, faz lembrar um adorno novo applicado a um vestido velho. — Mercier.

A directoria da «Associação Asylo S. Luiz para a Velhice Desamparada» promoveu, no domingo passado, uma linda festa na Casa dos Velhinhos para solennizar a inauguração dos retratos dos grandes benemeritos daquella pia instituição Conde de Avellar e João Pinto Monteiro. Compareceu pessoalmente á festa o embaixador de Portugal, dr. Martinho Nobre de Mello, especialmente convidado pela directoria do Asylo.

Desintegração

Eu tenho o coração cheio de coisas para dizer...

E a minha voz, si eu acaso falasse,

teria a força e o fulgor de uma Revelação!

Meu espirito palpita ao rythmo desordenado e afflicto

de azas prisioneiras que se dilaceraram

na arrancada impossivel da Libertação e da Altura

Minhas mãos tremem ainda ao contacto

immaterial, sobrehumano e fugitivo

de qualquer coisa além e acima deste mundo.

Adormeceu para sempre nos meus olhos

a saudade de paizagens estranhas e longinquas,

que nunca, mais voltarão neste Tempo e neste Espaço.

Dóem meus olhos. Tremem, ansiosas, as minhas mãos.

Meu espirito palpita. Tenho o coração cheio de coisas para

[dizer...

Eu estou vivo, mas, em verdade, é como si estivesse morto...

ABGAR RENAULT

Fé, esperança e caridade

TEM FÉ!

Faze com que a tua alma creia em alguma coisa, com que o teu espirito se volte para alguem. Crê em Deus, si podes, si é que tiveste quem te puzesse no espirito, na infancia que talvez já tenhas deixado longe, a sua imagem muitas vezes santa. Essa é a melhor crença que pódes pôr em tua alma, a que maior suavidade te inspirará nos momentos de desespero, a que maior consolo te offerecerá nos instantes de abandono. Sentirás grande o teu Deus quando d'Elle te lembrares sob as abobadas majestosas das cathedraes onde ecôa a prece das multidões, e has de sentir que Elle é maior quando d'Elle te lembrares sob a cupola immensa do céo que é a grande abobada da immensa cathedral do mundo.

Mas, si não pódes crer em Deus, crê naquillo que mais encantar a tua alma. Faze a tua crença pelo mar, pelo sol, pelas montanhas, por aquillo que mais seduzir os teus olhos e o teu pensamento, mas crê em alguma coisa, porque precisas crer para acceitar a vida! Nada é peor do que a existencia sem um lampejo de fé, nada é mais triste do que atravessar o mundo ao acaso, sem confiança em uma força occulta capaz de pôr em movimento todas as forças que dentro de nós vivem.

E não deixes, por nada, de crer na mulher a quem amares, porque o amor, sem a fé, é tortura, é castigo, é o eterno supplicio da duvida, que martyriza mais do que todas as dôres da vida!

* * *

Espera!

Depois da hora em que vives, ha de vir outra hora, que é differente desta, e que bem póde ser melhor.

O homem não foi feito para o presente, tanto assim que esse presente dura apenas um minuto, para logo depois ser passado; tambem não foi feito para o que passou, porque na vida não se consegue refazer o caminho uma vez trilhado; foi feito para o futuro, no qual se esconde a finalidade.

Espera, pois, no futuro.

Não te assuste o que ficou para traz, por máo e negro que seja, porque jamais voltará; não te abata a tristeza do presente, porque ella ha-de passar, rápida, emquanto que tú ficarás; sirva-te de alento a confiança no que ha-de vir, porque na estrada que vaes trilhar bem póde haver arvores que já estejam pejadas de fructos.

Espera sempre, porque a felicidade ha-de chegar um dia, e é melhor que ella venha tarde do que demasiadamente cedo. Si não tiveres soffrido, não saberás avaliar a ventura de ser feliz e precisarás soffrer depois para comprehender o que perdeste. Alem disso, o bem que tens no presente ha de passar, e delle guardarás apenas a lembrança e a saudade, dois sentimentos que pungem; ao passo que, si a felicidade vier ao teu encontro no ultimo momento, no final da vida terás a ventura de sahir do mundo, levando-a comtigo...

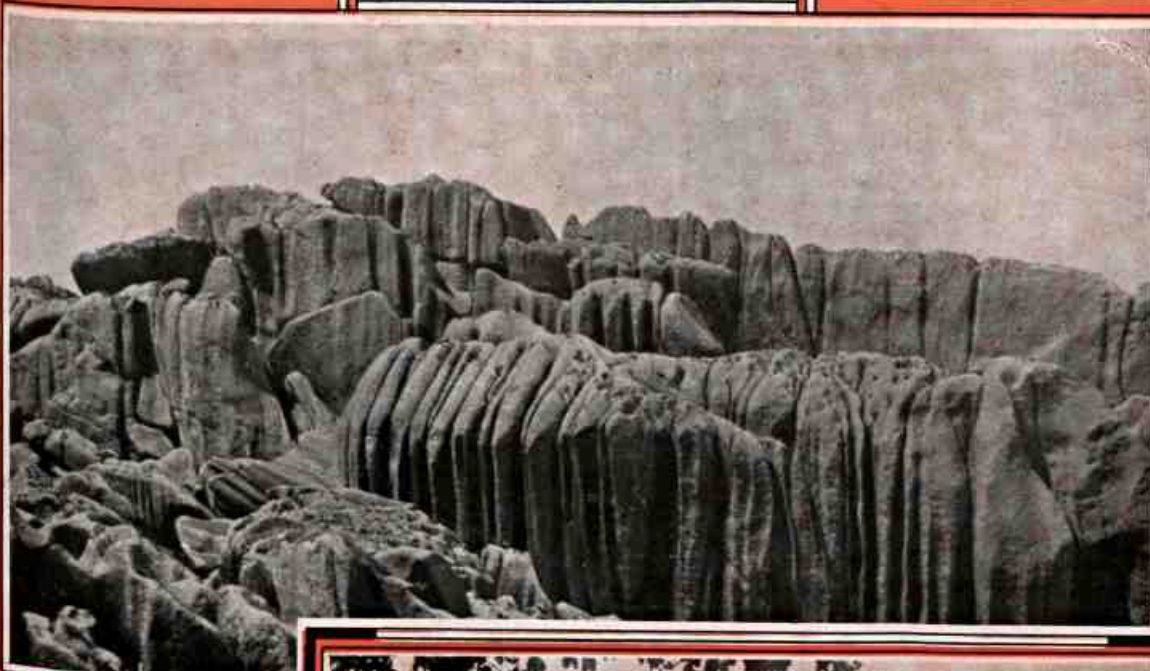
* * *

E sê principalmente bom!

Nada consola mais do que a idéa do bem que se fez. Por pouco que tenhas, sempre terás um pedaço de pão para dar ao mendigo que se encolhe a um canto da calçada, e uma palavra de conforto para offerecer ao desgraçado que perdeu a fé e de cuja alma a esperança desertou. E, mesmo que nada tenhas, ainda que te prives do teu manto rasgado, tu te sentirás feliz com a ultima renuncia, porque consola pensar que ha alguem mais infeliz do que nós, alguem a quem um gesto nosso deu um momento de felicidade.

Que mais pódes querer na vida? Tudo passa, tudo foge, e comnosco apenas fica, intimamente gravada, a consequencia do bem ou do mal feito, traduzindo-se em tranquillidade ou remorso. Talvez chegues ao grande final sem nada ter, mas possuirás a certeza de que, em meio á pobreza que foi a sombra dos teus passos na vida, sempre em contraste meio de dividir com outrem as migalhas que formavam a tua mesa. E serás feliz revendo a felicidade que tuas mãos deram aos outros...

E a vida te parecerá menos triste, menos sombria e menos pesada, si fizeres a tua viajem de mãos dadas com as trez virtudes. Sozinho talvez não tenhas força para ir alem do meio da jornada...

original de **Raul Pellis**

PAIZAGENS BRASILEIRAS

Gilberto Ferrez, artista-photographo amador, inaugurou hontem, no salão da Pró-Arte, uma interessante exposição de paizagens brasileiras. Reproduzimos, nesta pagina, alguns dos trabalhos que figuram na mostra de Ferrez: Cume das Agulhas Negras, Casa antiga do interior e Estrada de Vassouras.

Sorrindo...

A ESMOLA DE DEUS

DESEMPREGADO desde que chegou ao Rio, faz coisa de um anno, Antonio Pedro sentiu, uma noite, que lhe faltavam forças moraes para resistir ás torturas da miseria negra que o perseguia como fantasma inquietante. Quiz suicidar-se. Não teve coragem. Acovardou-se deante da morte. Lembrou-se de Deus, que o auxiliára até então, mysteriosamente, pela piedade dos amigos. Desesperou-se e conformou-se. Teve uma idéa infantil. Resolveu dirigir-se directamente a Deus, pedindo-lhe, rogando-lhe que o não desamparasse naquella suprema hora de angústias tormentosas. E escreveu longa carta ao Creador do mundo narrando-lhe a tragedia silenciosa de sua vida infeliz. A missiva terminava com estas palavras:

"Assim, Deus de minha alma, supplico-vos que me envieis duzentos mil reis, e eu ficarei satisfeito, porque essa quantia será a minha salvação."

Antonio Pedro sahiu de casa pela madrugada e, sem fechar siquer a carta endereçada a Deus, nem sellál-a, a collocou na primeira caixa do correio que encontrou no seu caminho.

Ao ser recolhida a correspondencia das caixas publicas, foi encontrada, pelos funccionarios postaes, aquella estranha missiva. Os empregados ficam com pena do pobre homem que assim pedia o amparo divino, cotizam-se e conseguem reunir, não duzentos, mas apenas cem mil reis, que, tambem pelo correio, enviam a Antonio Pedro, no endereço que este não se esquecera de assignalar na carta.

E passam-se dois dias. Uma nova carta com o mesmo endereço vae ter á Repartição dos Correios. Era de Antonio Pedro, e dizia:

"Deus de minha alma. Recebi a metade do dinheiro que me mandastes. Muito obrigação. Sois infinitamente bom, meu pae do céo! Mas, recommendo-vos que não me envieis mais nada pelo correio. Os empregados postaes são uns gatunos. Pois não é que elles me surripiaram cem mil réis dos duzentos que tivestes a caridade de remetter-me, attendendo ao meu appêllo?... Essa gente não merece confiança."

M. C.

*

O alfaiate. — Acho que este paletó lhe fica como uma luva.

O freguez. — Tambem acho. Mas preferia que me ficasse como um paletó.

*

NUM muro do suburbio havia dois annuncios.

Dizia o primeiro:

"Favoreça a industria nacional."

E o outro, mais em baixo:

"Compre alcatrão da Noruega. E' o melhor."

*

— COMO vaes com teu marido?

— Elle anda sempre muito occupado. Quasi não pára em casa. No máximo, uma hora por dia.

— Muito lamento a tua sorte, minha amiga.

— Obrigada... Mas uma hora passa depressa.

*

— FAZ dois annos que não falo á minha mulher.

— Por que?

— Para não interrompêl-a...

*

TRECHO de uma novella popular:

"...Entretanto, o joven medico, segundo seu velho costume, passeava pelo jardim, de um lado para o outro, com as mãos nas costas, profundamente abstrahido na leitura de um jornal..."

*

DE Pitigrilli: "Sou vegetariano, mas, quando tenho convidados para almoçar, como carne para não parecer em *pose*. Entretanto, porque não estou acostumado, tambem a como quando me encontro só, para acostumar-me.

"Não bebo alcool. Creio que poucos bebem alcool. Vinhos e licores, sim".

*

A noiva. — Estive muito nervosa durante a cerimonia?

A amiga. — Sim. Mas, quando o noivo disse "sim", ficaste tranquilla.

*

DE BIAS: "Entre os animaes selvagens, o peor de todos é o tyranno. Entre os domésticos, o bajulador."

*

O trem pára numa estação de grande movimento. A' janella de um carro de segunda classe, appareceu um homem, gritando:

— Aqui desmaiou uma mulher! Ha alguem que possa dar-me um pouco de cognac?

Momentos depois, chega um empregado com uma garrafa, e a entrega ao homem. Este abre a garrafa e bebe longamente. Depois, devolve a garrafa ao empregado dizendo:

— Ah! Já estou melhor... Mas me commovo immenso quando vejo uma mulher desmaiada...

*

— E' verdade que casaste?...

— Sim.

— Com quem?...

— Com uma viuva.

— E és feliz?...

— Muitissimo. Imagina que até tive a sorte de ficar-me bem toda a roupa do primeiro marido...

*

O philosopho optimista. — Estou convencido de que, por cada coisa que damos, tarde ou cêdo nos é devolvido o dobro.

O amigo do philosopho optimista. — Eu tambem estou convencido disso. O anno passado dei minha filha em casamento, e agora tenho em minha casa minha filha e o marido della...

FON-FON no cinema

Da PARAMOUNT — VINGANÇA DIABOLICA — (Muders in the Zoo)

PORQUE um homem, em meio ás florestas da India, succumbiu aos encantos de sua esposa e a beijou, Eric Gorman, um zoologista sádico e de bestiaes instinctos, deu friamente a morte ao pobre hindú.

De volta á America, em companhia da esposa, Evelyn, e com um carregamento de animaes destinados ao Jardim Zoologico da grande metropole, Gorman descobre um namoro entre Evelyn e um passageiro,

de nome Roger Hewitt.

O Professor Evans, curador do jardim, e seu auxiliar, o dr. Woodford, esperam anciosamente os animaes a chegar, pois acham que, graças ao interesse que elles hão de despertar e graças, tambem, aos serviços de um habil propagandista, Peter Yates, a quem acabam de contractar, conseguirão salvar da ruina imminente aquelle logradouro. Gorman anda secretamente espiando os amores de sua esposa com Hewitt.

Logo que chega o zoologista, são transferidos para o seu novo habitat os animaes. Entre esses, desperta principalmente o interesse do dr. Woodford uma «mamba» verde, uma cobra extremamente venenosa, para cuja mordedura aquelle medico ha muito procura descobrir um anti-toxico.

Com o intuito de arranjar dinheiro para o jardim, Yates resolve promover alli um grande jantar por subscripção.

Evelyn maravilha-se, nesse jantar, por encontrar, como seu vizinho de mesa, Hewitt. De repente, este lança um grito de agonia e cáe ao chão, contorcendo-se em terriveis convulsões. Sobre a perna do infeliz, apparecem duas marcas como as deixariam os dentes de uma cobra. E' que a «mamba» fugiu da sua gaiola!

E, a essa revelação, os convivas debandam em panico em todas as direcções!

Nessa noite, em sua casa, Evelyn descobre o marido a trabalhar com um estranho instrumento. No quarto delle ella encontra dentes artificiaes, carregados de um terrivel veneno. E, isso descobrindo, ella se dá pressa de correr ao jardim e alli declarar que o marido é um assassino. Não chega a realizar o seu proposito, porque Gorman vae em sua perseguição. Alcança-a quando a infeliz atravessa o tanque dos crocodilos, e logo, brutalmente, a precipita no vácuo, para que ella tenha, em baixo, uma morte das mais horriveis.

As duas mortes, a pouco intervallo uma da outra determinam o retrahimento da affluencia publica ao jardim, e a consequente reducção dos vencimentos dos empregados, um dos quaes, Yates, chega a concorrer do seu bolso com parte das despezas para evitar a ruina de tão importante instituição. Yates consegue agarrar a «mamba» evadida e Woodford, com Jerry Evans, sua namorada, leva o réptil ao laboratorio para extrahir um pouco do seu veneno, destinando-o ás experiencias. Alli, logo Woodford descobre que a largura dos dentes não coincide com a das marcas que apresentava a perna de Hewitt. Suspeitando que Gorman tenha outra cobra, Woodford chama ao jardim o zoologista louco e confronta-o com a sua descoberta. Gorman enterra os dentes artificiaes de cobra na mão de Woodford, e depois, quando o medico se contorce de agonia, mata a «mamba». Jerry encontra o seu noivo em tal situação e logo corre em busca do novo serum anti-toxico. Receioso de que Woodford se salve, Gorman vae no encalço de Jerry, resolvido a injectar-lhe o veneno, mas a pequena consegue escapar á sua perseguição e leva o serum a Yates. Ao mesmo tempo Yates dá o alarma.

Woodford é salvo, e Gorman, perseguido pelos guardas, como meio de afugental-os, dá liberdade a todos os animaes do jardim, indo refugiar-se numa gaiola que suppõe vazia. Mas, horror dos horrores! Um python gigantesco o envolve lentamente nos anneis do seu corpo, e os gritos desesperados do zoologista dão idéa da morte horrivel que elle teve em recompensa de todas as desgraças que, por sua maldade, semeou sobre a terra.

DOS STUDIOS

Catharine Hepburn é uma estrella nova, talvez uma segunda Greta Garbo. Feia mas empolgante.

QUASI DESMAIOU...

O tenor Jean Kiepura, que tão formidavel successo fez nos Estados Unidos e na Europa com o seu film "Be mine tonight" que será exhibido no Brasil com o titulo de "A voz do meu coração", recebeu uma proposta de Carl Laemle para que fosse a Hollywood filmar uma pellicula para a Universal.

Kiepura pediu... 150.000 dollars!

Carl Laemle, ao receber a resposta, perdeu a fala, affirmam perversamente os chronistas americanos...

O PROXIMO FILM DE DOLORES DEL RIO

O proximo argumento de Dolores del Rio, a formosa *estrella* da RKO-Radio, é o mais seductor possivel e offerecerá margem para uma interpretação brilhantissima. E' a historia suggestiva, intensa, que Donald Henderson Clarke, um dos melhores e mais famosos dos novellistas dos Estados Unidos, já está compondo e terá o titulo de *A dança do desejo* (*Dance of desire*). O autor procura fazer um argumento que se ajuste ao temperamento de Dolores. *A dança do desejo* fala-nos da filha de uma familia italiana e que pertence á mais moderna geração. Joven, ardente, ella vive tecendo phantasias. Tem grandes aspirações. Destaca-se dos demais membros da familia, pelos costumes proprios, pelas particularidades surprehendentes. Quem a vê, tem a impressão de que ella se sobreleva da realidade para respirar atmospheras lendarias.

Parece, não raro, debruçada sobre si mesma, a olhar a formação complexa dos proprios sonhos. Uma de suas paixões mais intensas, absorventes, é a dança. O bailado vale como uma expansão e a joven consegue, através do movimento, libertar-se de inquietudes profundas. Ella comprehende que não se acommodará jamais dentro dos limites impostos pela vida domestica. Anseia por ser livre; quer uma vida vibrante, quasi selvagem, sem constrangimentos, e onde possa attender aos seus impulsos mais expontaneos, aos seus anseios mais legitimos. Abandona, assim, a familia; troca o encanto do lar pela liberdade. Conhece typos supremos de belleza masculina. Ama, soffre. Antes mesmo de abandonada, é torturada por si propria, pela labareda interior que a consome, pela aura de martyrio que a envolve.

Para encarnar, com efficiencia integral, esse typo singular de amorosa, essa sensibilidade estranha de mulher, Dolores del Rio já iniciou o periodo de preparo. Está, dest'arte, apurando as suas aptidões choreographicas com Muriel Stuart, que foi, por longo tempo, a primeira bailarina do corpo de bailes de Anna Pawlova. A caracterização que deve adoptar vem sendo, igualmente, estudada. E ella já realizou, nesse sentido, uma medida curiosa: foi a de cortar os cabellos de modo a que ficassem dentro da moda americana. Tem estudado, constantemente, varios estylos de penteados. O galã de Dolores del Rio é o forte, athletico e romantico Joel Mc Crea.

VOCÊ SABE?...

VOCÊ sabe que Ann Harding, *estrella* do film *Um pouco de amor — Não é amor!* (Animal Kingdom), da RKO, teve baptismo com o nome de Dorothy Gatley? Que o seu fallecido pae era general do exercito ameri-

cano? Que é eximia amazona e que dirige um aeroplano com a mesma pericia? Que desfere vôos, no seu proprio avião, todas as manhãs, para abrir o appetite? Que a sua primeira e ardente aspiração era ser escriptora e que, ainda hoje, prefere a literatura ao cinema? Que durante largo periodo de sua vida foi stenographa? Que é uma pianista maravilhosa, de arte quasi impeccavel? Que o nome da sua filhinha é Jane?

CRESCE O PRESTIGIO DE LUPE VELEZ

LUPE VELEZ é, hoje em dia, uma das *estrellas* mais admiradas pelo publico norte-americano. Está "posando" para quatro films, sem descançar entre um e outro, e o theatro vive a disputal-a ao cinema. Seu ultimo film é *A verdade semi nua* (*The half naked truth*) para a RKO-Radio. Sua popularidade cresce dia a dia (e não diminue de noite em noite, como succede com muitas outras...)

A HISTORIA DE UM AZ DA AVIAÇÃO

A sensacional historia do glorioso aviador allemão barão Manfred Von Richtofen, que destruiu mais de 70 aviões inimigos durante a Grande Guerra, vae ser filmada nos studios da RKO-Radio, debaixo da supervisão de Otto von Berg, que foi mestre de von Richtofen.

O film terá o titulo de "O az dos azes" (*Ace of aces*) e o protagonista será Richard Dix, que assim nos fará recordar o seu papel em "A esquadrilha perdida".

OS RECORD DE BILHETERIA EM 1933

OS 15 films que alcançaram maior successo de bilheteria nos Estados Unidos, na temporada de 932-933, segundo informa o "Motion Picture Herald", foram:

King Kong e "*Animal Kingdom*" (Pouco amor não é amor), da RKO-Radio;

"*Be mine tonight*" (A voz do meu coração), da Universal;

"*The kid from Spain*" (Meu boi morreu) da United;

"*A farewell to arms*" (Adeus ás armas!) "*A bedtime story*" (Beijos para todas);

"*Sing of the cross*" (Signal da cruz), da Paramount;

"*Cavalcade*" e "*State fair*" (Feira de amostras), da Fox;

"*Rasputin and the Empress*" e "*Stang interlude*", da Metro;

"42 *Street*" e "*Gold Diggers of* 1933", da First National;

"*Maedchen in Uniform*" (Mulheres em uniforme), producção allemã.

MUSSOLINI PROHIBE A CONSTRUCÇÃO DE NOVOS CINEMAS

O governo italiano acaba de prohibir a construcção de novas salas de espectaculos cinematographicos sem uma permissão especial das autoridades.

O fundamento principal dessa medida de precaução é a de impedir que capitaes sejam empregados em aventuras que não tenham uma razoavel probabilidade de resultarem productivas.

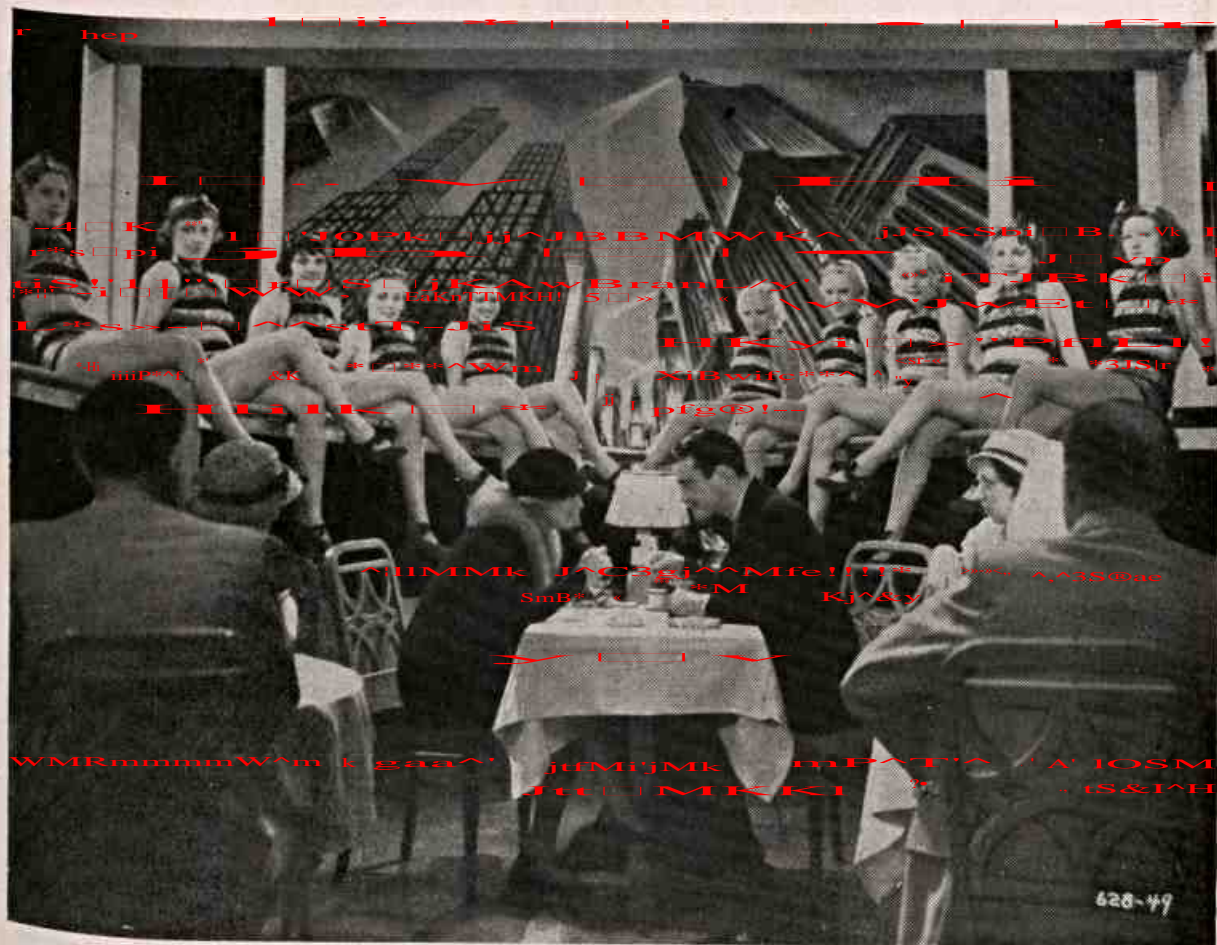
Uma scena do grande film «Cantico dos Canticos», com Marlene Dietrich.

HUMANIDADE

[HUMANITY]

Da FOX

com Ralph Morgan,
Alexander Kirkland,
Irene Ware e
Boots Mallory

O dr. William Mac Donald, adorado por todos os seus clientes pobres, tinha como sua dedicada assistente a galante Nancy Moore, uma joven que o venerando clinico criára desde pequenina. Essa moça era todo o enlevo do dr. Mac-Donald, e era a sua grande esperança vel-a um dia casada com seu filho, que acabára de completar o seu curso de medicina com grande brilhantismo. Regressando da Universidade, o velho Mac Donald aconselha o filho a continuar na estrada de grandeza e sciencia que as suas carreiras indicavam, e foi logo permittindo-se gozar uns dias de ferias, para recomeçar com todo o ardor as fainas de sua clinica diaria. Entretanto, Billy, que tinha travado conhecimento em Nova-York com a seductora Olive Pelton, não sorri ante a severidade do pae, para reencetar uma vida de tantos e tão arduos trabalhos em attender a uma clientella que nada pagava. Insuflado pela ambição de Olive, Billy, que a principio cuidava de ajudar o pae nas consultas quotidianas, aos poucos se deixa levar pelas insinuações de grandes fortunas, esquecendo a dedicação incomparavel de seu pae, e os conselhos sensatos de Nancy. E assim entregou-se, de corpo e alma, aos "gangsters", como medico das occurrencias, cargo que consistia em não constatar os "ferimentos" e "causas mortis". Perseguido atrozmente pela policia, esta vem a verificar o máo passo do joven medico, e com uma nobreza incrivel o velho Mac Donald chama a si toda a responsabilidade, dizendo-se ser elle o "medico" que a policia procurava. Levava ao extremo este sacrificio, pensando que com isso Billy se redimisse e voltasse ao caminho do bem, o mesmo caminho que trilhára havia mais de 40 annos salvando e curando com a sua dedicação e saber a humanidade soffredora, na santa missão de distribuir o allivio necessario para conforto do corpo. Velho e estudioso, o golpe para Mac Donald fôra bem cruel e forte, e um ataque fulminante mata-o instantaneamente ante tanta vergonha e deshonra para um nome tão zelosamente guardado. Sabendo do supremo sacrificio de seu pae, Billy vae protestar e incriminal-o por tamanha abnegação e encontra-o morto deante dos livros que sempre foram os seus amigos e companheiros. Custou-lhe caro o preço da redempção, mas jurou ante o cadaver daquelle medico sublime, e pae extremosissimo, continuar sagradamente a missão de dar todo o seu saber ás tradições legadas pelo nome Mac Donald em beneficio de toda a humanidade!

Uma scena de «cabaret» do modernissimo film da Universal «Don't bet on Love» que havemos de ver... um dia.

NOTAS PARAMOUNT

Bing Crosby é um fervoroso devoto do exercicio. Durante a recente filmagem de "College Humor", mal terminava o seu trabalho, elle corria ao gymnasio da Paramount e alli se exercitava com todos os apparelhos, inclusive o *punching bag*, a machina de remar, a bicycleta estacionaria, etc.

Mesmo em Nova-York, quando trabalha nas estações de radio, Bing Crosby conserva-se em perfeita condição athletica, graças aos exercicios de *hadball* que pratica quotidianamente.

* * *

Harold Lloyd escolheu "Catapaw" (Pata de Gato), uma novella de Clarence Buddington Kelland, para seu proximo filme, a ser distribuido pela Paramount.

A novella apparecerá parcelladamente em successivas edições do "Saturday Evening Post", e logo depois sob a fórma de livro.

* * *

Mary Mac Laren, ex-*estrella* do cinema, figura numa pontinha insignificante num filme da Paramount de que são protagonistas Peggy Hopkins Joyce e W. C. Fields, — "Torre de Babel" (International House).

Um dos papeis que ha annos deram maior celebridade a Mary MacLaren foi o que ella fez n'"Os Tres Mosqueteiros".

Dorothea Wieck, estrella de «Senhoritas de Uniforme», contractada pela Paramount.

* * *

Procedente de Nova-York, chegou a Hollywood o director Ernst Lubitsch, portador do *script* de "Design for Living", o filme que elle agora vae dirigir para a Paramount e ácerca do qual elle e o scenarista Ben Hecht tinham conferenciado em Nova-York durante mais de seis semanas, com Noel Coward, o autor da peça do mesmo nome.

* * *

Charles R. Rogers vae fazer, por conta da Paramount, "Green Gold" (Ouro Verde), versão animada da vida de Samuel Zemarray, o criador da "United Fruit Co.". Os exteriores desta fita serão filmados em plantações da zona tropical.

Para "Le're Sitting Pretty", outro filme musical do mesmo productor independente, contractou Rogers e Jack Haley, um artista bem conhecido dos frequentadores dos theatros de comedia musical de Broadway.

Notas de ARTE

GRANDE COMPANHIA LYRICA DO THEATRO MUNICIPAL — Rigoletto — Mais um triumpho da G. C. L. T. M.: a representação em 7ª récita de assignatura, na noite de 22 de agosto, da grande opera de Verdi. — *Rigoletto*.

Inspirada no drama de V. Hugo, *Le Roi s'amuse*, segundo o libretto de Piave, e estreada em Veneza a 11 de março de 1851, *Rigoletto*, com *La Traviata* e *Il Trovatore*, pertence á phase média da obra de Verdi quando o reformador da opera italiana, successor do Rossini do *Barbeiro de Sevilha* e de *Guilherme Tell*, afastando-se cada vez mais da opera recitativo evolveu para a opera melodica, que havia, por assim dizer, creado e sublimado o genio de Mozart. Abandonando cada vez mais o velho processo dos operistas, que era fazer da letra mero pretexto para arias, romanças, cavatinas e duettos, procurou musicalizar a acção. E acabou creando na Italia o drama melodico de Mozart e o drama symphonico de Wagner: compoz *Aida* e *Othello*. Influenciado embora pelos dois mestres allemães, nunca perdeu a pronunciada individualidade do seu genio profundamente latino, e, se lhes fica inferior na pureza e na originalidade dos processos musicaes, não lhes cede a palma no poder de encantar, commover e empolgar as multidões. O que aliás não quer dizer que muitas e muitas vezes também não encante, não commova, não empolgue os espiritos eleitos. *Rigoletto*, e principalmente varias paginas da celebre opera, figura entre as composições verdianas, que são applaudidas ao mesmo tempo pelas multidões e pelos espiritos eleitos. E os applausos explodem tanto mais espontaneos e vivos quanto mais notaveis os interpretes da scena lyrica.

Foi assim no ultimo *Rigoletto* do Theatro Municipal.

Dado o valor e a fama de Carlo Galeffi, bastaria dier que foi elle o protagonista para imaginar-se todo o esplendor da representação. Mas a verdade é que o famoso barytono, senão em voz em força dramatica excedeu a espectativa. *Pari siam!... Deh! non parlare al misero, Veglia, ó donna questo fiore* — foram numeros em que se juntaram ás bellezas canoras, bellezas expressivas, todas provocadoras de ruidosos applausos. Mas foi crescendo o enthusiasmo na grande scena e aria — *Cortiggiani, vil razza damnata*, e attingiu ao maximo attingivel no empolgante duetto — *Si vendetta*, que foi estrondosamente bisado.

Bidú Sayão excedeu a si mesma. Se em Rosina, apesar de toda a emoção que nos causou, achamos ter sido menos communicativa do que fôra quando nos concertos da Philarmonica, em 1930, nos fez ouvir pagina da *Flauta Encantada* e primores de musica de camera, em Gilda nos fez esquecer toda a nossa admiração anterior. A nossa gloriosa patricia viveu com grande fulgor de voz e de arte, de arte canora e arte dramatica todas as scenas. Caro nome de Bidú Sayão pode figurar entre as interpretações mais perfeitas da scena lyrica. Encantou, extasiou toda a sala que a floriu de calorosos applausos. No grande duetto *Si vendetta*, ao lado de Galeffi, foi ao mesmo tempo grande cantora e grande actriz. Empolgou de modo tal que os nervos de algumas ouvintes não resistiram. Gritos hystericos reboaram na sala. E afinal commoveu e fez chorar nos ultimos instantes de Gilda — *V'ho ingannatto... colpevole fui*.

Carlo Merino, o tenor estreante, sul-americano como Bidú Sayão, filho do Chile, revelou bôa e educada voz, mas as emoções da estréa não lhe permittiram realçar a famosa ballada — *Questa o quella*, com que desde o 1º acto os tenores ganham as bôas graças do publico. Dahi não ter conseguido valorizar outros numeros, como a romança — *Ella mi fu rapita*, nem obter os applausos que merecia no duetto — *T'amo repetilo* e na popular melodia — *La donna é mobile*.

O celebre quartetto — *Bella figlia dell'amore*, se não nos pareceu de excepcional execução, concorreu todavia para o bello exito de toda a representação.

A orchestra, sob a regencia de De Angelis, correspondeu plenamente ás exigencias do espectaculo. Os côros e os bailados não destoaram da belleza do conjuncto. Os scenarios constituiram, como sempre, formosa e appropriada moldura aos quadros emocionaes do drama lyrico.

Em resumo, o *Rigoletto*, que ao fechar-se o velario, no 1º acto, parecia não corresponder ao gosto do publico, tal a frieza com que foi recebido, acabou como um dos maiores successos da Companhia.

Norma — A noite de 24 de agosto ficará assignalada como a de um dos espectaculos mais sensacionaes e mais perfeitos da actual temporada, talvez mesmo o mais sensacional e o mais perfeito. Representou-se com raro primor, em 8ª récita de assignatura, a *Norma* de Bellini, com esta distribuição, e sob a regencia excepcional de Marinuzzi: *Norma* — Claudia Muzio, archi-druidiza do Templo de Irmensul; *Adalgisa*, virgem do Templo, — Ebe Stignani; *Clotilde*, confidente de Norma — Mercedes Trilla; *Pollião*, proconsul romano — Luigi Marletta; *Oroveso*, chefe dos Druidas — Giacomo Vaghi; *Flavio*, soldado romano, amigo de Pollião — Nello Palai.

Libretto de Felix Romani, extrahido da tragédia homonyma de Alex. Soumet, que por sua vez parece haver-se inspirado na celebre epopéa em prosa de Chateaubriand — *Os Martyres*. Realmente, apesar da diversidade da intriga, os personagens da tragédia evocam os heroes da epopéa. *Norma* lembra *Velleda*, *Pollião* recorda *Eudoro* e *Adalgisa* suggere *Cymodocéa*. Mas o poema tragico de Soumet é apenas um éco do poema épico de Chateaubriand. Se não fosse a musica de Bellini, estaria esquecido como toda a obra de Soumet.

Ouvindo e vendo a *Norma*, sente-se que a opera de Bellini, sem ser um typo perfeito da opera melodica como nos deixou Mozart, pertence á mesma categoria. E' talvez um dos exemplares da decadencia do genero, mas dos mais bellos e mais empolgantes. Embora as melodias não vivam simultaneamente nos instrumentos e

mas vozes como em Mozart, mas quasi exclusivamente nas vozes, não tendo a orchestra, senão excepcionalmente, outra funcção além da de acompanhar o canto, o certo é que essa exclusividade lhe dá empolgante belleza quando as vozes são de raro, de excepcional valor.

Foi essa empolgante belleza que sentimos, que sentiu toda a sala do Theatro Municipal, assistindo á representação da *Norma* pela Grande Companhia Lyrica que ora trabalha naquelle theatro, vendo e ouvindo Norma encarnada na genial actriz-cantora que é Claudia Muzio, e Adalgisa na extraordinaria meio-soprano, que é Ebe Stignani.

Claudia Muzio continua sempre admiravel como actriz e como cantora. Embora alguns amadores, e mesmo profissionaes da musica e da critica musical, senão em publico, em palestras discorem da illustre artista quando, por este ou aquelle motivo, recorre, com arte consummada e inimitavel, ás sublimidades da sua incomparavel meia voz, em vez de alçar-se aos esplendores da sua voz integral — a verdade é que com esse recurso nada ou quasi nada soffre e ás vezes mesmo se sublima a expressão canora e plastica. E ainda quando procedam os reparos, outra verdade é que, apesar delles, nenhuma cantora das que se tem ouvido no Lyrico e no Municipal, jamais revelou o genio, ao mesmo tempo dramatico e lyrico, da insuperavel artista. Se lhe ha alguma superior é ella propria. Hoje mais do que hontem, ou hontem mais do que hoje, conforme as vicissitudes de lugar e de tempo, de saúde corporal e espiritual. Dessas verdades é prova indiscutivel a interpretação de *Norma*. Sob todos os aspectos Claudia Muzio foi incomparavel. Vel-a, era sentir-se dominado pela magia radiosa da actriz. Vivendo com esplendor sem par toda a vida tragica da druidiza. Ouvil-a era arrebatar-se ás regiões da mais pura arte do canto. Tauxiado dos inegualaveis pianissimos, de que só ella tem o segredo, e de graves de excepcional belleza para um soprano, Claudia Muzia viveu com rara perfeição toda a op. de Bellini. Ninguem, a não ser ella, poderia dar mais belleza ás bellezas da *Casta Diva*, á riqueza dos duettos entre Norma e Adalgisa — *T'inoltra, ó giovinetta*, ao terzetto entre N. A. e Pollião — *Oh! non tremare, o perfido*, á scena final — *All'ora vostoa nuova* art-... *fuelo*, e ao monologo — *Dormono entrambi*... onde actriz e cantora deram a impressão de que, se deixasse de cantar na voz, todos os gestos e attitudes cantariam, seria todo musica o tragico momento vivido pela desditosa e pela amante trahida.

Ebe Stignani brilhou com luz propria ao lado de Claudia Muzio. A sua voz de rara belleza, servida por bella cultura, encantou, empolgou em todos os numeros. No celebre duo — *Mira, ó Norma, a tuoi ginocchi*, a sala inteira vibrou de incontido enthusiasmo, applaudindo-a com excepcional enthusiasmo.

Lui Marletta foi um Pollião merecedor dos applausos com que o brindaram. Tem a voz exigida pelo personagem. Cantou com brilho caloroso e dramatico o Sonho — *Meco all'altar di Venere* e o duetto entre P. e A. — *Vieni in Roma, ah! vieni, o cara*.

Giacomo Vaghi encarnou Oroveso com a consumada mestria. Cantou, recebendo muitas e justas ovações, o numero — *Si, parlerá terribile*.

Mercedes Trilla e Nello Palai, esforçaram-se com mais ou menos efficiencia para não romperem o equilibrio do conjuncto.

Bellos, afinados córos. Merece especial menção o do 4º acto, que canta o hymno guerreiro — *Guerra, guerra!*

Mais uma vez Marinuzzi mostrou o seu magico poder de regente, valorizando a orchestra, que é tão fraca na op. de Bellini.

Registamos com fidelidade que durante a representação dividiram-se os applausos entre Claudia Muzio e Ebe Stignani, então rivaes na scena e no successo. Numa das vezes veiu ao palco cada uma de per si e as ovações se distribuiram com justiça proporcional ao valor de cada personagem: Norma foi mais applaudida que Adalgisa. No fim do espectaculo o regente e todos os principaes artistas receberam novas e calorosas palmas, e afinal chamada só á scena, repetidas vezes, Claudia Muzio se tornou o centro unico de ovações que pareciam não terem fim. Mais um memoravel triumpho da grande e gloriosa artista.

Amigo Fritz — Segundo o libretto de P. Suardon, extrahido do roman. ce homonymo de Erckmann — Chatrian, P. Mascagni compoz dois annos depois da *Cavalleria Rusticana* a op. *Amico Fritz*, estreada em Milão, no T. Scala, em 1893. Ouvindo-as, sente-se que a segunda se não augmentou tambem não diminuiu a fama do compositor da primeira. Parece mesmo que as duas ficam como typos caracteristicos da idealização tragica e da idealização comica na musica de Mascagni. Nota-se-lhes o mesmo encanto melodico, a mesma frescura de inspiração, a mesma despretenciosa belleza de orchestração. Entretanto a nossa impressão é de que a *Cavalleria Rusticana* continua occupando na obra de Mascagni o 1º lugar não só na ordem de data mas tambem na ordem do merito. O que resulta talvez mais da natureza dos assumptos do que do valor musical das composições.

Bella, primorosa mesmo, a audição do *Amico Fritz* que nos deu a G. C. L. T. M. em a noite de 26 de agosto com Mafalda Favero em Suzel, Ebe Stignani em Beppe, C. Merino em Fritz, Damiani em David, e sob a regencia magistral de Marinuzzi.

Mafalda Favero agradou do 1º ao ultimo acto. A sua bella figura, a sua bella voz estavam admiravelmente adaptadas á personagem de Suzel. Encheu a sala de sons perfumados, cantando a romança das flores — *Son pochi fiori* e narrou com gracioso, intencional pudor a historia biblica de Rebecca e Eleazar — *Faceasi vecchio Abramo*.

Ebe Stignani manifestou mais uma vez os primores da sua voz de raro meio-soprano, nas canções do cigano — *Laceri, miseri tanti bambini* e *O' pallida, che un giorno mi guardasti*.

Carlos Merino igual e perfeito em toda a opera. Destaquemos especialmente os dois solos de Fritz: — *Uno strano turbamento* e *Ed anche Beppe amó* — sem esquecer o duetto de amor b da penultima scena — *Io t'amo, t'amo o dolce mio tenor*.

Damiani, dentro da relatividade do seu papel, esteve no mesmo plano dos protagonistas. Brilhou como M. Favero no duetto biblico entre Suzel e David, e no numero — *Per voi, ghiottoni inutili*.

Marinuzzi continuou a serie das suas incomparaveis regencias. O interludio da op., uma das grandes bellezas do *Amico Fritz*, foi estrondosamente applaudido e estrondosamente bisado. Assignalamos o violino de *spalla*, Oscar Borgerth que executou o solo de Beppe, quasi tocando como Stignani cantou.

E' escusado dizer que os scenarios, como sempre, estiveram acima de qualquer elogio.

OSCAR D'ALVA

Claudia Muzio, a excepcional artista da scena lyrica de todos os tempos, tão grande actriz como grande cantora, que acaba de obter novos e estrondosos triumphos no Theatro Municipal, cantando e representando «Andréa Chénier», «La Traviata», «Norma» e «Tosca». A nossa photographia mostra-a na personagem da opera de Bellini, a qual se lhe adapta maravilhosamente á magestade da figura e á musicalidade da voz.

A senhorita Dina era muito interessante. Formosa, intelligente, culta, gostava de theatros, de passeios, de bons livros, de bôa musica. Gostava de tudo o que lhe deleitasse o fino espirito; só não gostava de uma coisa: namorico.

Não tinha, nunca teve inclinação por homem algum. Para ella *todos* eram iguaes.

Quando observava um Catão muito sério a apparentar virtudes, austeridades, a dar licções de moral, dizia, de si para si: "Passe de largo!"

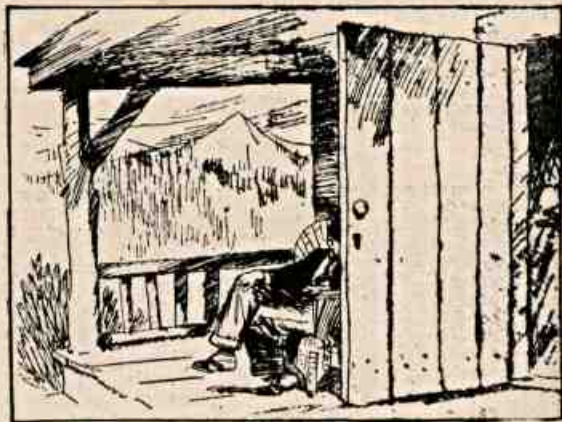
Com homem da sua idade ou mais môço não casaria. Positivamente, não. Só bem mais velho.

O porquê desta resolução inabalavel não sabia explicar com clareza; justificava-o, referindo-se apenas á parte physiologica: a mulher envelhece, quasi sempre mais depressa que o varão. Tinha receio, por isso de, nalgum dia, vir a ter marido da sua idade ou mais môço. Com certeza um bem mais velho seria bem mais dedicado.

Não estaria fortemente persuadida do porquê do seu firme designio mas devêra ter razão, pois linguas inoffensivas dizem sem malicia: gato velho só pega camondongo!

* * *

Chegou o dia da formosa Dina deliberar. Consultou comsigo mesma o negócio, conferenciou com parentes, pessôas amigas, conversou com o travesseiro; só não teve coragem de sondar a opinião da mamãe. Ignorava a causa do seu receio, mas uma v.z intima a modo lhe dizia, consoante affirmava ella, que mamãe ia dar o contra!

Era este o caso: um millionário, viuvo e velho, ficára de uma hora para outra apaixonado por Dina. Não obstante ser grande a differença de idade — por conselhos de certa amiga, cujo espirito fantasista em excesso já sonhava para a outra um palácio encantado, imaginando verdadeiros contos de fada, — acceitou o pedido de casamento, incumbindo-se aquella de levar a nova ao conhecimento da mãe de Dina e pedir-lhe ao mesmo tempo o seu consentimento.

O ex-servente, gozando férias, numa casa de campo, contempla a paizagem...

FÉRA PAIXÃO

Na casa da amiga recebia a visita do velho, tratando-o com delicadeza extrema, com caricia. E êsse senhor andava lépido, faceiro com as delicadezas da senhorita. Cheio de embófia estava ficando êlle e fútil e contador de patranhas!

Era intelligente, culto, um senhor respeitavel. Porém... juizo?! Qual nada! Uma cabecinha de vento... isso, sim!

Não era conversa fiada; não, senhor, consoante uma vez dizia Dina a íntimo amigo da familia: o velhinho, andava activo, dynamico e só falava em altos negócios!

Com toda a actividade, certa vez se ausentára ella um instante da sala e, á volta, estava elle roncando, dormindo como si fôra "um sem trabalho", a resonar num banco de praça pública.

A senhorita, nessa occasião, ficára meio desenxabida!

A amiga fizéra diversas tentativas no sentido de lhe falar á mamãe. Esta, sabiam todos, não se deixava enganar. Resolvêra por fim liquidar o assumpto e dirigira-lhe a palavra:

— Dona Ema, tenho bôa noticia a dar-lhe.

— Bellissimo! Ha muito tempo não tenho o prazer de receber bôa noticia. Vá depondo...

— Não calcula a senhora o que lhe está reservado: um futuro pleno de commodidades.

— Deus meu! De onde virá tanta riqueza...

— Da parte de Dina.

— Sim? Muito bem! Vá depondo...

— Está noiva...

— Que me diz!...

— E de um millionário.

O vagabundo.—Agradecido, amigo, mas não costumo lêr ao deitar-me...

De Hormino Lyra

—Nesta época?! Só si fôr algum viuvo e velho.

— Não é nenhum criançola nem almofadinha!

— Quem é então esse príncipe encantado? Não o conheço?

— Conhece-o.

— Quem é? Deixe de mystérios.

— Espero a sua approvação.

— Quem é?!

— Doutor Canhoto.

— Ai!

A illustre senhora desmaiou de sobresalto, mas, quando recobrou os sentidos, disse, com franqueza:

— Já fui rica, já viajei muito quando tinha o meu marido, já gozei bastante. Dinheiro não me fascina. Não posso dar o meu consentimento para se perpetrar um acto condemnável! Esse indivíduo quasi octogenário é um devasso! Quem o não conhece?! E' enorme o numero de suas victimas. Nem o próprio lar respeitava no tempo da bôa espôsa.

E apparecêra inopinadamente Dina e falára, occultando a sua afflicção com ar de alegria:

— Mamãe, que é isso? Não se exalte assim...

— Ainda bem que me estavas ouvindo. E's de maior idade. Pódes casar com quem quizeres. Fica, porém, certa disto: si casares com esse indivíduo, não é por amôr sinão por dinheiro e, por isso, não serás feliz. Tu, minha querida filha, te vaes vender a um velho para lhe ser a enfermeira. Prepara-te para fazer as cataplasmas de linhaça e aturar os ciúmes de um velho malandro que não é digno de ti...

— Mamãe...

— E' o que te digo. Si casares com êlle, fica lá com a tua riqueza e nunca mais me appareças. Não

Pedira á amiga dissésse ao velho que estava tudo acabado. Não lhe apparecesse. Já não queria em hypothese alguma caasr com êlle.
é orgulho; é asco que sinto daquelle indivíduo. Si não queres comprehender-me, tanto peor!

* * *

Dina sahíra dali muito apprehensiva... Sem amôr não havia felicidade possivel. E a êlle não tinha a menor affeição. Não lhe correspondia ao amôr; pensava seriamente nas jóias que ia receber de presente, no palácio onde moraria, nos passeios a outros paizes, nos theatros... Mas o velho já dormia quando ia visitá-la!... Tudo isso era objecto do pensamento de Dina. Pensára de novo, considerára attentamente o caso, examinando ao mesmo tempo o estado de sua alma, e achára por fim de contas que dona Ena era quem estava com a razão.

A amiga transmittira-lhe o recado. O coração do homem enchêra-se de amargura e elle chorava dolorosamente!

— Eu serei muito bom para ella. Darei tudo o que ella quizer. Vá dizer-lhe por favor... Dotál-a-ei com quinhentos contos de reis. Vá dizer-lhe por favor...

— De modo algum quer casar mais com o senhor, redissera-lhe a recadista.

— Eu morro de tristeza!

— Tenha coragem!

E o velho, sem ter para quem appellar, lembrára-se no momento do lendário necromante que fizéra o pacto com o demônio, dera um sorriso amargo e sahíra cambaleando com o seu sentimento contrario á razão. Mais tarde, fôra passear ao sol de outro paiz, afim de domar a féra paixão!

(Do livro inédito "No Reino dos Corações").

UM ROMANCE PAULISTA

— E que farás quando fôres como tua mãezinha?
— Gymnastica!

— Marucha! — sabe quem feize aquelle bruta prédio? — Aquelle alli...

— Aquelle que tem vinte e quatro andare? Fô un italiani!!!

— Má que gente bôa, Bartolomé... Io tegno orgulho de sêre intaliana nascida no Braiz. Mio irmó é do Bó Retiro e o ôtro se deixô morrê no Piques. Má, gome nois tudo moramo aqui, por gentilezias sêmo baulisties.

— Marucha! Este povo é muito bó...

— Hi! Si é... puxa vida — oi qui na inrevoluçó mio irmó foi in gonvidado a tomare parte pra dare un negoço de ingostituiçó — dá ô fazere, nó sei bem — o que sei que era pra o Brazili, má elle se deixó perdere gome no Palestra por 3 a 2...

* * *

Marucha é operaria numa fabrica. Bartolomeu é sapateiro de bater sola no banquinho. Todos os dias á tarde, após uma succulenta "pulenta" no jantar, sahem ambos pelas ruas da Paulicéa e entregam-se ás divagações, fazendo castellos e sonhando uma vida feliz. A's vezes brigam por causa dum jogador de football ou devido a uma artista de cinema, mas depois fazem as pazes e mais se amam ainda... Parecem levar uma verdadeira mocidade cheia de felicidade.

* * *

Marucha é moça que tem fóros de grandeza. Sonha ser algum "tróço" na vida — segundo sua propria expressão para as amiguinhas e para o proprio namorado. E' bonitinha e loura. De educação não tem nada. Quando pequena, ajudava a mãe a lavar roupa e a cozinhar, e, depois de grande, empregou-se numa fabrica.

* * *

Bartolomeu, mais ignorante ainda do que sua namorada, é um cantor de facto, pois possúe optima voz. Sonha ser barbeiro um dia... E, quem sabe?, depois será poeta... *giurnalisti* e até mesmo — membro da Agademia Baulisti de Dettera...

* * *

Um dia, o pae de Marucha lembrou-se de morrer. E morreu.

O velho, tendo devorado uma suculenta macarronada num domingo, esqueceu-se de respirar e ficou inclinado sobre a mesa, até que a filha descobriu que elle não dormia. Mas estava frio, completamente frio... Ella gritou... chorou, chamou pelos vizinhos... Veiu um medico da assistencia e este attestou: colapso cardiaco. Quando foram remexer a sua vida miseravel, descobriram para Marucha uma fortuna de mais de mil contos de reis, deixados pelo velho.

* * *

Marucha mudou-se para Santa Cecilia. Móra noutra casa. Mais confortavel. E veste vestidos melhores. Dizem que está estudando. As amiguinhas descobriram que

De Marcos Nerelos

toda a noite vae uma professora em sua casa para dar-lhe lições de regras de sociedade.

* * *

Bartolomeu começou a aprender a ser barbeiro. A profissão, melhor e mais apresentavel, lhe daria meios para ir "polindo-se"... Depois, Marucha, riquinha como estava, havia de dar-lhe uns "cobres" para montar um salão no "Triangulo".

* * *

Marucha, no emtanto, ficou differente. Antigamente, ella era simplesmente Marucha Cotti. E agora... residente no Jardim America, após haver veraneado em Petropolis e ter feito estações de aguas em Poços de Caldas, Lindoya e Caxambú, ella passou a chamar-se Mlle. Mary Cotty, da alta sociedade paulistana.

* * *

Bartolomeu foi vêl-a depois de varios mezes.

— Marucha! I'o sono sincero... I'o t'amo tanto... mio coraçó iguale ao viauvio de Napole que esfumacela a vida intera; iguale aos chaminés do Braiz, arde fogo de amore por você Marucha... Vamo se deixá fazere a burrada — nois nascemo un pro otro. Io sono barbieri... migliorei as posiçó. Você euci ali fiministi. E io cortando os cabello da societá intera... immagine que infilicitá...

* * *

De nada adeantaram as supplicas do pobre barbeiro. Marucha já não era aquella operariazinha simples de antigamente. Ella não desprezou o antigo namorado... Contou-lhe a reviravolta que o dinheiro produziu em sua vida... Queria subir... subir mais ainda... Estava rica.... poderia arranjar um rapaz que trouxesse um nome tradicional da terra bandeirante, de posse do qual a sua posição social ficaria consolidada...

Bartolomeu escutou á sua namorada. Deu-lhe razão. Mas, apaixonado como elle era, napolitano de raça, genio rebelde e arrebatado, não se conformou...

* * *

Despediu-se da sua linda Marucha, a Marucha de seus sonhos, e caminhou vagarosamente para a cidade. Subiu a rua Augusta toda, foi até a Avenida Paulista... De lá, tomou a direcção da rua da Consolação, e veiu descendo para o centro da cidade. Em cada bar onde que passava tomava alguma cousa. E, assim, foi se embriagando, até que, ao chegar nas proximidades do viaducto, estava completamente ebrio.

No viaducto do Chá, elle parou. Olhou para a cidade... Parecia querer despedir-se della. E, repentinamente, sem que ninguem percebesse, elle, rapido e agil, atirou-se.... vindo o seu corpo cahir pesadamente sobre o asphalto frio do Anhangabahú.

O hospede. — A senhora precisa tomar uma providencia, pois, á noite passada, tive que assistir a uma luta entre dois ratos, dentro deste quarto.

A hoteleira. — Que esperava o senhor vêr, por cinco mil reis diarios? Uma luta entre Schmeling e Sharkey?

LEIAM os romances de Fon-Fon, variadissimas collecções do grande escriptor francez Michel Zévaco.

A Justiça Divina

DE HENRI BARBUSSE — ILLUST. DE EDGARD

— E'verdade — disse Alec Co[illegible] —: eu não valho grande coisa. Sem ser um canalha propriamente dito, tratei com tantos malfeitores em Klondyke e em seus suburbios, que não posso considerar-me immaculado como um santo. Seja como for — proseguiu, eu era um anjo comparado com Daniel Coffin Buttanskaw. Daniel era um energúmeno. Agora, que o tempo passou, tenho a convicção absoluta de que foi elle quem matou o velho mercador.

"Aquella historia era surprehendente. Uma das mais curiosas que até ha cinco annos corriam de bócca em bócca entre os exploradores. Meu primo Coffin Buttanshaw foi, evidentemente, o matador do mercador encontrado á luz da lua com o nariz esmagado contra o solo e a barba aprisionada na neve endurecida.

"Nem eu nem os outros amigos de Daniel tivemos a menor duvida acerca de quem era o criminoso. Meu primo déra o golpe para se apoderar do ouro do mercador. Suppunhamos que não tardariamos em assistir á execução de Daniel. Infelizmente, não foi possivel obter nenhuma prova contra elle. E foi preciso deitar terra ao assumpto, como se deitára terra sobre o cadaver. Os camaradas de Daniel nos vimos obrigados a continuar tratando-o bem e a fazer de conta que nada havia succedido. Riamos com elle, pilheriavamos com elle, brincavamos com elle. A vida naquellas regiões impunha essas e outras muitas hypocrisias.

"Nossa expedição continuou avançando. Daniel levava, na consciencia, o peso de um crime. Nós, o remorso daquella transação immoral. Mas a necessidade nos impunha continuarmos unidos. Até que um dia Daniel nos abandonou. Ou melhor fomos nós que o abandonamos. Este... como poderia explicar-lhes o caso?... Um typo que descia do norte nos fez sciente, a meus dois companheiros e a mim, que havia um filão de ouro a alguns mezes de marcha de Fort-Yugon, perto da fronteira do Canadá. Instinctivamente... calámos a noticia a Daniel. Desde logo, Daniel era nosso socio. Mas... repartir um filão de ouro entre trez não é a mesma coisa que repartil-o entre quatro, não é verdade?... Além disso, não haviamos esquecido a historia do judeu... Comprehendemos então todo o perigo que significava a vida ao lado de semelhante canalha. E, por ultimo, nossa conducta merecia ser desculpada pela simples razão de que aquelle sujeito que descia do norte nos enganára miseravelmente. Não existia tal filão de ouro!... E sempre que me recordo desse outro canalha me arrependo de não têl-o estrangulado com minhas proprias mãos!

"Vocês adivinharão com quantas precauções abandonámos uma manhã Daniel no caminho... Meu primo estava tão impregnado de *whisky*, que não poderia despertar antes de seis horas, salvo si preferisse ter uma congestão que o despachasse para o outro mundo.

"Nada de reprovavel houve no processo da embriaguez, adoptado por nós para desfazer-nos de Daniel. Acaso meu primo havia vacillado ao deixar extendido na neve o pobre mercador?...

"Que nos occorreu durante a expedição? — perguntarão vocês. O que succede a todos os cavadores de ouro. Decepções, esforços inauditos, brigas, esgottamento physico e moral. Mas, com o tem-

tivemos sorte. E consegui, um embarcar para a Inglaterra, sformado num homem rico. ain, então decentemente, esta piedade.

: que foi feito de Daniel?... e muito tempo dpois da sorte teve meu primo. Privado de rsos, pois, como era logico, nós apojámos de suas armas e de dinheiro para impedir que nos isse, Daniel se alojou como le em uma granja do districto fero mas proximo. Trabalhou dadamente, da manhã á noite noite á manhã. Daniel não cedia deante de coisa alguma, siquer deante do trabalho. la o proposito de economizar pouco de dinheiro para se lan- á procura de um filão... e bem á procura de nós. Du- e dois mezes se esfalfou tra- tando como um burro de car- O dono da granja, encantado ter a seu serviço um homem rendia por dez, tratou-o com maior consideração. E meu pri- levou dois mezes de vida mplar...

Mas, uma noite, alguns homens mperam no quarto onde Da- dormia. Esses homens eram heriff e quatro rapagões fortes constituiam a milicia policial logar. Sacudiram Daniel sem templações. Cheio de somno ejando, resmungando e abrin- successivamente o olho direito esquerdo, Daniel foi arrastado a fóra. Os cinco individuos não mittiram que elle se vestisse. astaram-no do quarto semi-nú.

— E' inútil que resista, amigo! disse o *sheriff*. — E não se faça innocente!... Viram-no quando praticou o crime!

— Que crime! — gaguejou Da- d, ruborizando.

Aquella simples pergunta foi erpretada como uma tentativa rebellião. O mais formidavel agentes avançou, então, e o knock-out em meio *round*.

Quando Daniel recobrou os tidos, o *sheriff* se achava de- te delle. Meu primo fôra trans- rtado a um pequeno posto onde via uma estufa a keroneze. O eriff insistiu com Daniel para e dissesse toda a verdade a res- ito da morte da velha soltei- ra.

"Sim, meus amigos: Daniel offin Buttnskaw era accusado de r morto uma mulher a quem nca vira. Estupefacto, meu pri- o se revoltou, gritou, ameaçou. as... um terrivel cúmulo de cir- mstancias o comprometia. Ha- m-no surprehendido outras ve- s no local do crime. A arma utilizada pelo assassino era del- le... Daniel não soube defender- se. Sua attitude deante da mumia da velha foi considerada cynica. Perdendo a cabeça, accusou todo o mundo do crime... até o pro- prio *sheriff*... E, em uma fresca tarde nevoenta, puzeram-lhe a cor- da no pescoço...

"Quando só faltava puxar a corda, alguem chegou ao logar da execução, gritando desesperada- mente:

"— Não!... Esperem!... Um momento!... Esperem!...

"Era um sacerdote catholico. Aquelle santo homem sabia que Daniel era innocente, porque re- cebêra a confissão do verdadeiro assassino.

"Mas se dava a casualidade que o cura estava de relações cortadas com o *sheriff*. E vocês sabem até que ponto chegam os odios nas pequenas localidades. O *sheriff* olhou ironicamente o sacerdote e convidou-o a dar o nome do ver- dadeiro culpado. O padre negou- se, allegando o segredo da con- fissão. E o *sheriff*, então, ordenou ao verdugo que içasse Daniel no laço da forca.

"Emquanto o verdugo obedecia, emquanto Daniel estrebuchava no ar, o sacerdote, seguro por dois agentes, clamava:

"— Isto é uma abominavel in- justiça!... Um attentado mons- truoso!... A maldição do Senhor cahirá sobre vocês!...

"A maldição do Senhor!... Não. Eu creio que o sacerdote se enga- nava, meus amigos. Deus assistira do alto dos céos, a toda a historia do canalha Daniel Coffin But- taaskaw. E eu suspeito que, ao ver o desenlace daquella historia, ao ver como como se agitava no ar o assasino do mercador, Deus sorriu em seu throno e esfregou as mãos, satisfeito. Porque, na- quella injustiça do *sheriff*, havia um enorme sentido de justiça.

O RAMO DE FLORES

— Já estiveste alguma vez no estrangeiro, Maria?

— Não, senhora. Mas, segundo dizem, é um logar muito bonito.

Si Percival Zarn fosse um ébrio, não me teria contado isto. Porque a bebida costuma produzir dois effeitos inteiramente contrarios, e um delles é fazer reservados os homens. Mas Percival era um actor de fama, que sempre tinha contractos de longa duração e que parecia satisfeito da vida. Hontem, quando elle se apresentou em minha casa, estirei mecanicamente a mão para a garrafa de whisky, e notei-o deprimido, cansado. Differente de como era sempre, numa palavra.

— Chá — disse-me, repellindo o copo.

E depois de ter elle bebido quasi de um só trago uma chicara de chá bem quente, fiz-lhe notar a curiosidade que me causava um ramilhete de *não me esqueças* que trazia á lapela.

— Flores de funeral — declarou-me tristemente.

Depois seus famosos olhos adquiriram um brilho febril, emquanto sua mão nervosa me passava a taça para que a enchesse de novo.

— Conheces Minerva Hollister — proseguiu — e sabes minhas relações com ella.

Fez um gesto impaciente, e ajuntou:

— Mas não sabes uma coisa a respeito della... e de mim.

— Eu sabia que eras tido por ahi como um homem de sorte...

— Sim! Minerva Hollister, a maior attracção de Broadway, com sua dança dos pyrilampos. Inflamma seu publico, que a procura por isso. Quanto a mim, estava queimando-me vivo.... Não, obrigado... Sem assucar... Durante dois annos o êxito de Minerva foi tão grande, que duas direcções: uma em Nova-York e outra em Hollywood. Has de ver como eu...

— Quando diziam que eras um homem de sorte!

— Sim! — exclamou, fazendo, com a mão, novo gesto expressivo. — Ha quanto tempo descobrimos que estavamos interessados um pelo outro? Vejamos... Em junho de 1931, quando regressei de minha *tournée* pelas cidades do interior, onde representava "A canhoneira", Minerva, tu o sabes, morou muito tempo na mesma casa de appartamento ou eu resido, na rua Setenta e Dois. Uma vez deu uma festa... Uma dessas festas communs entre nós os que trabalhamos no theatro, que nellas apparentamos mover-nos com naturalidade na vida privada. Até então eu tinha Minerva como uma creatura exótica, uma actriz dentro e fóra do scenario, que vivia como que eternamente illuminada pelas gambiarras. Talvez fosse por isso que ella não me havia interessado. Os primeiros annos de minha vida eu os passei em uma fazenda e sempre me senti dominado pelo desejo de voltar a essa vida, de voltar a esses logares onde as coisas crescem como Deus quer que cresçam, sob o sol.

"Não, nunca havia pensado seriamente em Minerva até essa noite. Tive a sorte de poder dedicar-me a ella nessa opportunidade e lançar um olhar a seu coração. Conheceste o appartamento de Minerva... Lembras-te do pequeno jardim de inverno, atraz de uma porta de crystaes, no fundo salão?"

— Sim — respondi-lhe. — Plantas em vasos e jarros, protegidas pelos crystaes, mas sempre alguma florida. Minerva tem uma esplendida mão para as flôres.

— Nessa noite eu o notei pela primeira vez. Era flores primaveris. Verbenas e cravos esplendidos que floriam como si estivessem num jardim, a muitissimos kilometros de Broadway. Minha mãe cuidava de seu jardim e meu pae costumava dizer: "As flôres brotam para as mulheres doces". Repeti essas palavras a Minerva Hollister... e ellas tiveram a virtude de fazêl-a chorar. "Pensam que eu tenho um coração de pedra — disse-me. — Mas é porque não me conhecem. Hei de ter sempre meu jardinzinho aqui. Dir-se-ia que elle me recompensa por alguma coisa que nunca encontrei. Minhas flôres parecem conhecer-me. Sou a única pessôa que lhes toca". Sentada alli, negligente-

---

A HYGIENE INFANTIL

Tarefa de grande significação e utilidade é divulgar conselhos praticos e intelligentes sobre a hygiene infantil. Nenhum assumpto existe, mais do que esse, prejudicado por preconceitos e abusos lamentaveis. Mas nenhum de mais sérias responsabilidade e consequencias.

Dos primeiros annos de vida de uma creança, do seu tratamento erroneo ou intelligente depende o homem do futuro.

Por isso, merecem todo o apoio quaesquer iniciativas no sentido de divulgar idéas acertadas e preceitos scientificos sobre a educação infantil. E está nesse caso a Com-

De Wallace Irwin

...mente, seus cabellos negros um pouco revoltos, seus olhos com expressão melancólica me revelaram, de repente, tal qual era...

"Na noite em que resolvemos casar-nos estávamos sentados defronte do seu jardinzinho, atraz da porta de crystaes. "Casar-nos-emos na Primavéra — disse-lhe, — logo que termine o contracto que tenho para Londres. E então iremos para um logar onde possas estar eternamente rodeada de flôres. Imagina o que será nossa casinha, com um jardim cheio de rosas". Tenho ainda a impressão de escutar sua voz melodiosa, quando me respondia: "Isso será o céo!" Pensando em sua dança dos pyrilampos, é difficil imaginar Minerva Hollister como uma esposa tranquilla e prudente dona de casa. Mas eu sabia o que ella desejava.

"Na vespera de minha partida para Londres, ella deu em minha honra uma festa de despedida, e eu a vi differente da Minerva que conhecia. Estava como quando apparecia em publico. Queria mostrar-se a seus admiradores de Broadway como a bailarina da dança dos pyrilampos. Quando penso nisso, é impossivel crer que haja um átomo de sinceridade em toda ella. Henry F. Zebb — seu emprezario do anno passado — occupava um logar proeminente na salinha, ostentando sua calva e sua gordura. Por sua maneira de comportar-se, qualquer pessôa diria que elle era o dono da bailarina... Surprehendi-o contemplando o jardim e murmurando: "Minerva sempre consegue bonitos effeitos." Não sei como consegui dominar-me. Mas como poderia saber elle o que esse jardim significava para Minerva e para mim?

O hospede — Parece-me um quadro de Rembrandt. Tem certeza de que é verdadeira?

O novo-rico. — Pelo menos, quando o comprei, deram-me uma garantia por tres annos...

"Bem: Hontem voltei da Inglaterra. Nem Minerva nem eu gostamos muito de escrever, mas, de qualquer maneira, trocámos algumas cartas. Gastei tambem cem dollars em communicações telegraphicas. Mas devo dizer-te que nada disso era satisfatório. Quando o Magestic entrou no porto, eu tratei das exigencias alfandegárias com a pressa de um louco e corri a seu appartamento. Ninguem respondeu a meu chamado por longo tempo. Depois Esther, aquella negrinha espevitada que é sua criada, appareceu na porta:

"— A senhorita Hollister foi viajar, mas deixou esta carta para o senhor — disse-me.

"Era uma nota breve e dolorosa como uma punhalada. Declarava-me que ia á California, afim de casar com Henry Zebb, que lhe promettera fazel-a estrella, e esperava que eu fosse feliz...

"Não sei o que se passou commigo; mas experimentei um desejo irresistivel de entrar no appartamento. Como si isso servisse para alguma coisa! Empurrei Esther e penetrei na sala. Reinava ali uma desordem terrivel. Varios homens preparavam os moveis para a mudança. Outros arrancavam as plantas floridas: violetas, tulipas, rosas... Ainda então, fóra de mim como estava, julguei que aquillo era uma profanação. Aquellas mãos rudes desfazendo seu jardim!

"— Para onde vão leval-as? — perguntei ao homem que parecia ser o feitor.

"— Para a casa de onde vieram — respondeu-me.

"— Para a casa de onde vieram?... — repeti, sem comprehender.

"— Sim — esclareceu-me o homem. — Para a casa F. Demerest & Cia. Especialista em flôres artificiaes e effeitos theatraes. Durante os dois ultimos annos fomos os fornecedores da senhorita Hollister. Quatro conjunctos differentes de accordo com as estações. Que pena que ella se mudou!"

Percival Zorn olhou-me e eu tambem o olhei. Depois, com um gesto que tinha qualquer coisa de fatal, como seu sorriso, tirou o ramo de não me esqueças da lapela e atirou-o á cesta de papeis.

— Flores de funeral! — exclamou, com o sorriso disciplinado de um actor. — Tambem são artificiaes. Comprei-as por quinhentos réis numa loja, esta manhã.

A Companhia Gessy, que publicou, para distribuição gratuita, um pequeno e utilissimo folheto — "O Seu Bebê" — escripto sob a orientação de um dos nossos mais illustres especialistas em pediatria, o dr. Arthur Engo.

Esse folheto compendia o que ha de mais moderno e mais pratico com relação á educação dos bebês, sendo, assim, uma optima contribuição para as mães brasileiras.

Para adquirir o folheto "O Seu Bebê" basta recortar o coupon que acompanha os annuncios que a Companhia Gessy vem publicando em nossas columnas relativos á hygiene infantil, remettendo-o em seguida á referida Companhia.

NA TERRA DE ROMEU E JULIETA

SERÁ' brevemente inaugurado em Verona, no palacio dos Capuletti, um museu de Shakespeare. A collecção que os eruditos formaram tão pacientemente reunirá os moveis, os costumes e os documentos do Seculo XIII.

Vão reunir, tambem, lá, um material bibliographico de uma incomparavel riqueza e todo elle em relação ao drama de amôr de Romeu e Julieta.

Assim reviverá, no ambiente mesmo onde Shakespeare a fez viver, a commovedora heroina, cuja poetica historia inspirou um dos maiores dramaturgos inglezes, e cuja graciosa figura não cessaria de commover as gerações vindouras, pela magia immortal de uma obra-prima.

Ninguem ignora que o drama atroz de que resultou a tragica morte de duas creaturas bôas, jovens e bonitas se passou em Verona, na vetusta cidade italiana, á beira do rio Adige, onde as duas familias — os Capuletti e os Montecchi, se haviam jurado odio de morte. Foi no palacio sumptuoso dos Capuletti que Romeu, uma noite, ás escondidas dos paes, se introduziu para assistir ao baile á fantasia que commemorava os 15 annos de Julieta.

Quando viu o angelico semblante da moça, concebeu logo por ella o amôr que se acabaria somente com a vida.

A acção do drama passa-se exactamente no fim do seculo XIV, época feudal, de paixões barbaras, em que as familias poderosas constituiam outros tantos estados nos Estados.

Verona dividia-se em dois partidos bem distinctos: o dos Capuletti e o dos Montecchi, que absorviam quasi todas as preoccupações da inteira cidade, cuja população assistia impotente e terrorizada, á frequentes rixas sangrentas, que se travavam entre os partidarios de um e outro. Os dois jovens rebentos de duas familias inimigas foram os instrumentos inconscientes, que deveriam ter apagado os odios que havia dezenas de annos vinham envenenando tão nobres corações, deixando-se levar pelo irresistivel enlevo de amôr que obedecia a uma lei divina.

Mas em vão esgotaram, os pobresinhos, mil supplicas e pedidos.

(Continúa na pag. seguinte)

O pae. — De fôrma que o senhor é commerciante em algodão! Mas, que especie de commercio? Explique-se melhor!

O pretendente. — Isto é... quero dizer... eu collôco o algodão nos tubos de aspirina...

O professor, depois de ter perguntado, sem conseguir resposta, o que seja um homicidio por imprudencia, exemplifica:

— Si um automovel, correndo em grande velocidade, matar-me, — que vem a ser isso?

Os alumnos, (em côro). — Tres dias de férias...

Os velhos permaneceram inflexiveis: precisavam soffrer a lição das cousas e chorar de dôr insonsolavel quando já fosse tarde, sobre os despojos mortaes das duas infelizes crianças, immoladas no inflexivel orgulho fidalgo. Só ahi comprehenderiam, emfim, que o odio sempre foi e será vencido pelo amôr. No palacio dos Capuletti, mostram, além da lendaria varanda onde os dois namorados soluçavam abraçados, no desespero de um soffrimento que não tinha mercê, o tumulo onde estenderam o corpo fragil da infeliz Julieta, quando esta mergulhou no somno que semelhava a morte após haver tomado o narcotico que lhe déra o seu piedoso confessor. Foi lá mesmo que se desenrolou o tragico final provocado pelo mais cruel dos malentendidos.

Romeu, ao receber a noticia de que Julieta estava morta, correu doidamente para junto da amada e, certo de que ella se fôra realmente desta vida, engoliu o veneno que o prostrára immediatamente. Era o veneno fulminante dos Borgia!

Momentos depois, acordava Julieta do somno lethargico que durára demais, e, comprehendendo a sua immensa desgraça, preferira juntar-se, no além, ao ser que tanto amára.

Quantas recordações poderiam evocar os objectos reunidos no palacio dos Capuletti!

Os brocardos das camas; os livros de missa das damas e o da propria Julieta. As sandalias macias, que lhe permittiam atravessar as salas e os corredores mergulhados em trevas, sem romper o profundo silencio do palacio adormecido, até chegar ao quarto onde havia a famosa sacada... As grades de ferro batido, cheias de pontas agudas, dos cães de guarda, que, muito mais humanos do que os homens, se compadeceram do martyrio dos amantes e não estraçalharam o intruso... A escada que Romeu encostava á parede daquella casa, para chegar aos braços da bem amada, ainda lá está. Será a mesma?... O tempo, ás vezes, respeita as reliquias de amôr... E' uma longa escada de madeira tosca, carcomida pelos vermes, que o visitante contempla com emoção.

O ambiente é perfeito; é o mesmo que, ha seiscentos annos, assistiu impassivel a uma das mais pungentes tragedias de amôr que relata a historia. A imaginação do turista sentimental, ao penetrar no tabernaculo onde Romeu e Julieta se amaram, sabe completar o silencio das cousas...

Itawazz

COMO TOCAMOS a campainha...

Quando vamos visitar a noiva... ...ou a uma tia rica e solteirona...

...ou a um amigo pobre e humilde...

...ou quando vamos a uma reunião social...

...ou á casa do vizinho, pedir alguma cousa emprestado...

...ou, finalmente, ao gabinete do dentista.

DE PERFIL

NO correr de uma discussão, ella dissera:

— Claro!... Sou tua mulher, não é verdade?... Si fosse mulher de outro homem, serias mais amavel commigo, como si me visses pela primeira vez!...

Em diversas occasiões Maria Luiza pronunciára identicas palavras, reprovando ao marido sua falta de consideração e de cortezia. Nunca, no emtanto, reflectira sobre ellas. Porém, agora, parecia comprehender de repente toda a significação dessas palavras. E por isso accrescentou:

— Escuta, Frederico. Escuta-me sem interromper-me, porque se trata de uma coisa referente á nossa felicidade... Não te assustes; não quero provocar outra scena... Ha em nossa vida um facto indiscutivel. Isto: nossa união não se parece nada com a de cinco annos atraz. No começo de nossa vida matrimonial, foste um marido encantador, solicito, attencioso... Já não o és. Creio, no emtanto, que não deixaste de amar-me. Não mudaste conscientemente, e sim, porque o habito impôz a sua lei. Atrever-me-ia a dizer que não tens culpa do que aconteceu. Vê que te falo com toda serenidade, sem me exaltar. E' que percebo perfeitamente o que se passa. Tenho razões de sobra para te censurar; não obstante, comprehendo que teu affecto por mim não variou substancialmente.

"O que se passa é isso. Mas... prefiro repetir uma phrase que li não me lembro onde: "Os casaes vivem de perfil..." Explico... Subimos em um carro, sentamo-nos um ao lado do outro; se entramos em uma sala, o que fazemos dando o braço, nunca um de nós vê chegar o outro.

"Estamos sempre juntos. Isto é... vivemos de perfil... Duas pessôas que não se conhecem, que querem conquistar-se mutuamente se encontram cara a cara; seus desejos, suas recordações, suas palavras, suas confidencias... Quando apertamos uma creatura nos braços, temos de frente; porém, quando nos limitamos a lhe dar o braço, a temos de perfil...

"Chegámos á época em que se anda de algemas. Já não sahimos um á procura do outro, porque já nos encontramos definitivamente, porque andamos juntos, porque nos casámos. E assim caminharemos até o fim dos nossos dias, sem nos olhar, fixando sómente os demais que passam ao nosso lado. Ha muito tempo que não nos vemos, Frederico".

Frederico sorriu pensando: "Maria Luiza lê demasiado... As leituras lhes dão estas idéas extravagantes"...

Porém ella continuou:

— Não rias. O que te disse encerra uma tragedia; a tragedia de todos os casamentos... Devias comprehender melhor do que eu. Já não me surprehendes, nem eu a ti... Si devemos assistir a uma reunião, sou eu quem te compra a gravata e a camisa. E tu presencias todo o processo de minha *toilette*... Depois, na festa, perdidos entre os outros, nem nos olhamos. Por que?... Porque conhecemos nosso segredo: já te vi pondo a gravata e tu me viste com a cara cheia de creme. Somos os actores de uma farça. O publico que olha a representação julga que somos o que parecemos, porem, nós, não; a todo instante recobramos a nossa pobre indiividualidade...

"Pois bem, Frederico: é necessario que deixemos de andar de perfil; devemos ir um ao encontro do outro..."

E como elle não comprehendesse bem tudo aquillo, Maria Luiza precisou:

INDOLENCIA

DEIXÁMO-NOS ficar em casa, no domingo quente e amormaçado deste agosto banal, devorando paginas, numa soffreguidão de traças velhas, esquecidos das horas e do que lá fóra passava e effervescia, no borborinho das ruas.

Philosophos pessimistas e poetas lyricos. Estranho contraste!

Desmontei rumas completas de longos e áridos discursadores da vida, para colher aqui um amargo e duro conceito, e alli um doloroso periodo de mágoa e scepticismo, ou uma limpida revelação das torpezas da alma humana.

E quando eu me deixava mergulhar numa doce e silenciosa revolta contra a vida, ouvi os lyricos perfumados de magia e de sonho.

E ella, com a sua voz que tem a avelludada caricia duma "berceuse", murmurou aos meus ouvidos a fantasia triumphal dos poetas lyricos, emquanto, no alto, o velho sol causticava as ruas longas, os pinaculos dos arranhacéos e uma arvore ramalhuda cujos galhos pareciam querer penetrar pela nossa janella, ansiosos de repouso e sombra.

Eu continuei ouvindo-a a tarde toda, na excelsa evocação dos poemas longos, onde vibravam

De André Birabeau

— Vou passar um mez em casa de minha tia; tu irás só a Nice... Não nos escreveremos... trataremos de não pensar em nós. Durante um mez, marcaremos entrevistas no Casino.

— Mas então... irás a Nice comtigo?...

— Não; partirei primeiro e não descerei na cidade. Hospedar-me-ei em casa de minha tia. Tu irás para um hotel...

Surgiu uma discussão de varias horas.

Frederico repetia:

— E' absurdo... E' absurdo...

Mas Maria Luiza não cedia. E resolveu como ella quiz.

Sahiram juntos de casa, cada um tomou um taxi. Frederico disse mais uma vez: "E' um absurdo"...

Vendo-se só com as maletas na mão deante daquelles carros, sentiram que se lhes apertava o coração. Os taxis seguiram, um instante, o mesmo caminho. Depois Maria Luiza descobriu que o carro de Frederico desapparecera sem que ella percebesse.

Foi Frederico, naturalmente, quem menos sentiu a separação. Em Nice, achava mil occasiões para se distrahir, emquanto Maria Luiza se aborrecia em casa da tia.

O dia 2 de novembro foi o marcado para o primeiro encontro. Frederico dirigiu-se ao Casino, pensando mais uma vez: "E' absurdo"...

No emtanto, sua convicção já não era tão forte como antes. A decisão da esposa parecia-lhe muito interessante. Que impressão esquisita sentia, sabendo Maria Luiza na mesma cidade, sem o ter a seu lado!

A's dez horas da noite, os dois estavam no Casino. Procuraram-se no parque, no terraço e encontraram-se na sala de jogo.

Quando ella entrou, Frederico estava atraz do croupier... Olharam-se... Elle não se mexeu; ella avançou serena.

Viram-se. Viram-se cara a cara, como queriam, e comprehenderam que, com effeito, desde o dia do casamento não se tinham tornado a vêr.

Frederico viu avançar uma mulher de olhos azues, porém sem brilho. Ella viu que a esperava um homem deselegante, um pouco calvo, que lhe sorria com esforço, mostrando seus dentes de ouro... Viram-se... como dois estranhos como viam os demais! E elle pensou que não lhe poderia occorrer a idéa de se casar com essa mulher, si essa mulher já não fosse sua esposa.

Ella pensou o mesmo: que, si esse homem se atrevesse a fazer-lhe uma declaração de amor, rir-lhe-ia na cara!

Maria Luiza sentiu, de repente, o desejo de apressar seus passos. E elle, depois de um momento de hesitação e de immobilidade, foi precipitadamente ao seu encontro.

Frederico tomou sua esposa nos braços.

— Vamos, vamos... depressa...

E sahiu com ella da sala.

Comprehenderam que a vida matrimonial, com suas commodidades, seus egoismos, suas indifferenças, constituira uma felicidade superficial, porém segura, assim como uma renda a longo prazo. E essa felicidade tinha sido possivel, simplesmente porque nunca se tinham visto de frente, cara a cara...

E, rapidos, pressurosos, com o coração agitado pela imprudencia commettida, partiram do Casino de braço dado, bem apertados um contra o outro.

E continuaram andando de perfil... para não se verem

DOMINICAL

Nas rimas claras e sonoras, a historia ingenua de corações puros e felizes.

E o crepusculo chegou. Em silencio, como uma serpente a deslizar por entre alfombras suaves.

Detivemo-nos, então, contemplando o vulto magnifico da grande arvore frondosa.

Parecia calma, inerte, impassivel, sem o mais brando agitar de galhos.

Durante o dia doirado, andou certamente um alvoroço nas suas frondes verde-escuro. Idyllios ingenuos de canarios loiros e de pintasilgos empenachados de barretes negros. Pipilos musicaes felizes. A noite tambem já chegou. O sol, que andára espalhando orgias de luz pelo dia magnifico, já se debruçou no seu tumulo de uma noite, para resurgir amanhã, entre as clarinadas vermelhas da natureza em festa.

Philosophos livros fechados nos seus livros aridos e poetas encerrados sob as lombadas verde-claro, na paz da estante tranquilla.

Mas, os meus ouvidos guardavam ainda a musical doçura dos rythmos sonoros, os meus olhos a encantada caricia de outros olhos, e a minha alma o veneno subtil dos philosophos scépticos e pessimistas. — Augusto Nogueira.

(Continuação do numero anterior)

Tacteava cada degrau com o pé antes de assentar o peso do corpo.

Necessitava agora muito maior prudencia.

Temia agora que lhe preparassem algum laço para o fazerem desapparecer. Então com receio que o clarão da sua lanterna o trahisse, apagou-a logo que chegou á galeria. Reinava ali uma completa escuridão.

Nada se ouvia nas trevas.

Holmes puxou pelo seu resolver, armou-o e continuou a avançar cautelosamente. Caminhava muito devagar, mas não tinha perdido a coragem. Estava confiante na existencia duma sahida pela outra extremidade do corredor.

De tempos a tempos Sherlock Holmes parava para escutar. Depois, notando o silencio, retomava o seu caminho.

Após um quarto de hora pouco mais ou menos estremeceu.

Acabava de ouvir um ruido que lhe gelou nas veias o sangue. Era o cachoar da agua que corria pelo comprido solo do corredor. Já tinha os pés enterrados numa espessa lama.

Um terrivel sobresalto attingiu Holmes. Comprehendeu logo que queriam inundar o subterraneo e afogal-o ali.

Tal idéa teria levado ao desespero qualquer outro homem.

Mas elle, vencida a primeira impressão, accendeu a sua lanterna e olhou em volta de si.

A agua subia muito depressa e já lhe passava acima dos artelhos.

Não hesitou e poz-se a caminhar mais rapidamente.

Ouvia agora melhor a agua a correr em cachão.

Instinctivamente procurou um logar mais elevado para onde pudesse subir. Mas acima da sua cabeça apenas havia a abobada negra e lisa.

Sherlock Holmes pensou então que não mais tornaria a ver a luz do dia, que ia morrer ali miseravelmente. Certamente que não teria tempo de attingir a outra extremidade do corredor e a agua já lhe chegava aos joelhos.

E se elle desse uns tiros de revolver? Havia a probabilidade de serem ouvidos? Viria alguem em seu soccorro? Talvez. Mas poz de parte esta idéa.

Não se tratava agora de reflectir mas de salvar-se.

O perigo augmentava. Holmes avançava cheio de pavor... A agua já lhe attingia o peito.

Então o seu pé encontrou um degrau. Era o ultimo duma pequena escada. Subiu, mas a sua cabeça tocou numa parede dura e lisa.

Tinha chegado ao fim do subterraneo. Havia ali uma escada que terminava num alçapão aberto na abobada.

O SUBTERRANEO
(SHERLOCK HOLMES

Esta sahida tambem estava fechada.

Sherlock Holmes accendeu a lanterna e examinou friamente a situação.

A agua ainda que tivesse subido pouco, já lhe dava pela cintura.

Por cima delle a abobada lisa e negra como pedra dum sepulchro.

Um sepulchro! Isso mesmo.

Sherlock Holmes calculou que apenas lhe resta um quarto de hora de existencia.

A sua vida inteira lhe passou pela imaginação. Na verdade elle morria como um homem honesto, tendo sempre feito o bem, sempre sido util á sociedade.

Mas um frio desespero o assaltava: era succumbir ás odiosas machinações de criminosos.

Não, elle não queria morrer!

E agua subia sempre. Já lhe tocava o peito.

Pacientemente, palpou a abobada e as paredes.

Nada!

Então, a sua mão procurou o revolver.

Queria servir-se delle como dum signal, ou pensa em abreviar as suas torturas?

Mas, poz de parte essa idéa e uma ultima vez, c a lanterna que elle conservava acima d'agua que lhe attingia os hombros examinou a abobada.

Num canto da parede, uma mosca se tinha refugiado para escapar á agua.

A mão de Sherlock Holmes, palpando a parede deu com o animalsinho. Mas elle não se moveu.

Como a aranha da casa de lord Dempson e a da "villa" Likeness, a mosca era feita de metal artisticamente trabalhado.

Carregou. Um leve ruido se fez ouvir. A abobada pareceu elevar-se por cima da sua cabeça.

Era tempo. A mortifera agua já lhe chegava aos labios.

O alçapão abriu-se. Elle subiu.

Estava salvo.

A mola devia incidir tambem sobre uma porta, porque após um instante estava no salão da "villa" Likeness.

Este homem extraordinario ao escapar a uma morte imminente apenas tinha nos labios um leve sorriso.

Uma passagem secreta reunia assim as duas habitações. Era por ahi que tinha passado o assassino. E quem seria elle...

O primeiro dever do policia era verificar os factos.

Atravessou prudentemente o salão e as casas vizinhas. No vestibulo encontrou um comprido sobretudo pendurado num cabide. Vestiu-o logo para dissimular o melhor possivel o banho forçado que acabava de tomar.

Premindo um timbre chegou um creado.

— Onde está a senhora Likeness? perguntou.

— Sahiu?

— Onde foi?

— Não sei, respondeu o creado.

Sherlock Holmes retirou-se.

Ao canto da rua estava um carro vazio.

— Carlos Street, 24, disse elle ao cocheiro.

Era a direcção da casa de lord Dempson.

CAPITULO VI

AMOR, LUTA E EMBRIAGUEZ

— A gente que eu mais detesto são os espiões e denunciantes, murmurou a senhora Ruth Likeness depois de ter fechado Holmes no subterraneo.

Friamente, fez girar o mecanismo que immobi

MYSTERIOSO

(POR CONAN DOYLE)

[illegible] a porta secreta por onde acabava de passar. Depois indo á casa de banho, abriu as torneiras destinadas a inundar o subterrâneo.

— Ninguém deve conhecer o segredo, disse ella com uma voz colérica e os olhos em chammas. Este patife merece a morte!

Para que a minha vida não corra perigo é necessario que elle pague com a vida sua audaciosa curiosidade!

De repente, ella poz-se á escuta.

Uma carruagem parava deante da porta.

— E' Carlos Whiteley! exclamou ella.

Fechou rapidamente as torneiras e correu para o salão. Tirou o chalé, repassou a vista pela toilette e arranjou o penteado. Em seguida poz-se a escutar.

Não passava de um falso alarma. A carruagem afastava-se.

Mas elle não podia tardar...

— Conduzil-o-ei a um quarto muito apropriado ao meu fim, disse ella. Meu Deus! Quando o destino desvia uma pessoa do bom caminho, era melhor que o diabo tomasse conta della: o mundo é tão cruel para a mulher que põe um pé em falso, tão sem piedade para aquella que claudica!

A Senhora Likeness tinha olhado involuntariamente para um retrato de seu tio em tamanho natural que se encontrava na sala. Os olhos habituam-se tanto aos objectos, que acabam por não dar por elles senão quando os retiram dos seus logares.

A Senhora Ruth tinha visto immensas vezes este retrato mas muito raramente o fixava. Porem agora, nesta noite, o retrato parecia-lhe animado, os olhos brilhavam e a expressão physionomica dava-lhe a impressão de vida.

Poz-se a contemplal-o com o desdem das recordações odientas: parecia que o sorriso frio da figura a fitava. Ella cruzou os braços sobre o peito e olhando para o quadro poz-se a invectivar a imagem do lord.

— Fizeste de mim uma desgraçada, murmurou ella e a tua maldição ainda me persegue! Se existe uma justiça eterna destinada a julgar não só os actos mas tambem as ideas e desejos de todos nós, eu e tu ainda um dia nos havemos de encontrar. Esperando esse momento de liquidação das nossas culpas e peccados os meus olhos não querem tornar a ver-te, imagem odienta dum ser aborrecido. Vou arrancar-te desta parede, como o desejaria fazer da minha memoria.

Não quero mais ver-te, desapparece!

E arrancando o quadro atirou-o ao chão com violencia. Mas logo recuou, soltando um grito de terror. Em um nicho, por detraz do quadro, estava assentado um esqueleto. As suas orbitas profundas pareciam fital-a com ironia; parecia ouvir ranger os dentes amarellos.

— Deus todo poderoso! O que é isto? exclamou a senhora Likeness cahindo de joelhos, meio desmaiada deante da funebre apparição.

Não poude por muito tempo supportar este espectaculo. Levantou-se cambaleando, e refugiou-se noutra casa...

A vista desse esqueleto consternou-a tanto como se se tratasse dum crime recente. E comtudo, terrivel paradoxo, sem a sombra dum remorso ella acabava de afogar aquelle que havia fechado no subterraneo. Porem, a commoção fôra muito intensa. E desesperada estendeu-se sobre um chaise-longue chorando copiosamente.

Não tardou, comtudo a encobrir a sua commoção. O ruido duma carruagem acabava de ferir de novo, a sua attenção. Era certamente Whiteley.

Levantou-se, enxugou os olhos e limpou a cara, refez o penteado.

Batiam á porta, e Ruth com o sorriso nos labios foi logo abrir.

— Minha querida! disse-lhe o procurador geral, abraçando-a.

A sra. Likeness fechou a porta á chave e guiando o seu amante dirigiu-se para um pequeno salão propiciamente escolhido. Esta casa que parecia destinada aos desvaneios do amor, apenas tinha uma porta e uma janella. Simples no seu mobiliário, mas elegante na sua ornamentação.

Num elegante fogão Império crepitava o fogo de modo a agasalhar os dois amantes das inclemencias do tempo.

— Porque me esperaste aqui nesta casa, Ruth, perguntou Whiteley.

— Porque para o amor deve escolher-se, sempre, um asylo solitário e aqui meu adorado ninguém virá alterar a nossa felicidade!

Depois accrescentou, com um olhar de especial significação.

— Tenho frio. Accendi o fogão para que nos aquecesse.

Entretanto tirava dum armario uma garrafa e dois copos, collocava-os sobre uma pequena mesa, e assentando-se ao lado do seu amante, encheu-os com um vinho capitoso.

— Pela nossa felicidade! disse Whiteley tocando o seu copo no della.

Beberam, e ella aconchegou-se nos seus braços.

— E' aqui minha querida que tu me vies confessar tudo? perguntou-lhe elle. Fala, meu amor, tudo desejo saber.

A sra. Likeness calou-se por um momento, pensativa e com um amargo sorriso nos lábios.

— Vaes, emfim saber tudo, meu querido. Ouve. Haviam-me casado contra minha vontade com lord Likeness. Respeitava meu marido, e apesar da nossa differença de idades, durante o primeiro anno do casamento, fui o que devia ser. Não tínhamos grande ostentação, só raramente recebíamos visitas, e entre essas com particular assiduidade, meu tio lord Dempson.

Uma noite achavamo-nos sós, eu e elle, nesta mesma sala. Havíamos entabolado uma conversação, que eu tinha provocado com particular interesse.

Tempos antes meu marido contrahira uma divida que não podia pagar dentro do prazo marcado. Elle dirigira-se a mim para que eu solicitasse o auxilio de meu tio.

(Continúa na pag. adeante)

Não me poude recusar, e para poupar a meu marido, certamente, grandes desgostos, procurei desempenhar-me dessa missão.

Meu tio respondeu-me que não punha duvida em nos auxiliar com a condição apenas, dizia elle, de que eu me tornasse sua amante. Confessou que sentia por mim, já ha muito tempo, uma irresistivel paixão.

Tinha que ceder... Senão, este recusava-nos o seu apoio e iria até desherdar-nos.

Indignada, retirei-me. Sem reflectir, no primeiro impeto de colera disse tudo a meu marido. Mas logo me arrependi. O seu odio attingiu ás raias da loucura. Temi alguma catastrophe, e infelizmente não me enganei. Nessa noite, quando limpava a espingarda, morreu.

Creio bem que elle preparava essa arma para a usar contra o nosso indigno tio.

— Porque se tem falado tanto no suicidio do teu marido? perguntou Whiteley.

— Porque a letra vencia-se nesse mesmo dia. Comprehendes já, como por uma simples associação de idéas, as más linguas, logo concluiram o facto do suicidio. Mas o verdadeiro autor da morte foi esse maldito tio. Se a sua attitude para commigo tivesse sido outra, meu marido não teria pegado na espingarda e a desgraça não succederia.

— Miseravel! Mas... e a morte de lord Dempson?...

— E' um mysterio. Não falemos em tal, isso incommoda-me muito. Aperta-me nos teus braços, meu Carlos, para esquecer estas tristes recordações...

Elle obedeceu. Então lady Likeness debruçou-se sobre o peito de Whiteley, e o tempo passou.

Uma atmosphera espessa e pesada enchia a casa. Imagens risonhas perpassavam ante os seus olhos. E afastando-se das cruas realidades da vida adejaram em pensamento para as regiões doces da chimera...

Pouco a pouco os gazes do carvão os iam envolvendo. A asphyxia suffocava-os lentamente. Mortaes emanações saturavam a atmosphera do pequeno salão hermeticamente fechado...

CAPITULO VII
O SEGREDO DA CASA DO LORD

Sherlock Holmes mandou para o carro á esquina de Carly-street, pagou e seguiu pelo passeio até o numero 24. Parou então e olhou com attenção o palacio. Este apresentava-se sombrio e em silencio.

Aproximou-se da porta e collando a ella o ouvido poz-se a escutar.

Reinava o mais completo silencio.

Com o auxilio duma chave falsa, abriu a porta e pé ante pé penetrou na casa. As trevas envolviam tudo.

— Teria sahido a senhora Likeness? perguntou a si proprio o policia. Não seria máo. Poderia assim proseguir em paz as minhas investigações que não deixarão de ser productivas.

Sem fazer ruido, subiu a escada que conduzia ao rez-do-chão.

Abriu com precaução a porta do quarto, poz a funccionar a sua lanterna electrica e puxou do seu revolver, prompto a fazer uso delle.

Era o quarto onde a senhora Likeness tinha arrancado da parede o retrato de seu tio. Sherlock recuou de espanto perante o esqueleto.

Recobrando o sangue frio, reflectiu:

— Vejamos, já aqui se commetteu um crime.

E' preciso que eu observe de perto este esqueleto.

Subiu para uma cadeira, para sondar o esconderijo com a lanterna. As suas investigações foram coroadas de exito.

Num canto, perto dum pé do esqueleto, encontrou algumas folhas de papel escriptas á mão, e que indicavam terem sido ali postas recentemente.

— "Uma confissão" leu elle. Isto vae bem. Guardemos com cuidado, logo iremos ver...

Depois illuminou o salão e procurou uma outra porta.

Não tardou a encontral-a. Abriu-a mas recuou logo. Uma claridade baça lhe feriu a retina ao mesmo tempo que uma pesada atmosphera o suffocava.

Estava no pequeno salão onde ternamente abraçados, a senhora Likeness e o seu amante dormiam provavelmente o seu ultimo somno...

O policia comprehendeu logo a perigosa situação. Atravessou rapidamente a sala abrindo todas as portas e janellas do aposento. Depois com algumas garrafas de agua apagou o fogão.

A mortifera atmosphera foi pouco a pouco se dissipando. Comtudo os dois amantes continuavam immoveis e apesar das energicas tentativas de Holmes ainda não tinham recuperado a vida.

Então o policia sahiu precipitadamente e correu á pressa á proxima estação de soccorros sanitarios para fazer remover Whiteley e lady Likeness.

Os maqueiros dali a pouco levaram os dois.

Holmes voltou rapidamente á casa do lord Dempson. Experimentou uma nova alegria quando descobriu na casa de banho as torneiras que faziam inundar o subterraneo.

Alem disto nada mais havia de extraordinario naquella casa.

Entrou num dos salões, e poz-se á escuta. Quando se viu bem só e tranquillo, tirou o manuscripto da algibeira e poz-se vagarosamente a decifral-o.

— A sra. Likeness e o seu procurador não voltarão tão cedo, tenho tempo de me demorar na leitura deste papel.

Percorreu-os lentamente primeiro, e depois cada vez mais depressa, levado pelo interesse da descripção.

UMA CONFISSÃO

"Quando estas linhas forem encontradas talvez que os autores do drama já tenham morrido ha muito tempo. Que aquelle que me ler fique sabendo que eu não escrevi isto para lhe satisfazer a curiosidade, mas sim para libertar a minha alma dolorosamente opprimida pela força do remorso.

"O amor senil de lord Dempson por sua sobrinha foi a origem de todas as nossas desgraças.

"Um corredor secreto une a casa do lord Dempson ao Palacio Likeness. O lord conhecia-o ha muito tempo e revelou o segredo a sua sobrinha, na esperança de poder utilisar o subterraneo para as suas entrevistas.

"Mas o velho lord enganava-se sobre os sentimentos de Ruth, que repelliu todas as propostas. Então elle mettendo-se nos negocios do marido de sua sobrinha, já pouco animadores, de tal modo preparou as coisas que o levou mysteriosamente á ruina, persuadido de que Ruth nada lhe recusaria, quando elle se apresentasse para a salvar de apuros financeiros.

"Mas ainda esta tactica não produziu os resultados que o lord esperava. As suas tentativas foram baldadas e a lady contou tudo ao marido. Escondido por traz da porta entreaberta do corredor secreto, lord Dempson ouviu a confissão. Viu lord Likeness dirigir-se para o seu armeiro, tirar dali uma arma e dispor-se a sahir, provavelmente para se vingar.

"Do seu esconderijo, o tio matou o sobrinho com um tiro de espingarda e voltou para a sua casa pelo subterraneo.

"Toda a gente imaginou que lord Likeness tivesse sido victima da sua inhabilidade ao limpar uma espingarda.

"Só Ruth viu! Ninguem mais o sabe.

"Lord Dempson receiava muito ser denunciado por sua sobrinha quando se apresentasse no enterro. Mas ella nada disse. Não amava seu marido e a morte deste deixou-a indifferente.

"O autor destas linhas, um antigo criado, collocou este esqueleto por traz do retrato do lord Dempson, o avô da casa. Foi elle que mandou cavar o subterraneo entre as duas casas. Foi victima de um assassinato e o seu corpo tendo sido encontrado depois de muitos annos no subterraneo que elle mandou construir, foi collocado por mim, por ordem de seu neto no nicho onde actualmente se encontra, por traz do quadro.

"Porque? Não sei.

"Foi assim que eu soube do segredo.

"Este neto do lord Thompson Dempson tambem morrera de um modo estranho. Tenho a firme convicção disso. Quando? Como? Não o sei. Mas posso affirmar que lady Ruth conhecia o acto commettido por seu tio, que ella o odiava e procurava se vingar.

. . . .

"Post-scriptum. O tempo passou. Aconteceu o que eu previa. E eu proprio collaborei no acto.

"Mas, é preciso que eu conte tudo.

"Um dia, a senhora Ruth surprehendeu-me quando eu procurava fazer mover o mecanismo que abria a porta secreta.

"— Tu conheces o segredo do subterraneo? perguntou-me ella.

"Fingi admiração, mas a minha perturbação não lhe passou despercebida.

"— Desde quanto tempo estás ao serviço do lord? continuou ella.

"— Ha dezeseis annos. Comecei muito novo.

"— E tu estimas o lord?

"— Sirvo-o o melhor que posso. Quanto a estimal-o, isso é outro caso. Só ha uma pessoa que eu estimo, que eu amo no mundo.

"— E quem é?

"— E' vossa excellencia minha senhora! E todo tremulo pela minha audacia eu cahi a seus pés, supplicando-lhe que esquecesse as minhas insolentes palavras.

"Mas ella respondeu-me apenas:

"— Vou esta noite ao meu palacio por esta passagem. Esperar-te-ei.

"Duvidava do que acabava de ouvir. Como! eu, um pobre pária? Seria possivel ver realizado o mais ardente e o mais secreto dos meus desejos?

"Só eu sei o quanto me custou a refrear a minha impaciencia até á hora da entrada. No momento combinado, lá estava no meu posto. A senhora Likeness esperava-me no salão do seu palacio onde vae dar o subterraneo. Recebeu-me amavelmente.

"— Dizes que me amas, Walker? Estás prompto a comprovar-m'o?

"— Estou prompto a dar a vida se tal m'o exigir, minha senhora!

"— Farás tudo o que eu te ordenar?

"— Sem a menor hesitação.

"— Pois bem! toma este machado.

"A lady já tinha preparado um machado. Eu peguei-lhe.

"— Segue-me á casa de meu tio, continuou ella. Ouvirás a nossa conversa. E a um signal meu, has de matal-o.

"Fiquei aterrado.

"— Eu? matar o meu patrão... vosso tio...

"— E's um covarde? Hesitas?

"Poz-se a rir desdenhosamente.

"— Pretendes amar-me!

"— Amo-a loucamente. Para lh'o provar, estou prompto a seguil-a minha senhora. E depois de eu fazer o que me ordena ...?

"— Então recompensar-te-ei!

(Continúa na pag. seguinte)

"Ella nada mais me disse. Eu nada mais lhe perguntei. Tinha comprehendido.

"Tremia de horror seguindo atraz della pelo subterraneo. E ia eu commetter um crime! Mas ao pensar em tal, via deante de mim, á claridade da lanterna o perfil daquella que eu amava tanto, respirava o seu perfume... e caminhava de cabeça baixa para o meu destino criminoso, seguindo a lady como um cão.

"No fim do corredor, ella parou, poz-se a escutar e fez trabalhar o mecanismo.

"— Fica ahi, disse-me ella.

"Fechou a porta; eu fiquei por traz a escutar.

"A principio nada ouvi. Um suor frio alagava-me o rosto. Depois...

"Notei que as vozes se aproximavam. Puz-me a escutar, retendo a minha respiração.

"— Tenho auxiliado até agora, dizia o meu patrão, para evitar de cahires na miseria. Porém daqui em deante está tudo acabado, se o teu orgulho todo continuar a impedir de te renderes ao meu amor. Tu sabes como eu sou louco por ti. Está na tua mão o seres muito rica. Senão, abandono-te, desherdo-te, toda a minha fortuna irá para os pobres, e tu irás mendigar o teu pão!

— Deixe-me reflectir por algumas horas, supplicou-lhe, dizia a voz suave de Ruth. Se eu me decidir a isso, voltarei á meia noite pelo subterraneo. Deite-se pois, para que minha tia não desconfie de coisa alguma.

"— Voltarás? E' certo? perguntou o lord.

"— Voltarei... para não mendigar!

"A senhora Likeness deixou-o, e eu ouvi os seus passos aproximando-se da porta secreta. Dei um pulo para traz e desci a escada.

"— Estás ahi? segredou ella accendendo a lanterna.

"— Estou aqui, minha senhora.

"— Volta para casa, junta-te aos teus outros collegas. Deita-te tranquillamente. Ahi pela meia noite, levanta-te e sem ruido vem ver-me. Saberás o resto. Esperar-te-ei...

"Seguimos precipitadamente pelo subterraneo até ao palacio Likeness. Ali deixei a senhora, e fiz o que ella me ordenara.

"Pela meia noite, voltei ao seu encontro, sem ser visto por ninguem, e nós tomando novamente pelo corredor secreto, voltamos á casa de lord Dempson.

"A meio do subterraneo, parou inesperadamente e voltou-se para mim.

"— Agora aqui ninguem nos póde ouvir, disse ella com a sua voz encantadora. Vou explicar-te o meu plano. Meu tio é um ser ignobil. Faz-me propostas que eu não quero acceitar de modo nenhum. De mais, é um assassino. Matou meu marido.

"Queres tu vingar-me? Queres tu merecer o meu amor?

"Eu não respondi coisa alguma.

"— Ninguem o saberá, disse a tentadora, aproximando-se de mim até ao contacto. Graças ao corredor secreto, ninguem adivinhára que tu entraste no quarto. Asseguro-te o teu futuro. E depois...

"Aproximando-se de mim ainda mais, apertou com as suas duas lindas mãos a minha cabeça. Os seus labios procuraram os meus...

"Este argumento foi decisivo.

"— Farei o que quizer, disse-lhe quasi em voz alta...

"Ella tapou-me a bocca com a sua delicada mão que eu cobri de beijos.

"— Então, vae! Espero-te aqui. Pensa em mim... Logo que acabares, volta depressa.

"Eu caminhava como um sonho. Cheguei á porta do corredor. Puz em movimento o mecanismo. A porta abriu-se, e eu achei-me no quarto do lord, meu patrão.

"— Que queres aqui? perguntou elle erguendo-se. Estava deitado. Porque vens por ahi?

"Não lhe deixei terminar a phrase. Levantei o machado e descarreguei-lh'o sobre a cabeça. Mas o excesso da minha precipitação tornava-me desageitado. O lord ainda estava forte. Defendeu-se, amaldiçoando Ruth. Entretanto, recuperando animo descarreguei golpes sobre golpes como um louco. O lord, cahiu, não dando mais signal de vida!

"Neste momento, despertada pelo barulho, entrava a senhora Dempson. Vi-me perdido. Corri para ella, agarrando-a pelo pescoço, e arrancando um cordão do fato de dormir atei-lh'o ao pescoço, e, torcendo-o com o auxilio de uma bengala, estrangulei-a.

"Coisa extraordinaria! Sentia-me sem gotta de sangue. Mas tive a presença de espirito para lavar as mãos e sahir pela porta secreta. Levei commigo o machado de que me tinha utilizado para perpetrar o crime.

"A senhora Likeness esperava-me. Com a voz entrecortada ainda de pavor e talvez já de remorso, fiz-lhe a descripção do meu crime. A' claridade da lanterna, vi o seu rosto empallidecer. Cambaleou, e ia cahindo, mas recuperando as forças, puzemo-nos a caminho para o seu palacio.

"Depois bebi, para socegar, muitos copos de vinho. Entretanto a senhora Likeness indicava-me o que tinha a fazer.

"— Deves voltar já para casa, disse-me ella, e deitares-te, evitando o mais possivel que algum dos teus collegas te veja. Parte depressa. Voltarás aqui logo que a primeira emoção sobre este duplo crime tenha passado.

(Continúa no proximo numero)

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.)...... 48$000
Semestre (26 »)...... 25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.)...... 70$000
Semestre (26 »)...... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.)...... 78$000
Semestre (26 »)...... 40$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.)...... 115$000
Semestre (26 »)...... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

F O N - F O N

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

Redactores-chefes: Theo Filho e Gustavo Barroso — Gerente: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2-4136

Director: 2-0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON - FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON - FON e SELECTA S/A.

Representantes na Europa:

Comptoir International de Publicité Garçon & Levindrey Rue Trenchet, 9 — France — Paris VIII Ludgate Hill. Londres.

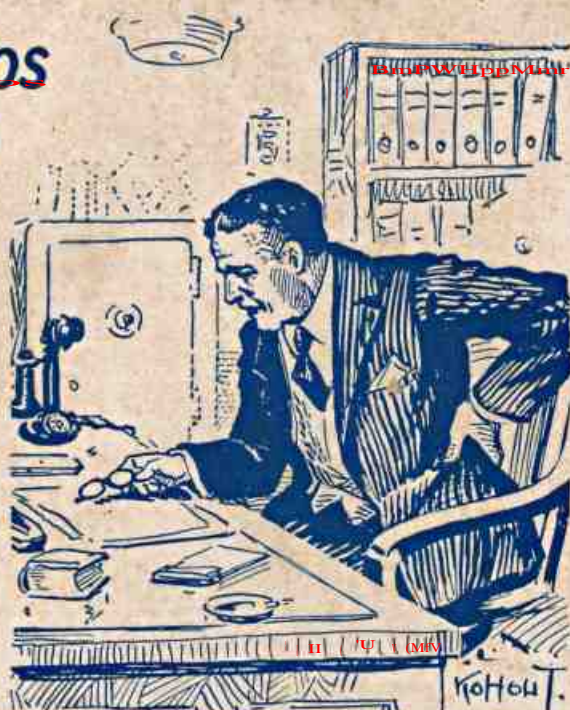
Venda avulsa .... 1$000

Numero atrazado .... 1$500

O Homem de Negocios precisa de 100%

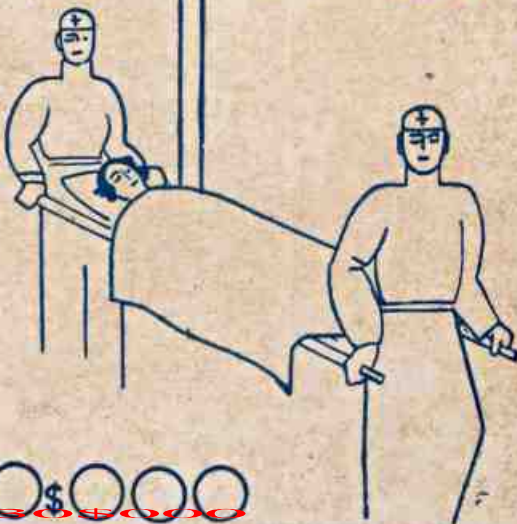
de sua actividade. Para isso é indispensavel que seu sangue seja bem filtrado pelos rins. Rins debilitados produzem dôres nos quadris, rheumatismo, dôres de cabeça, inchação, desordens urinarias, calculos, ataques de uremia e outros males minadores da energia.

As Pilulas de Foster restituem aos rins a saude de que carecem.

PARA OS RINS E A BEXIGA

PILULAS DE FOSTER

CASA DE SAUDE DR. FRANCISCO GUIMARÃES

Rua Aristides Lobo 115

Tel. 21266

Diarias desde 15$000

Quarto particular desde 30$000

DR. FRANCISCO GUIMARÃES — Cirurgião — Trav. do Ouvidor, 36. Phone: 3-5289 — [illegible]

Noites em claro

• Não se preoccupe com o amanhecer do dia seguinte, quando estiver se divertindo á vontade. Tome uma dose de Leite de Magnesia de Phillips ao recolher-se e outra ao levantar-se. Assim livrará seu estomago e intestinos dos residuos venenosos, e não sentirá dôr de cabeça nem nauseas. Mas é indispensavel que tome o legitimo: o de Phillips. Rejeite as imitações.

LEITE DE MAGNESIA DE PHILLIPS

o antiacido-laxante ideal

Ouvidor, 98 — Rio | PAUL J. CHRISTOPH COMPANY | S. Bento, 35 — S. Paulo